

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**



**COMBATE À DESINFORMAÇÃO NAS  
INICIATIVAS DE LITERACIA DIGITAL PARA  
ADULTOS EM PORTUGAL**

**Vanessa Susana Fortuna dos Santos Veríssimo**

**MESTRADO EM EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS - EaD**

**Dissertação orientada pela Professora Doutora Joana Andreia Domingues**

**Viana**

**2024**

*Dedico este trabalho à minha família, pelo apoio incondicional e amor ao longo deste percurso. Aos meus pais, filhos e marido, que foram a minha força e inspiração em cada etapa deste desafio.*

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho representa o culminar de um período intenso, exigente e desafiante, repleto de aprendizagens e crescimento pessoal e académico. Ao longo deste percurso, contei com o apoio e compreensão de pessoas que foram fundamentais para a sua concretização, a quem gostaria de expressar o meu profundo agradecimento.

Em primeiro lugar, dirijo um profundo agradecimento aos meus pais, pela imensa paciência e compreensão demonstradas ao longo deste período. A vossa constante tolerância e apoio incondicional, mesmo nos momentos em que estive menos disponível, foram pilares fundamentais para que eu pudesse manter o foco e a determinação necessários para concluir este projeto. A vossa confiança nas minhas capacidades e o vosso carinho ajudaram-me a superar cada obstáculo. Ao meu irmão, agradeço pelo incentivo constante e pelo exemplo de força e resiliência que sempre me transmitiu.

Aos meus filhos, gostaria de manifestar o meu reconhecimento pelo apoio incondicional e pela força que sempre me transmitiram. O vosso carinho, dedicação e compreensão foram uma fonte constante de motivação. Apesar de todas as minhas ausências e do tempo que vos foi retirado para a concretização deste trabalho, nunca deixaram de me apoiar. Vocês foram, sem dúvida, a minha maior inspiração e força ao longo deste caminho.

Ao meu marido, deixo uma palavra de gratidão profunda por todo o amor, paciência e confiança que sempre depositou em mim. O seu apoio constante, a compreensão perante os sacrifícios exigidos e a forma como sempre acreditou nas minhas capacidades foram elementos essenciais para a conclusão deste trabalho. O seu companheirismo e dedicação ao longo deste percurso proporcionaram-me o equilíbrio e a força necessários para enfrentar cada etapa com resiliência.

Agradeço também à minha Diretora, pela compreensão e flexibilidade demonstradas ao longo deste período, permitindo-me conciliar os desafios profissionais com as exigências académicas.

À Professora Doutora Joana Viana, pela sua orientação exemplar e pelos seus valiosos conselhos ao longo de todo o processo. A sua paciência, dedicação e estímulo constante foram fundamentais para a realização desta dissertação. Estendo também o meu agradecimento a todos os docentes do Mestrado em Educação e Tecnologias Digitais, cujos

ensinamentos e apoio contribuíram de forma significativa para a minha formação e a concretização deste trabalho.

Finalmente, agradeço a todos os que, direta ou indiretamente, apoiaram-me e incentivaram durante esta jornada. Este trabalho reflete o contributo e o apoio de todas essas pessoas, a quem estarei sempre profundamente grata.

## RESUMO

O presente trabalho de dissertação, realizado no âmbito do Mestrado em Educação e Tecnologias Digitais, teve como objetivo investigar as iniciativas de literacia digital para adultos em Portugal, e o modo como consideram o combate à desinformação. O estudo procurou compreender de que forma essas iniciativas abordam o tema das informações falsas, identificar as práticas formativas adotadas para capacitar os adultos na identificação e combate à desinformação, e explorar a perceção dos formandos sobre a eficácia dessas formações. A investigação adotou uma metodologia qualitativa, concretizada através de pesquisa e análise documental de informação sobre iniciativas de literacia digital em Portugal disponível em páginas web e da realização de entrevistas semiestruturadas a formadores, complementadas por entrevistas de grupo focal com formandos. A pesquisa e análise documental permitiu desenvolver o mapeamento de ofertas formativas disponíveis em Portugal neste domínio. As entrevistas a formadores visaram compreender as estratégias pedagógicas utilizadas para combater a desinformação, bem como os principais desafios na implementação dessas ações. As entrevistas de grupo focal com os formandos captaram as suas perceções acerca da utilidade das formações neste domínio e a sua capacidade de lidar com a desinformação no seu quotidiano. Os resultados indicam que a maioria das iniciativas de literacia digital contra a desinformação são oferecidas em formato *online*, com apenas uma oferta presencial localizada em Lisboa. A centralização geográfica da formação presencial e a prevalência de cursos *online* levantam desafios em termos de acessibilidade, sobretudo para adultos em regiões periféricas ou com menor literacia digital. Foi também identificada a necessidade de uma abordagem mais inclusiva, que vá além da utilização funcional de ferramentas digitais de verificação da informação, e promova o desenvolvimento de competências reflexivas e analíticas entre os formandos. Em conclusão, para responder aos desafios colocados pela desinformação, é essencial diversificar e expandir as ofertas de literacia digital, com especial atenção para as populações mais vulneráveis e regiões menos servidas por iniciativas presenciais. Recomenda-se, também, a atualização sistemática dos conteúdos formativos, de modo a acompanhar as novas formas de desinformação, como os *deepfakes* e outros fenómenos emergentes.

**Palavras-chave:** literacia digital, desinformação, notícias falsas, educação de adultos, tecnologias digitais.

## ABSTRACT

The aim of this dissertation, carried out as part of the Master's programme in Education and Digital Technologies, was to investigate digital literacy initiatives for adults in Portugal, and how they consider combating disinformation. The study sought to understand how these initiatives address the issue of false information, to identify the training practices adopted to empower adults to identify and combat disinformation, and to explore trainees' perceptions of the effectiveness of these training programmes. The research adopted a qualitative methodology, carried out through research and documentary analysis of information on digital literacy initiatives in Portugal available on websites and semi-structured interviews with trainers, complemented by focus group interviews with trainees. The documentary research and analysis made it possible to map the training offers available in Portugal in this field. The interviews with trainers aimed to understand the pedagogical strategies used to combat disinformation, as well as the main challenges in implementing these actions. Focus group interviews with trainees captured their perceptions of the usefulness of training in this field and their ability to deal with disinformation in their daily lives. The results indicate that the majority of digital literacy initiatives against disinformation are offered online, with only one face-to-face offer located in Lisbon. The geographical centralisation of face-to-face training and the prevalence of online courses raise challenges in terms of accessibility, especially for adults in peripheral regions or those with lower digital literacy. The need for a more inclusive approach was also identified, which goes beyond the functional use of digital information verification tools and promotes the development of reflective and analytical skills among trainees. In conclusion, in order to respond to the challenges posed by disinformation, it is essential to diversify and expand digital literacy offers, with special attention to the most vulnerable populations and regions less served by face-to-face initiatives. It is also recommended that training content be systematically updated to keep up with new forms of disinformation, such as deepfakes and other emerging phenomena.

**Keywords:** keywords: digital literacy, disinformation, fake news, adult education, digital technologies.

## **LISTA DE ABREVIATURAS, ACRÓNIMOS E SIGLAS**

**BAD**

Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas

**CENJOR**

Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas

**CNCS**

Centro Nacional de Cibersegurança

**CRAP**

Currency, Reliability, Authority, Purpose / point of view

**DESI**

Digital Economy and Society Index

**IFLA**

International Federation of Library Associations and Institutions

**MOOC**

Massive Open Online Course

**TIC**

Tecnologias da Informação e Comunicação

**UE**

União Europeia

**UNESCO**

Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

## NOTA DE ESTILO

Apresentam-se os estilos adotados nesta dissertação, nomeadamente relativos à referência bibliográfica, paginação e formatação e codificação dos entrevistados.

### **Referência bibliográficas**

No que concerne às referências bibliográficas e às citações, seguem-se as orientações da 7.<sup>a</sup> edição da American Psychological Association (APA). Estas normas não são usadas para a paginação do documento.

### **Codificação das entrevistas**

Quanto às entrevistas semidiretiva e de grupo focal, os participantes são codificados de forma clara e consistente ao longo do estudo: os formadores de iniciativas de literacia digital são identificados pela letra E seguida de um número (E1) e os formandos são referenciados com a letra F e um número correspondente (F1).

Os excertos do discurso das entrevistas são apresentados em itálico, entre aspas, seguidos da respetiva codificação, como no exemplo: “excerto” (E1).

### **Paginação e formatação**

A paginação é colocada no canto inferior direito de cada página. Para a numeração das páginas, utilizam-se algarismos romanos minúsculos (i, ii, iii, etc.) até à introdução, a partir da qual a numeração continua com algarismos árabes até ao último anexo.

A redação do texto respeita o Acordo Ortográfico em vigor em Portugal, conferindo consistência na aplicação das normas ortográficas.

As expressões em língua estrangeira são apresentadas em itálico.

## ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	ii
RESUMO .....	iv
ABSTRACT.....	v
LISTA DE ABREVIATURAS, ACRÓNIMOS E SIGLAS .....	vi
NOTA DE ESTILO .....	vii
ÍNDICE.....	viii
ÍNDICE DE QUADROS .....	x
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	6
1.1 - Notícias falsas .....	6
1.2 - Tipologia de informações falsas .....	7
1.3 - Evolução histórica do fenómeno informações falsas .....	10
1.4 - Implicações da propagação de informações falsas .....	11
1.5 - Estratégias de Combate à Desinformação.....	14
1.6 - Papel da literacia no combate às informações falsas .....	15
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA.....	20
2.1 Introdução .....	20
2.2 Definição do Problema de Investigação .....	20
2.3 Questões e objetivos de investigação .....	21
2.4 Caracterização dos participantes no estudo .....	22
2.5 Abordagem Metodológica .....	22
2.6 Técnicas de Recolha e de Análise de Dados .....	23
2.6.1 Pesquisa e Análise Documental .....	25
2.6.2 Entrevistas Semidiretivas .....	26
2.6.3 Entrevistas de Grupo Focal .....	28
2.6.4 Análise de Dados.....	31
2.7 Validade e Fiabilidade .....	35
2.8 Considerações Éticas .....	35
CAPÍTULO 3 - APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS .....	37
3.1 Iniciativas de Literacia Digital para Adultos em Portugal .....	37
3.1.1 Objetivos .....	38

3.1.2 Público-Alvo .....	40
3.1.3 Duração da Formação .....	41
3.1.4 Parcerias .....	42
3.1.5 Contexto de Implementação das Iniciativas .....	44
3.1.6 Regime de Formação .....	45
3.1.7 Distribuição Geográfica da Oferta .....	46
3.2 Práticas Formativas Adotadas para Combater a Desinformação .....	47
3.2.1 Conteúdos Programáticos .....	47
3.2.2 Métodos Pedagógicos .....	48
3.2.3 Efeitos da Formação .....	50
3.2.4 Ferramentas de Verificação .....	52
3.2.5 Avaliação e Certificação .....	54
3.3 Importância Atribuída às Notícias Falsas pelos Formandos Adultos em Literacia Digital .....	55
3.4 Discussão de Resultados .....	59
3.4.1 Iniciativas de literacia digital .....	59
3.4.2 Práticas Formativas no Combate à Desinformação .....	61
3.4.3 Importância Atribuída às Notícias Falsas pelos Formandos Adultos em Literacia Digital .....	64
CONCLUSÃO .....	67
Limitações do Estudo e Sugestões para Estudos Futuros .....	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	73
LEGISLAÇÃO CONSULTADA .....	79
ANEXOS .....	80
Anexo A - Parecer da Comissão de Ética do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa ..	81
Anexo B - Guião da entrevista aos formadores .....	83
Anexo C - Guião da entrevista de Grupo Focal aos formandos .....	90
Anexo D - Termo de Consentimento Informado para os formadores .....	96
Anexo E - Termo de Consentimento Informado para os formandos .....	100
Anexo F - Transcrição da entrevista ao formador E1 .....	104
Anexo G - Transcrição da entrevista ao formador E2 .....	121
Anexo H - Transcrição da entrevista de Grupo Focal aos formandos .....	135
Anexo I - Grelha de Análise de Conteúdos das Entrevistas aos formadores .....	152
Anexo J - Grelha de Análise de Conteúdos da Entrevista de Grupo Focal aos formandos .....	154
Anexo K - Grelha de Análise Documental .....	156

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1- Subtipos de desinformação .....	9
Quadro 2 - Desenho geral da Investigação.....	23
Quadro 3 - Formadores entrevistados .....	28
Quadro 4 - Dados da Realização das Entrevistas aos Formadores .....	28
Quadro 5- Formandos entrevistados .....	30
Quadro 6 - Dados da Realização da Entrevista aos Formandos.....	31
Quadro 7- Matriz de análise .....	31
Quadro 8- Sistema de categorias para análise das entrevistas semidiretivas .....	33
Quadro 9 - Sistema de categorias para análise das entrevistas de grupo focal .....	34
Quadro 10 - Tipos de Oferta de Literacia Digital e Combate à Desinformação em Portugal .....	38
Quadro 11 - Objetivos da Formação decorrentes da análise das iniciativas .....	39
Quadro 12 - Público-Alvo decorrentes da análise das iniciativas .....	40
Quadro 13 - Duração da Formação decorrente da análise das iniciativas .....	42
Quadro 14 - Contexto de implementação decorrente da análise das iniciativas .....	44
Quadro 15 - Regime de Formação decorrente da análise das iniciativas .....	46
Quadro 16 - Conteúdos Programáticos decorrentes da análise das iniciativas.....	47
Quadro 17 - Métodos Pedagógicos decorrentes da análise das iniciativas.....	49
Quadro 18 - Efeitos da Formação decorrentes da análise das iniciativas .....	51
Quadro 19 - Ferramentas de Verificação decorrentes da análise das iniciativas .....	53
Quadro 20 - Avaliação e Certificação decorrentes da análise das iniciativas.....	54

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação, desenvolvida no âmbito do Mestrado em Educação e Tecnologias Digitais, do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, teve como objetivo estudar o combate à desinformação nas iniciativas de literacia digital para adultos em Portugal. Este estudo procura analisar de que forma estas iniciativas abordam o fenómeno da desinformação, quais as práticas formativas implementadas para capacitar os formandos e como estes percebem a eficácia das mesmas no contexto da aquisição de competências críticas para o uso responsável das tecnologias e dos *media* digitais.

Num cenário marcado pela disseminação rápida e generalizada de informações falsas, as iniciativas de literacia digital surgem como uma resposta urgente para mitigar este problema. As redes sociais e plataformas digitais, amplificam o alcance de conteúdos enganosos, e isso desafia a capacidade dos indivíduos de distinguir entre factos e falsidades. A literacia digital nesse contexto, tem sido amplamente reconhecida como uma ferramenta crucial para capacitar os cidadãos, desenvolvendo competências de análise crítica da informação, ajudando-os a identificar fontes fiáveis e incentivando o uso consciente dos *media* digitais.

### **Enquadramento e relevância da problemática**

A desinformação, definida como ações deliberadas, muitas vezes organizadas de forma estratégica, com o objetivo de enganar ou manipular o público, mediante a disseminação de informações falsas (Ireton & Posetti, 2018), consolidou-se como um dos principais desafios sociais na sociedade digital. A proliferação de plataformas digitais e redes sociais intensificou a disseminação de conteúdos não verificados, aumentando o risco da desinformação atingir grandes audiências. Estudos internacionais destacam a gravidade deste fenómeno em múltiplos contextos, desde a política (Allcott e Gentzkow, 2017) até à saúde pública, como evidenciado por Pennycook et al. (2020) no contexto da pandemia de COVID-19. Além disso, Wardle e Derakhshan (2017) argumentam que a desinformação também provoca uma crise de confiança nas instituições mediáticas, especialmente numa era marcada pela prevalência das emoções sobre os factos.

Em Portugal, o estudo da desinformação tem vindo a ganhar relevância, impulsionado pela crescente preocupação com a literacia digital e o papel desta na formação de cidadãos

críticos e informados (Barriga, 2023). A literacia digital é vista como um meio essencial para capacitar os indivíduos a navegar no complexo ambiente digital contemporâneo, fornecendo-lhes as competências necessárias para identificar, analisar e avaliar criticamente as informações a que estão expostos. Contudo, a eficácia das formações em literacia digital dirigidas a adultos, especialmente no que respeita à sua capacidade de lidar com a desinformação, tem sido escassamente investigada.

Dado o crescimento exponencial da disseminação de desinformação e o seu impacto na sociedade, é relevante compreender de que forma as iniciativas de literacia digital de adultos em Portugal estão a responder a este fenómeno. Este estudo procura, assim, analisar as práticas formativas adotadas e as perceções dos formandos quanto à sua capacidade de enfrentar o desafio da desinformação após as formações. É igualmente relevante compreender o papel que as redes sociais desempenham na amplificação da desinformação e em que medida as formações abordam este fenómeno de forma eficaz.

Grande parte da investigação sobre o combate à desinformação tem-se centrado na literacia mediática e na exploração da questão das notícias falsas no contexto mediático (Allcott e Gentzkow, 2017). O presente estudo, contudo, diferencia-se ao investigar o combate à desinformação através da promoção da literacia digital, analisando a forma como as iniciativas de literacia digital na educação de adultos podem promover o desenvolvimento de competências de pensamento crítico e uso responsável dos media digitais para enfrentar o fenómeno da desinformação, como defendido por Dame Adjin-Tettey (2022) e Anthonysamy e Sivakumar (2022). Este estudo justifica-se, portanto, pela necessidade crescente de desenvolver uma cidadania digital crítica e informada, em que os cidadãos não só tenham acesso à informação, mas também saibam avaliar a sua fiabilidade e integridade. A relevância do tema é acentuada pela escassez de investigações focadas na eficácia das formações em literacia digital em Portugal no combate à desinformação.

Neste sentido, para nortear a investigação foi definido o seguinte problema de investigação: **Como é promovido o combate à desinformação nas iniciativas de Literacia digital para adultos em Portugal?**

Para tal, são exploradas as seguintes questões de investigação:

1. Que iniciativas de Literacia digital para adultos em Portugal consideram o tema das “fake news”?

2. Que práticas formativas foram adotadas para identificar, denunciar e prevenir a divulgação de “fake news” nessas iniciativas de formação de adultos?
3. Que importância é que os adultos que participaram em iniciativas de Literacia digital em Portugal atribuem ao tema das “fake news”?

### **Opções metodológicas**

A presente investigação adota uma abordagem qualitativa de natureza interpretativa, apropriada para a análise profunda de fenómenos complexos e subjetivos, como as perceções e experiências dos participantes nas iniciativas de literacia digital para adultos.

Para a recolha e análise de dados, foram realizadas pesquisa e análise documental, entrevista semiestruturada e entrevista de grupo focal. A utilização de métodos múltiplos de recolha de dados (triangulação metodológica) contribui para uma maior robustez e validade dos dados, permitindo uma visão mais completa das iniciativas e das suas implicações no combate à desinformação.

A pesquisa e análise documental focou-se nas iniciativas de literacia digital para adultos implementadas em Portugal e com informação disponível online, com especial ênfase nas práticas pedagógicas destinadas ao combate à desinformação descritas em páginas web. Este processo analítico permitiu mapear as principais ofertas formativas disponíveis e caracterizar as estratégias educativas em vigor. Além disso, a análise documental possibilitou uma compreensão mais abrangente do enquadramento teórico e prático dessas iniciativas, permitindo avaliar a sua adequação às necessidades específicas dos formandos.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas junto de formadores diretamente envolvidos na conceção e implementação das iniciativas de literacia digital para adultos que foram identificadas no mapeamento realizado. Este método proporcionou um acesso privilegiado às suas perspetivas sobre as estratégias pedagógicas utilizadas, os desafios enfrentados durante a implementação e a eficácia das práticas formativas no contexto digital. As entrevistas permitiram, ainda, recolher dados sobre a adequação das metodologias, a sua aplicação prática e as dificuldades sentidas na capacitação dos formandos.

Por sua vez, a entrevista de grupo focal realizada com os formandos possibilitou o registo das suas perceções sobre a eficácia das formações, as competências adquiridas e os desafios encontrados no combate à desinformação no seu quotidiano. Esta técnica revelou-

se fundamental para explorar as dinâmicas coletivas e as trocas de experiências entre os participantes, proporcionando uma visão mais alargada sobre a forma como as aprendizagens são aplicadas na prática. A composição dos grupos foi feita seguindo critérios que permitissem captar a diversidade de perspetivas. No caso dos formadores, foram selecionados profissionais de diferentes áreas, como bibliotecários e profissionais dos média, para captar visões complementares sobre a literacia digital no combate à desinformação. Em relação aos formandos, foram incluídos participantes de diferentes grupos de ações de formação de curta duração de literacia digital sobre notícias falsas, permitindo, assim, uma análise das suas perceções sobre as características e a eficácia de iniciativas de literacia digital que combatem a desinformação.

Os dados recolhidos através da pesquisa e análise documental, das entrevistas individuais e dos grupos focais foram analisados através da técnica de análise de conteúdo, o que permitiu identificar padrões, categorias e temas recorrentes, proporcionando uma interpretação rigorosa e sistemática dos resultados.

Em suma, a combinação entre a análise documental, entrevistas semiestruturadas e grupos focais possibilitou uma compreensão abrangente das iniciativas de literacia digital em Portugal e permitiu uma análise detalhada das suas implicações no desenvolvimento de competências críticas para o combate à desinformação entre a população adulta.

## **Estrutura do trabalho**

A presente dissertação está estruturada em três capítulos principais, cada um dedicado a diferentes aspetos da investigação:

**Capítulo 1 - Enquadramento Teórico:** Este capítulo aborda a evolução histórica e conceptual do fenómeno da desinformação, analisando as suas diferentes tipologias (desinformação, misinformação e malinformação) e o impacto significativo que exerce na sociedade contemporânea. Adicionalmente, explora-se o papel fundamental das literacias digitais como uma estratégia central para mitigar a disseminação de informações falsas e promover uma cidadania digital consciente e crítica.

**Capítulo 2 - Metodologia:** Neste capítulo é descrita a abordagem metodológica adotada na investigação, com uma explicação detalhada do contexto em que o estudo foi realizado, dos participantes envolvidos e dos métodos utilizados para a recolha e análise de dados. A triangulação metodológica, composta pela análise documental, entrevistas semiestruturadas

e grupos focal, é justificada em função dos objetivos da investigação, proporcionando uma base sólida para a interpretação dos resultados.

**Capítulo 3 - Apresentação de Resultados:** Este capítulo apresenta os resultados obtidos ao longo da investigação, centrando-se nas iniciativas de literacia digital implementadas em Portugal para o combate à desinformação. São discutidas as principais práticas formativas adotadas e as perceções dos formandos acerca da utilidade e eficácia dessas formações na sua vida quotidiana. A análise dos resultados é feita à luz da literatura existente, estabelecendo uma ligação entre os dados empíricos e o enquadramento teórico.

Por fim, os resultados serão analisados à luz dos dados sistematizados no capítulo anterior, sendo também apresentadas as conclusões da investigação, em alinhamento com as teorias sobre literacia digital e desinformação. Serão sublinhadas as implicações para a prática educativa, assim como para o desenvolvimento de futuras iniciativas de literacia digital. Além disso, serão apontadas sugestões para novas investigações, identificando-se igualmente as principais limitações do estudo e refletindo sobre os desafios e oportunidades no contexto da literacia digital.

As referências bibliográficas utilizadas encontram-se no final do documento, juntamente com os anexos que complementam e aprofundam a análise apresentada ao longo do trabalho.

## CAPÍTULO 1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Para facilitar a compreensão do fenómeno da desinformação e o seu impacto na sociedade, considerámos relevante aprofundar o que a literatura nos revela sobre as notícias falsas, a sua tipologia, evolução e consequências. Nesse sentido, este enquadramento teórico está organizado em vários tópicos que analisam detalhadamente esses aspetos, com especial destaque para o papel da literacia, em particular a literacia digital, como ferramenta de combate à propagação de informações falsas.

### 1.1 - Notícias falsas

O termo "notícias falsas" refere-se vulgarmente a artigos noticiosos intencionalmente falsos e enganadores (Allcott & Gentzkow, 2017). Contudo, a literatura aponta para uma conceção mais abrangente (European Commission. DG CN, Content and Technology, 2018), fazendo corresponder este termo a uma ampla variedade de tipos de informação, desde simples enganamentos na transmissão de uma mensagem e conteúdos de sátira, com baixo impacto de dano, até técnicas altamente complexas de manipulação e fabricações maliciosas, com elevado impacto no comportamento social e político dos cidadãos. Estas fabricações maliciosas, quando amplamente disseminadas, têm o potencial de influenciar decisões eleitorais, fomentar desconfiança nas instituições democráticas e aumentar a polarização social (Tandoc, Lim & Ling, 2018). O impacto pode ainda estender-se à erosão da confiança nos *media* tradicionais e ao enfraquecimento do debate público informado, comprometendo a qualidade do processo democrático e a coesão social (European Commission. DG CN, Content and Technology, 2018).

As eleições presidenciais norte-americanas de 2016 trouxeram uma grande notoriedade ao termo "*fake news*", ou, em português, notícias falsas<sup>1</sup> (Dame Adjin-Tettey, 2022) e intensificaram uma discussão que ainda hoje decorre sobre a manipulação da opinião pública, especialmente em processos democráticos. Este fenómeno, exacerbado pelas redes sociais e por algoritmos que favorecem a disseminação de conteúdos sensacionalistas e polarizadores, coloca desafios significativos à literacia mediática, à literacia digital e à regulação da informação online (Tandoc, Lim & Ling, 2018).

---

<sup>1</sup> Apesar da recorrente utilização da expressão em inglês "fake news" tanto na literatura como no discurso social, optou-se nesta dissertação pela utilização do termo em português "notícias falsas", de modo a promover a precisão linguística e contextualizar o fenómeno no âmbito da língua e sociedade portuguesas. Esta escolha não implica qualquer diferenciação conceptual face à expressão original, mantendo-se a equivalência semântica.

Existem, hoje, várias definições de “notícias falsas” (Egelhofer & Lecheler, 2019) o que aponta para a inexistência de uma definição estável e aceite pela comunidade científica sobre a terminologia utilizada e sobre os diferentes tipos de informações falsas. Não obstante, Allcott e Gentzkow (2017) propõe uma definição que tem sido aplicada em muitos estudos recentes (Kapantai et al., 2021) e que entende as "notícias falsas" como artigos noticiosos que são intencional e comprovadamente falsos e que podem induzir os leitores em erro.

Wardle e Derekshan (2017) defendem que o termo "notícias falsas" tornou-se inadequado, por não satisfazer completamente a complexidade verificada neste domínio e por ter sido apropriado por políticos e outras figuras públicas para reprimir, restringir, minar e contornar a imprensa livre (Egelhofer & Lecheler, 2019). Neste sentido, vários termos têm sido utilizados em alternativa, incluindo "poluição da informação" (Wardle & Derekshan, 2017), "information disorder" (Wardle & Derekshan, 2017), “manipulação dos media” (Warwick & Lewis, 2017) e “guerra de informação” (Khaldarova & Pantti, 2016).

## **1.2 - Tipologia de informações falsas**

Adotaremos, doravante, a posição de Kapantai et al. (2021), preferindo o termo "informações falsas" como um conceito mais amplo que engloba um vasto conjunto de subtipos. Kapantai et al. analisaram a literatura publicada desde 2015 sobre “notícias falsas”, tendo atentado sobre as taxonomias e as tipologias de informações falsas propostas. Os três tipos de informações falsas identificados (Kapantai et al., 2021) foram:

- I. a "misinformação",
- II. a "desinformação" (European Commission. DGCN, Content and Technology, 2018)
- III. e a "malinformação" (Ireton & Posetti, 2018).

No entanto, foram sendo introduzidas definições ad hoc em diversos estudos posteriores, dando origem a conflitos ou sobreposições. Por um lado, Amazeen e Bucy (2019, citado por Kapantai et al., 2021), Dupuis e Williams (2019, citado por Kapantai et al., 2021) e European Commission. DGCN, Content and Technology (2018) elegem a desinformação como o termo que deve abranger todos os subtipos de informações falsas existentes. Por outro lado, Wardle e Derekshan (2017) consideram a desinformação como um termo mais restrito que devia ser incluído numa designação mais abrangente: "information disorder". Os termos mais

frequentemente associados são a desinformação, a misinformação e a malinformação, sendo, assim, sobre estes conceitos que este capítulo se irá debruçar.

A desinformação é definida como informação que é falsa e que foi criada intencionalmente para prejudicar uma pessoa, grupo social, organização ou país (Ireton & Posetti, 2018; Wardle & Derakshan, 2017).

A desinformação acarreta uma intencionalidade deliberada de causar dano através da disseminação de informações falsas ou enganosas. Já a misinformação, define-se, segundo Wardle e Derakshan (2017) e Ireton e Posetti (2018), como sendo informação que é falsa, mas que não foi criada com a intenção deliberada de causar dano.

A misinformação constitui, essencialmente, informação incorreta ou enganosa que foi disseminada sem intenção de prejudicar. Finalmente, também de acordo com Wardle e Derakshan (2017), a malinformação corresponde à divulgação intencional de informações factuais, confidenciais ou não, nas quais normalmente se altera o contexto, a data ou a hora, com vista à prossecução de interesses pessoais ou corporativos. A malinformação envolve a manipulação ou distorção de informações baseadas em factos reais, com o objetivo de causar dano às vítimas.

Há diferenças relevantes entre estes tipos, especialmente ao nível da intenção e da forma como são transmitidas. A desinformação é criada intencionalmente para enganar, ao passo que a misinformação não é propositada. A desinformação e a malinformação tendem a ser grandemente amplificadas pelas tecnologias digitais, no geral, e pelas redes sociais, em particular. Constituem uma grande ameaça para as sociedades democráticas, pois são construídas deliberadamente por atores maliciosos (Ireton & Posetti, 2018).

Atentando sobre as diferentes tipologias de desinformação, Kapantai et al., (2021) encetaram esforços para ultrapassar a fragmentação existente, através de uma proposta que sintetiza, de um modo consistente e estruturado, os diferentes subtipos de desinformação, conforme se pode verificar no quadro 1 e que são a fabricação, informação falsa impostora, teorias da conspiração, boato / embuste (*Hoax*), informação falsa parcial ou tendenciosa, rumores, *clickbait*, descontextualização enganadora, resenhas (*Reviews*) falsas - resenhas que não são opiniões honestas e imparciais de consumidores, *trolling* e pseudociência.

#### Quadro 1- Subtipos de desinformação

Subtipos de desinformação (Kapantai et al., (2021))	
<b>Fabricação</b>	Histórias sem qualquer base factual, 100% falsas, com a intenção de enganar e causar danos.
<b>Informação falsa impostora</b>	Fontes genuínas que são abusivamente falsificadas para apoiar uma narrativa falsa, sendo muito enganadoras.
<b>Teorias da conspiração</b>	Histórias sem base factual, explicando eventos importantes como tramas secretas.
<b>Boato / embuste (Hoax)</b>	Enredos complexos e em larga escala que podem causar perda material ou danos.
<b>Informação parcialmente falsa ou tendenciosa</b>	Notícias extremamente tendenciosas que provocam divisão e polarização.
<b>Rumores</b>	Histórias cuja veracidade é ambígua ou que nunca foi confirmada.
<b>Clickbait</b>	Conteúdo que pode ser relativamente credível ou então duvidoso, mas que se destaca por utilizar manchetes exageradas para atrair leitores.
<b>Descontextualização enganadora</b>	Uso descontextualizado de informações ou de imagens para transmitir uma informação enganadora sobre um tema ou um indivíduo.
<b>Resenhas falsas (fake reviews)</b>	Resenhas que não são opiniões honestas e imparciais de consumidores.
<b>Trolling</b>	Publicação deliberada de conteúdo (posts) ofensivo ou inflamatório online.
<b>Pseudociência</b>	Informações que deturpam estudos científicos reais com reivindicações duvidosas ou falsas.

Os fenómenos de desinformação, misinformação e malinformação, exacerbados pelas redes sociais e pelas plataformas digitais, configuram um enorme desafio à diferenciação entre facto e ficção, particularmente neste período caracterizado pela elevada saturação digital e pela rápida disseminação da informação. Tem-se verificado, inclusive, a instrumentalização de informações falsas por figuras públicas, especialmente em contextos de elevada incerteza, com o propósito de anular pontos de vista marcadamente críticos e de desafiar a destriça entre facto e falsidade (Egelhofer & Lecheler, 2019).

### **1.3 - Evolução histórica do fenómeno informações falsas**

Apesar da intensificação da discussão pública sobre esta temática, as informações falsas não são um fenómeno recente. Uma apreciação da sua evolução histórica permite constatar o seu enraizamento na sociedade e também o seu poder transformativo com o decorrer do tempo.

O fenómeno de disseminar informações enganosas faz parte da interação humana desde há séculos. Podemos encontrar exemplos de práticas de desinformação na Roma Antiga, com Octávio, que iniciou uma guerra de desinformação pelo poder, vencendo a guerra civil e alcançando o cargo de Imperador (Mazari, 2022). E já no século XX, na famosa emissão de rádio de "A Guerra dos Mundos", em 1938, que ao assemelhar-se a um relato noticioso comum, provocou o pânico entre os ouvintes, ao retratar, de forma realista, uma invasão alienígena (Burkhardt, 2017). Dada a evolução histórica, torna-se forçoso convir que as notícias falsas parecem adaptar-se facilmente a diferentes contextos, apresentando considerável resiliência e versatilidade, alterando a sua forma e meios de difusão ao longo do tempo.

No século XXI, o fenómeno encontra-se amplamente difundido, distribuído e consumido graças aos avanços tecnológicos da comunicação digital, o que lhe confere atualmente maior complexidade (Kalsnes, 2018). O Fórum Económico Mundial reconhece-as como uma das principais ameaças atuais à vida em sociedade (Del Vicario et al., 2016), englobando neste termo um amplo conjunto de práticas enganosas de desinformação, misinformação e malinformação, que incluem notícias satíricas, histórias fabricadas, fotografias manipuladas, propaganda, comunicados de imprensa falsos (Tandoc et al., 2018) e conteúdos sensacionalistas (Marwick, 2018). A estas práticas podemos ainda associar outros formatos de desinformação, como rumores, conspirações e propaganda.

A evolução provocada pelas tecnologias digitais coloca em evidência a importância da literacia digital para combater este desafio.

#### **1.4 - Implicações da propagação de informações falsas**

As implicações e os desafios para a democracia e para a vida em sociedade provocados pela disseminação de informações falsas, especialmente na era digital, são consideráveis e não devem ser ignoradas.

Investigadores como Caplan et al. (2018) e Ceylan et al. (2023) concluíram que as informações falsas são partilhadas com frequência nas redes sociais porque muitos utilizadores não processam a informação de forma crítica e formam opiniões com base em vieses políticos ou ideológicos, que prejudicam a sua capacidade em reconhecer informações falsas online e que são facilmente difundidos através das plataformas de comunicação denominadas por redes sociais, como o Facebook ou a rede social X<sup>2</sup>. De acordo com Ceylan et al. (2023), a estrutura de recompensas das redes sociais desempenha um papel fundamental na disseminação de misinformation. A análise de notícias verdadeiras e falsas na rede social X, de 2006 a 2017, realizada por Vosoughi et al. (2018), revela que a disseminação de informações falsas é significativamente mais rápida do que a das notícias verdadeiras.

A exposição regular a informações falsas tem lançado a confusão e a dúvida sobre a exatidão e a veracidade da informação (Barthel et al., 2016; Rapp & Salovich, 2018), aumentando a atenção social sobre o seu potencial para influenciar a opinião pública e prejudicar os processos democráticos e a liberdade de expressão (Pogue, 2017).

Embora as informações falsas sejam frequentemente associadas à manipulação política, o seu impacto não se restringe a esse domínio. Adriani (2019) argumenta que as informações falsas também têm origem em organizações privadas e comerciais inescrupulosas, que procuram vantagem sobre os seus concorrentes ou visam o lucro. Este investigador verificou que as empresas assumem, erroneamente, a factualidade e autenticidade da informação escrita ou visual que consomem, recorrendo irresponsavelmente às tecnologias digitais para propagar as informações falsas e contribuir para a misinformation e desinformação. Esta prática sugere uma utilização mais ampla de práticas enganosas em vários setores da sociedade.

Os investigadores também se têm debruçado sobre a preocupação social associada à ocorrência de figuras políticas que minam a confiança no jornalismo e o seu poder de

---

<sup>2</sup> A rede social X foi conhecida como Twitter até julho de 2023, quando o seu nome e logótipo foram alterados.

monitorização das instâncias de poder, ao rotularem notícias credíveis como falsas (Kalsnes, 2018).

O que se tem tornado evidente é que a manipulação existente dos meios de comunicação social está fortemente associada à diminuição da confiança nos meios de comunicação social tradicionais e a um aumento generalizado das várias manifestações de desinformação (Marwick & Lewis, 2017). A preocupação manifestada pela esfera política e pela comunidade académica sobre potenciais danos da disseminação de informação pública através de canais digitais aumentou consideravelmente ao longo da década de 2010 e no início da década de 2020 (Diepeveen & Pinet, 2022). A pandemia de Covid-19 intensificou essa preocupação, com fenómenos de desinformação e misinformação a prejudicarem os esforços governamentais para lidar com a crise de saúde pública e a aumentarem a desconfiança em relação às vacinas. Allen et al. (2020) demonstrou que, por vezes, a escala de misinformação nas plataformas digitais tem sido sobrestimada em comparação com outras fontes noticiosas, como a imprensa tradicional. Contudo, o potencial dessas plataformas para causar danos sociais graves é cada vez mais reconhecido (Fletcher et al., 2018; Gagliardone et al., 2021).

Acresce a ocorrência de um efeito pernicioso associado à desinformação. Mesmo depois de identificada e denunciada, a desinformação tende a continuar a influenciar as atitudes e a tomada de decisões dos cidadãos (Rapp & Salovich, 2018; Thorson, 2016).

A disseminação de informações falsas não se restringe à esfera política, sendo igualmente presente em ambientes comerciais e corporativos, como evidenciado por Adriani (2019). Empresas utilizam informações enganosas para obter vantagens competitivas, o que demonstra que as práticas de desinformação são transversais a diversos setores da sociedade, com consequências graves tanto no mundo digital quanto fora dele. Este fenómeno foi ainda mais exacerbado durante a pandemia de Covid-19, um período que evidenciou o impacto destrutivo da desinformação em crises de saúde pública e na confiança social (Diepeveen & Pinet, 2022).

Assim, o combate à desinformação requer ações coordenadas entre entidades públicas, plataformas privadas e cidadãos, com particular enfoque na literacia digital e na *Media and Information Literacy*. Estas literacias, como reforçado por Lessenski (2021), são cruciais para equipar os cidadãos com ferramentas críticas para identificar e combater conteúdos enganosos, especialmente em contextos de rápida propagação de informações, como nas redes sociais.

Tem ainda sido amplamente investigada a influência de informações falsas nas campanhas e debates políticos, em particular nos Estados Unidos e no Brasil, sendo que as implicações da desinformação são particularmente significativas nos contextos de incerteza, nos quais os cidadãos duvidam com frequência da sua veracidade (Allcott & Gentzkow, 2017; Groshek & Koc-Michalska, 2017; Jacobson et al., 2016). A investigação sugere ainda que a desinformação tem o poder de se propagar mais rapidamente do que as informações factuais, o que levanta preocupações ao nível do seu potencial de dano.

De acordo com Barriga (2023), encontramos-nos numa época de "pós-verdade", caracterizada pela validação e disseminação de informações que se alinham com as emoções e crenças individuais, em detrimento dos factos. Esta era é impulsionada pela desinformação e pela instabilidade na comunicação em geral, podendo ter impactos negativos nas sociedades democráticas.

Neste cenário de pós-verdade, onde as crenças e emoções frequentemente substituem os factos e onde todos os indivíduos têm o poder não apenas de consumir, mas também de produzir e disseminar informações, os investigadores sublinham a importância crescente de estudar o comportamento dos cidadãos face à desinformação. A compreensão da forma como estes conteúdos influenciam a perceção e as decisões dos indivíduos é considerada fundamental para mitigar os seus efeitos negativos (López-Borrull et al., 2018).

Em paralelo, a identidade digital, a segurança online e a veracidade de factos políticos ou sociais é tida como estando ameaçada devido à generalização de desinformação, misinformação e malinformação, apelando à responsabilidade cívica e social de cada indivíduo (Benham et al., 2012).

Em paralelo, a proliferação de desinformação, misinformação e malinformação é vista como uma ameaça à identidade digital, à segurança online e à veracidade de factos políticos e sociais. Este contexto apela à responsabilidade cívica e social de cada indivíduo para atuar de forma consciente no consumo e partilha de informação (Benham et al., 2012). O cenário descrito evidencia a necessidade de esforços no campo educativo que aumentem a literacia mediática e a literacia digital, preparando os utilizadores para um uso crítico e responsável da informação.

## 1.5 - Estratégias de Combate à Desinformação

A literatura em análise tem permitido reconhecer a transversalidade da desinformação, misinformação e malinformação na sociedade, afetando diversos grupos e setores. Apesar dos jovens demonstrarem uma grande capacidade no uso das plataformas digitais para disseminar e influenciar informação, continuam vulneráveis aos danos causados pela desinformação nestes canais (O'Reilly, 2020). Este fenómeno revela que, mesmo entre aqueles com maior familiaridade digital, a propagação de informações falsas permanece uma ameaça significativa.

Para além disso, investigações têm demonstrado que a desinformação visa frequentemente grupos específicos, como o género feminino, afetando a sua participação na esfera pública e política. Jankowicz et al. (2021) e Lenhart et al. (2016) sublinham o impacto deste tipo de desinformação, exemplificado pela criação de *deepfakes* misóginos, que retratam predominantemente mulheres.

Como resposta a estes danos sociais, tanto entidades públicas como plataformas privadas começaram a adotar medidas para combater a desinformação *online*. Essas ações incluem a regulação dos conteúdos e o uso de métodos computacionais para identificar, sinalizar e remover desinformação, especialmente durante a pandemia de Covid-19 (Diepeveen & Pinet, 2022).

Além disso, a regulamentação e a monitorização dos conteúdos das plataformas têm sido essenciais no combate à desinformação, sendo implementadas por diversos atores sociais para reduzir o seu impacto (Diepeveen & Pinet, 2022).

Do ponto de vista da investigação, diversos avanços têm sido verificados, especialmente no contexto da pandemia de Covid-19, permitindo o desenvolvimento de novos métodos para identificar e remover conteúdos enganosos. Esses esforços reforçam a importância da *Media Information Literacy* e da literacia digital na capacitação dos cidadãos para interagir criticamente e em segurança com os conteúdos online (Lessenski, 2021).

As investigações também apontam para a necessidade de equilibrar a responsabilidade individual e a responsabilidade pública na luta contra a desinformação. Os jovens, em particular, têm o potencial de liderar esses esforços, sendo fundamental compreender as suas experiências, perceções e a autocensura, especialmente entre mulheres jovens (Haider, 2022; Hatchel et al., 2021; Lenhart et al., 2016).

Com base nos esforços de regulamentação e nas investigações sobre desinformação, fica claro que combater este fenómeno exige uma abordagem sistemática e eficaz, que inclui não apenas a ação das entidades reguladoras e das plataformas, mas também a capacitação dos cidadãos para lidarem criticamente com o conteúdo informativo que consomem. É neste contexto que a literacia digital emerge como um elemento central. Na era digital, onde a desinformação prolifera rapidamente, a literacia digital assume um papel crucial, permitindo que os cidadãos não apenas reconheçam e rejeitem conteúdos enganosos, mas também desenvolvam habilidades para aceder a fontes de informação credíveis. A relevância desta literacia no combate à desinformação e o seu impacto na promoção de uma sociedade mais resiliente e informada, são evidentes.

### **1.6 - Papel da literacia no combate às informações falsas**

A *Media Information Literacy* pode assumir um papel importante no combate à desinformação, que importa explorar. *Media Information Literacy* é muitas vezes referido na literatura como “literacia mediática” ou “literacia dos *media* e da informação” (Singh & Ramaiah, 2021). No decurso da evolução deste conceito, a literacia “mediática” e a literacia da “informação” foram sendo integradas (Lopes et al., 2018).

Desde a década de 1980, tanto a esfera política quanto a comunidade académica têm vindo a sublinhar a importância da literacia mediática para o exercício pleno da cidadania (Livingstone, 2011a, 2011b). Diversas instituições internacionais, como a UNESCO (1982, 1990, 1999, 2002, 2006, 2007, 2008, 2009, 2011, 2012, 2013a, 2013b, citado por Lopes et al., 2018), o Conselho da Europa (2000, 2002, 2008, citado por Lopes et al., 2018) e a Comissão Europeia (2007a, 2007b, 2008a, 2008b, 2009a, 2009b), também têm destacado repetidamente a relevância desta competência. Tais contribuições reforçam o carácter multifacetado e abrangente do conceito de literacia mediática, sublinhando a importância de clarificá-lo e defini-lo de forma rigorosa.

O conceito de “literacia mediática” foi definido pela primeira vez pelo Grupo de Peritos sobre Literacia Mediática da Comissão Europeia, em 2006, como sendo a capacidade de aceder aos *media*, de compreender e avaliar criticamente os diferentes aspetos dos *media* e dos conteúdos mediáticos e de criar comunicações numa variedade de contextos (Comissão Europeia, 2007a, citado por Lopes et al., 2018).

A *Media Information Literacy* é posteriormente definida pela Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA, 2011) como englobando o conhecimento, as atitudes e as capacidades necessárias para identificar, obter, avaliar, organizar e usar eticamente a informação.

Em 2013, a UNESCO avançou com uma definição de *Media Information Literacy*, na qual a entende como um conjunto de competências que habilita os cidadãos para o acesso, recuperação, compreensão, avaliação, uso, criação e partilha de informações e conteúdos de diversos formatos, usando várias ferramentas, de forma crítica, ética e eficaz, com vista à participação e envolvimento em atividades pessoais, profissionais e sociais (2013b, citado por Lopes et al., 2018). E, finalmente, no relatório “Media and information literacy: policy and strategy guidelines”, publicado em 2014, a UNESCO classificou a *Media and Information Literacy* como um conceito guarda-chuva que abrange três dimensões: a literacia da informação, a literacia mediática e também a literacia digital (Grizzle et al., 2014).

A transformação e a expansão dos *media* e das plataformas de difusão e de consulta da informação têm motivado a evolução dos estudos da *Media and Information Literacy*.

Inicialmente a *Media Information Literacy* focava-se sobretudo na análise do texto e da comunicação visual (Lipschultz & Hilt, 2005), tendo, entretanto, abrangido a integração de competências de leitura, escrita e oralidade, contando ainda com a influência da literacia visual e da literacia digital (Ruben, 1997; Potter, 2018). Atualmente, o "texto" já não é considerado apenas a *media* impressa tradicional, avançando também para o domínio das imagens visuais presentes em contextos mediáticos (Silverblatt, 1996; Lipschultz & Hilt, 2005).

Um dos aspetos mais relevantes da *Media and Information Literacy* é que esta vai além da simples interpretação de textos ou do uso de tecnologias digitais. Envolve, igualmente, estratégias que incentivam uma reflexão crítica sobre a interação entre a literacia e as formas emergentes de *media*, como as plataformas digitais e redes sociais (Lipschultz & Hilt, 2005). A qualidade dos conteúdos e informações com os quais os cidadãos interagem tem, desde sempre, um impacto profundo nas suas crenças, perceções e atitudes.

De acordo com Potter (2018), a *Media Information Literacy* tem um papel crucial na preparação dos indivíduos para identificarem desinformação e desenvolverem opiniões fundamentadas acerca da sua autenticidade, ao cruzar várias fontes de informação provenientes de diferentes recursos mediáticos, como bibliotecas e a Internet. Esta educação

para a avaliação crítica e ética da informação não apenas promove a literacia mediática, mas também capacita cidadãos a serem utilizadores ativos e responsáveis, que interagem de forma segura e ética com os conteúdos informativos.

As informações falsas podem assumir uma aparência que as torna difícil de distinguir das notícias factuais, dada a sua intenção original de enganar ou de promover um propósito, muitas vezes, nefasto. Um exemplo claro do impacto da desinformação pode ser observado no *site* martinlutherking.org, que apesar de ter constado durante muito tempo no topo dos resultados de pesquisas dos motores de busca associadas ao ativista dos direitos humanos “Martin Luther King”, foi criado por membros de grupos de extrema-direita e contém informações falsas concebidas para desacreditar esta importante figura histórica (Burkhardt, 2017). A aparência muitas vezes autêntica da desinformação, que se confunde com fontes respeitáveis, vem relevar ainda mais a necessidade da *Media Information Literacy*.

Investigações recentes realizadas em vários países têm destacado o poder das redes sociais na formação de perceções e atitudes dos cidadãos. Chakrabarti et al. (2018) e Nielsen e Graves (2017) revelaram que muitos indivíduos tendem a confiar mais nas informações partilhadas nas suas redes sociais do que em verificadores de factos ou agências noticiosas credíveis. Esta confiança nas suas redes informativas pessoais pode, contudo, resultar em juízos errados e na difusão de notícias não verificadas, alimentando o ciclo de desinformação. Wasserman et al. (2019) identificaram, em seis países africanos, que a verificação de fontes de informação foi motivada sobretudo por um sentido de dever cívico ou por razões de entretenimento. Estes resultados reforçam a importância de compreender os contextos socioculturais na formulação de estratégias de *Media Information Literacy*, de modo a sensibilizar os cidadãos sobre os riscos da partilha de informações não verificadas (Dame Adjin-Tettey, 2022).

Por outro lado, Pennycook et al. (2020) sugerem que a sensibilização para a verificação da veracidade da informação pode melhorar significativamente a capacidade de discernimento dos utilizadores e influenciar positivamente o seu comportamento de partilha nas redes sociais. Estas constatações sublinham a importância estratégica de promover a avaliação crítica da informação por parte dos cidadãos, e de continuar a investigar a capacidade destes para identificar desinformação, misinformação ou malinformação. Esta investigação é fundamental para o desenvolvimento de propostas de *Media Information Literacy* que sejam diversificadas, abrangentes e eficazes.

No contexto da *Media Information Literacy*, a literacia digital destaca-se como uma das literacias mais relevantes, preparando os cidadãos para navegar de forma crítica no ambiente digital, onde a desinformação prolifera com maior rapidez. A literacia digital, frequentemente associada à *Media Information Literacy* (Dame Adjin-Tettey, 2022), é essencial para garantir que os utilizadores não apenas reconheçam a informação enganosa, mas também saibam como obter fontes credíveis e autênticas. Ao capacitar os cidadãos com estas competências, a literacia digital torna-se uma ferramenta indispensável na promoção de uma sociedade informada e resiliente face às ameaças da desinformação, posicionando-se como a literacia central para enfrentar os desafios da era digital. Dame Adjin-Tettey (2022) recomendam ainda que a *Media and Information Literacy* seja integrada nos currículos educativos tradicionais e regularmente atualizada para acompanhar as exigências dos tempos atuais. Além disso, os programas de *Media and Information Literacy* devem incluir estratégias eficazes para alcançar aqueles que não têm acesso à educação formal.

A literacia digital tem vindo a destacar-se como uma ferramenta indispensável no combate à desinformação disseminada nas redes sociais, particularmente em contextos educativos. Anthonysamy e Sivakumar (2022) salientam que a crescente disseminação de informações falsas no ambiente digital requer que os indivíduos desenvolvam competências de literacia digital, que lhes permitam navegar de forma crítica pela imensidão de conteúdos disponíveis, identificando e respondendo adequadamente à desinformação. Este tipo de literacia é especialmente relevante no combate às notícias falsas, como referem Malita e Grosseck (2018), ao afirmarem que a literacia digital desempenha um papel importante ao ajudar as pessoas a evitar tornarem-se vítimas de informações falsas e desinformação. Os autores afirmam que a literacia digital, ao ensinar competências relacionadas à análise crítica e à curadoria de conteúdos *online*, ajuda os utilizadores a evitarem conteúdos enganosos e a discernirem melhor entre informações confiáveis e falsas. Além disso, Diepeveen e Pinet (2022) destacam que os jovens são uma população vulnerável à desinformação, devido à sua intensa interação com as redes sociais, e defendem que a literacia digital deve ser abordada de forma holística para enfrentar este problema de forma global.

No que respeita à literacia digital, Anthonysamy e Sivakumar (2022) propõem um modelo composto por três dimensões principais: literacia técnica, literacia cognitiva e literacia socioemocional. Estas dimensões são essenciais não só para o consumo responsável da informação, mas também para a produção de conteúdos digitais adequados. Malita e Grosseck (2018) reforçam que um dos papéis importantes da literacia digital é garantir que

os utilizadores não apenas consomem, mas também criem e disseminem informações de forma responsável, o que reforça a importância da literacia digital na produção de conteúdos adequados e no uso ético da informação. Paralelamente, Diepeveen e Pinet (2022) sublinham que os jovens, além de aprenderem a consumir conteúdos de forma crítica, devem ser capacitados para compreenderem os modelos de negócios que incentivam a disseminação de informações falsas, promovendo assim uma participação mais informada no espaço público digital.

Das três dimensões mencionadas, a literacia técnica e a literacia cognitiva demonstraram ser as mais eficazes na mitigação da desinformação. Segundo Anthonysamy e Sivakumar (2022), a literacia técnica capacita os indivíduos a verificar a autenticidade das informações que encontram online, enquanto a literacia cognitiva está associada à capacidade de avaliar criticamente a veracidade dos conteúdos digitais. Esta competência é particularmente importante em contextos educativos, onde, conforme argumentam Malita e Grosseck (2018), devem ser implementadas práticas que incentivem a leitura crítica, a interpretação e a curadoria de conteúdos *online*. Paralelamente, Diepeveen e Pinet (2022) afirmam que estas intervenções podem ajudar os jovens a desenvolver uma compreensão crítica sobre os modelos de negócios das plataformas de redes sociais, em vez de ver a literacia digital apenas como o ensino de competências técnicas digitais, promovendo uma maior consciência sobre o funcionamento do ambiente digital.

Contudo, a literacia socioemocional, apesar de ser uma componente importante, mostrou uma correlação negativa na redução da desinformação, o que sugere que a mera compreensão das emoções digitais não é suficiente para impedir a disseminação de conteúdos falsos (Anthonysamy & Sivakumar, 2022). Este achado alinha-se com a análise de Diepeveen e Pinet (2022), que defendem que a responsabilidade de mitigar a desinformação deve ser partilhada entre indivíduos e plataformas digitais, dado que os fatores estruturais desempenham um papel significativo na propagação da desinformação. O fracasso em refletir sobre o conteúdo, por exemplo, pode ser devido a uma escolha individual, ou pode estar relacionado com o *design* da plataforma, como algoritmos desenvolvidos para incentivar as pessoas a consumir mais conteúdo de forma mais rápida.

## CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

### 2.1 Introdução

A metodologia é o alicerce central de qualquer investigação, pois define os meios para responder às questões de investigação e assegurar a validade e fiabilidade dos resultados (Coutinho, 2013). A escolha da abordagem metodológica deve alinhar-se com os objetivos da pesquisa, orientando a recolha, análise e interpretação de dados.

Em contextos educativos, que envolvem realidades complexas e diversificadas, como observado por Yin (2003) e Merriam & Tisdell (2015), as metodologias qualitativas são especialmente relevantes para explorar fenómenos que incluem crenças e significados não diretamente observáveis.

Neste capítulo, é apresentada a metodologia qualitativa adotada, fundamentada pela sua adequação à natureza exploratória do problema de investigação, tal como recomendado por Yin (2016) e Merriam & Tisdell (2015), para o estudo aprofundado de fenómenos educativos e sociais.

### 2.2 Definição do Problema de Investigação

A desinformação, exacerbada pelo uso das redes sociais, representa um dos maiores desafios das sociedades contemporâneas, conforme observado por Dame Adjin-Tettey (2022). A população adulta, com menor domínio de competências digitais e à margem do sistema educativo formal, revela-se particularmente vulnerável à propagação de notícias falsas. Nesse contexto, torna-se crucial a implementação de estratégias robustas de literacia digital que capacitem os adultos a identificar e combater a desinformação, promovendo o acesso a fontes credíveis e o desenvolvimento de um pensamento crítico no ambiente digital.

Neste âmbito, o problema central da investigação é: **"Como é promovido o combate à desinformação nas iniciativas de literacia digital para adultos em Portugal?"**.

Na investigação qualitativa, a formulação do problema estabelece qual o objetivo da investigação, sendo este progressivamente refinado através da revisão da literatura e da recolha de dados (Coutinho, 2013).

### **2.3 Questões e objetivos de investigação**

No contexto deste estudo, assumir-se-á a utilização da expressão “informações falsas”, conforme defende Kapantai et al. (2021), como um conceito que substitui o termo “notícias falsas” e que capta a amplitude deste fenómeno ao incluir os diversos subtipos: misinformação, desinformação (European Commission. DGCN, Content and Technology, 2018) e malinformação (Ireton e Posetti, 2018).

Assim, com base no problema formulado, as seguintes questões de investigação foram delineadas para guiar o estudo:

Q11: Que iniciativas de literacia digital para adultos em Portugal consideram o tema das informações falsas?

Q12: Que práticas formativas foram adotadas para identificar, denunciar e prevenir a divulgação de informações falsas nessas iniciativas de formação de adultos?

Q13: Qual é a perceção dos adultos que participaram em iniciativas de literacia digital em Portugal sobre o tema das informações falsas?

As questões de investigação permitiram estruturar os objetivos específicos da investigação e definir as abordagens metodológicas mais adequadas para responder a cada uma delas.

Os objetivos de investigação foram formulados com base nas questões delineadas e visam:

- I. Identificar as iniciativas de literacia digital para adultos em Portugal que abordam o tema das informações falsas.
- II. Caracterizar as práticas formativas que promovam a identificação, denúncia e prevenção das informações falsas.
- III. Analisar as perceções que os formandos que participaram em iniciativas de Literacia Digital em Portugal têm sobre o tema das informações falsas.

Este conjunto de objetivos proporciona uma base sólida para a implementação de um estudo que procure compreender as dinâmicas associadas ao combate à desinformação em adultos.

## **2.4 Caracterização dos participantes no estudo**

Os participantes no estudo são, por um lado, formadores envolvidos em iniciativas de literacia digital de adultos que promovem o combate à desinformação, considerando o mapeamento dessas iniciativas em Portugal. E, por outro lado, formandos dessas iniciativas.

Os formadores entrevistados têm diferentes perfis: um especialista em bibliotecas e arquivos, e outro ligado a um centro de formação especializado para jornalistas. A seleção foi motivada pela necessidade de recolher perspetivas diferentes sobre o papel da literacia digital no combate à desinformação, provenientes de áreas profissionais complementares.

No que respeita aos formandos, foram selecionados participantes provenientes de duas ações de formação de curta duração distintas, centradas na literacia digital e no combate à desinformação. Os participantes são provenientes de diferentes grupos de formação para garantir uma diversidade de experiências e de métodos de aprendizagem. A opção de incluir formandos de duas ações de formação foi justificada pela necessidade de recolher dados que permitissem assim uma análise mais abrangente e detalhada.

## **2.5 Abordagem Metodológica**

Dada a complexidade do fenómeno das informações falsas, foi adotada uma abordagem qualitativa, conforme recomendado por Yin (2003) e Coutinho (2013), que permite captar em profundidade as perceções dos indivíduos. Este estudo segue um desenho descritivo-interpretativo, centrado na análise das perceções dos participantes em iniciativas de literacia digital para adultos. A metodologia qualitativa é particularmente adequada para investigar fenómenos sociais e educativos complexos, onde o contexto e as experiências individuais são fundamentais para a interpretação dos dados.

A investigação procurou compreender a perceção que os participantes têm sobre as informações, tendo sido utilizada a recolha de dados através de entrevistas semidiretivas e de grupo focal para captar as opiniões e experiências dos participantes. O estudo também considerou as condições sociais e institucionais que influenciam as suas perceções, seguindo os princípios de Yin (2016), como a utilização de múltiplas fontes de evidência, entrevistas e análise documental (Quadro 2).

**Quadro 2 - Desenho geral da Investigação**

<b>PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO</b>	<b>QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO</b>	<b>OBJETIVOS DE INVESTIGAÇÃO</b>	<b>RECOLHA DE DADOS</b>
Como é promovido o combate à desinformação nas iniciativas de Literacia digital para adultos em Portugal?	1. Que iniciativas de Literacia digital para adultos em Portugal consideram o tema das informações falsas?	Identificar as iniciativas de Literacia digital para adultos em Portugal que abordam o tema das informações falsas.	Análise Documental Documentos que permitam caracterizar as iniciativas de Literacia digital para adultos em Portugal.
	2. Que práticas formativas foram adotadas para identificar, denunciar e prevenir a divulgação de informações falsas nessas iniciativas de formação de adultos?	Caracterizar práticas formativas para adultos que promovam a identificação, denúncia e prevenção de informações falsas.	- Análise Documental a documentos que permitam caracterizar as iniciativas de Literacia digital para adultos em Portugal. - Entrevistas semi-estruturadas individuais a formadores, que promovam iniciativas de Literacia digital em Portugal.
	3. Que importância é que os adultos que participaram em iniciativas de Literacia digital em Portugal atribuem ao tema das informações falsas?	Analisar as perceções que os formandos que participaram em iniciativas de Literacia Digital em Portugal têm sobre o tema das informações falsas.	Entrevista focal a formandos adultos que participaram em iniciativas de Literacia digital em Portugal.

## 2.6 Técnicas de Recolha e de Análise de Dados

Para assegurar a validade e fiabilidade da investigação, foi aplicada uma abordagem diversificada de técnicas de recolha de dados, conforme recomendado por Yin (2003). Este estudo utilizou múltiplas fontes de evidência, permitindo uma análise aprofundada e holística do fenómeno das informações falsas em iniciativas de literacia digital. Foram empregues três técnicas:

- Pesquisa e análise documental, que envolveu a revisão de informações publicadas em páginas web sobre iniciativas de literacia digital com foco nas práticas de combate

à desinformação. Foram identificadas e analisadas fontes documentais, como por exemplo, planos de sessão e fichas de caracterização de ações de literacia digital.

- Entrevistas semidiretivas, realizadas com formadores e profissionais de educação de adultos, permitiram explorar em profundidade as perceções dos envolvidos nas iniciativas. Estas entrevistas seguiram um guião flexível que possibilitou uma exploração das estratégias pedagógicas utilizadas no combate à desinformação.
- Entrevistas em grupo focal, conduzidas com formandos que participaram nas iniciativas, focaram-se em captar perceções coletivas sobre a eficácia das formações e as mudanças comportamentais resultantes, permitindo uma visão dinâmica das interações entre os participantes e o impacto das iniciativas no seu quotidiano.

A combinação dessas técnicas garantiu a triangulação dos dados, reforçando a credibilidade das conclusões ao permitir a integração de evidências de várias fontes e a exploração do fenómeno num contexto naturalista.

### 2.6.1 Pesquisa e Análise Documental

Foi utilizada a técnica de análise documental de documentos oficiais e relatórios de iniciativas de literacia digital com vista à caracterização de iniciativas que combatem a desinformação. O *corpus* documental constituído inclui os websites das iniciativas, planos de sessão e fichas de caracterização dos cursos e webinários de literacia digital. A análise documental permite uma investigação rigorosa e sistemática dos documentos existentes, facilitando a compreensão estruturada das iniciativas (Coutinho, 2013).

O processo de constituição do *corpus* documental foi desenvolvido com o objetivo de assegurar a relevância e adequação das fontes selecionadas para a análise das iniciativas de literacia digital e práticas de combate à desinformação em Portugal.

Foram executados os passos: i) definição dos critérios de seleção e ii) recolha dos documentos e identificação das fontes.

- i. Os critérios de seleção dos documentos a incluir no *corpus* foram definidos com vista à concretização do primeiro e segundo objetivos de investigação. Os documentos selecionados devem:
  - a) Referir-se a iniciativas de literacia digital direcionadas para adultos em Portugal;
  - b) Identificar e/ou caracterizar práticas formativas focadas no combate à desinformação, particularmente no contexto das informações falsas;
  - c) Ter sido produzidos por entidades responsáveis pela implementação de ações de literacia digital; por intervenientes diretamente envolvidos nestas iniciativas, como formadores ou *designers* instrucionais; repositórios institucionais e bases de dados relevantes para o tema.
- ii) A recolha dos documentos e identificação das fontes foi realizada através de:
  - a) Consulta exploratória online dos termos de pesquisa literacia digital, fake news, desinformação, notícias falsas, formação, informações falsas, *workshops*, webinários, oferta formativa, aprendizagem;
  - b) Consultas a websites oficiais de programas e projetos de literacia digital com atuação em Portugal, como é o caso do Incode 2030, da estratégia Portugal digital, da plataforma ponto digital, da plataforma NAU;
  - c) Consulta a *websites* de entidades formadoras e outras organizações promotoras de iniciativas de literacia digital para adultos;

- d) Análise de relatórios, planos de sessão de iniciativas formativas, obtidos através de contacto direto com as instituições e formadores envolvidos nas formações;
- e) Documentação pública disponível em repositórios institucionais e bases de dados relevantes para o tema.

Após a recolha, os documentos foram organizados e categorizados de acordo com a sua: i) tipologia (relatórios, planos de sessão, fichas de caracterização de curso, *websites*); ii) o foco no combate à desinformação e iii) a sua relevância para as questões de investigação, conforme consta no sistema de categorias da grelha de análise de conteúdo, no Anexo K.

### 2.6.2 Entrevistas Semidiretivas

Para a recolha de dados dos formadores, optou-se pela utilização de entrevistas semidiretivas. Esta técnica permite uma exploração aberta e flexível das perceções e experiências dos entrevistados (Amado, 2017) e tem como objetivo oferecer orientações que auxiliem na descrição do processo em análise, adaptando-se às necessidades específicas do estudo. Esta técnica foi escolhida para captar as experiências vividas e as perceções dos formadores envolvidos nas iniciativas de literacia digital em Portugal, permitindo que novos caminhos de investigação sejam explorados durante a interação (Coutinho, 2013).

Foram realizadas entrevistas semidiretivas a dois formadores responsáveis por iniciativa de literacia digital *online* e presenciais, provenientes de duas instituições distintas, que abordaram o tema das notícias falsas no último ano (Quadro 3).

As entrevistas aos formadores tiveram como objetivos específicos:

- Identificar iniciativas de literacia digital para adultos que incluem o tema das informações falsas.
- Descrever práticas formativas adotadas para promover a realização de aprendizagens em torno das informações falsas e do combate à desinformação.

O entrevistado E1 é um profissional com vasta experiência em desinformação, *fact-checking*<sup>3</sup>, literacia para os *media* e notícias falsas. O entrevistado E2 é um profissional com

---

<sup>3</sup> Em Portugal, existe, por exemplo, o levantamento da LUSA sobre verificadores de factos, disponível em: <https://combatefakeneews.lusa.pt/verificadores-em-portugal/>.

vasta experiência em desinformação, *fact-checking*, literacia para os *media* e notícias falsas, e orador em diversos *webinários* sobre literacia de informação no combate à desinformação.

As entrevistas semidiretivas visaram explorar o modo como o tema é trabalhado nas respetivas formações, que práticas são adotadas e que perceções têm os formadores sobre a eficácia das mesmas.

A técnica de entrevista semidiretiva, fundamentada num guião previamente definido, estabelece as principais linhas de investigação e segue uma sequência lógica que orienta o entrevistador (Coutinho, 2013). Embora o guião desempenhe um papel crucial na organização e condução da entrevista, estruturando-a em blocos temáticos relacionados com a formulação do problema, os objetivos da investigação e as questões orientadoras (Amado, 2017), concede-se ao entrevistado a liberdade de responder de forma aberta. Essa flexibilidade é valorizada na investigação qualitativa, permitindo ao entrevistado expressar-se livremente e destacar os aspetos que considera mais relevantes, conforme o seu quadro de referência pessoal, maximizando a recolha de dados com um número mínimo de perguntas.

O guião da entrevista semidiretiva (Anexo B) foi organizado em blocos temáticos que exploram de forma profunda e flexível as perceções dos formadores sobre o combate à desinformação nas iniciativas de literacia digital para adultos. Visavam abordar diferentes dimensões das iniciativas e práticas formativas. O primeiro bloco centrou-se na natureza das iniciativas, incluindo perguntas sobre o público-alvo, a duração e estrutura dos cursos e a importância do tema da desinformação na educação de adultos. O segundo bloco focou-se nas estratégias pedagógicas, indagando sobre os métodos utilizados (interativos ou *online*) e a criação de conteúdos adaptados às necessidades dos formandos. O último bloco explorou os impactos nos participantes, abordando mudanças comportamentais observadas e os desafios enfrentados no combate à desinformação.

Este tipo de estrutura permite que o entrevistador siga uma linha de perguntas previamente definida, ao mesmo tempo que oferecia flexibilidade para aprofundar temas emergentes durante a entrevista. Além disso, o guião garante que todas as áreas de interesse para a investigação fossem cobertas de forma sistemática, como recomendado por Coutinho (2013).

As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes, assegurando a precisão na transcrição das entrevistas (Anexo F, G e H) para posterior análise.

A análise das transcrições foi organizada com base nas questões de investigação, incluindo a natureza das iniciativas, as colaborações, as estratégias de formação e os conteúdos, bem como a evolução contínua da desinformação. As entrevistas foram meticulosamente codificadas de acordo com categorias pré-definidas, alinhadas com o quadro teórico sobre desinformação, literacia mediática e os desafios impostos pelo rápido avanço das tecnologias digitais.

**Quadro 3 - Formadores entrevistados**

<b>Código de Identificação</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Situação Profissional</b>	<b>Anos de experiência</b>
Entrevistado E1	56	Masculino	Formador	23
Entrevistado E2	49	Feminino	Formadora	17

O Quadro 4 apresenta a data, a duração e o local e das entrevistas realizadas, seguindo as recomendações de Amado (2017) sobre os elementos a considerar na preparação de uma entrevista.

**Quadro 4 - Dados da Realização das Entrevistas aos Formadores**

<b>Entrevistado</b>	<b>Data da entrevista</b>	<b>Duração</b>	<b>Local</b>
Formador E1	26/07/2024	47'04"	Microsoft Teams
Formador E2	02/08/2024	40'49"	Microsoft Teams

### **2.6.3 Entrevistas de Grupo Focal**

A técnica de entrevista de grupo focal envolve a participação de um grupo de representantes de uma população específica para discutir um tema sob a orientação de um moderador. O moderador desempenha o papel de fomentar a interação entre os participantes e garantir que a discussão se mantenha centrada no tópico definido. A interação dentro do grupo permite que surjam informações relevantes sobre o tema, com os participantes a partilharem

as suas experiências, atitudes, sentimentos e crenças. Esse formato oferece uma compreensão rica da dinâmica interna do grupo e do impacto do tópico discutido.

O grupo focal distingue-se pela sua capacidade de captar uma multiplicidade de perspetivas e de processos emocionais dentro do grupo, sendo essa diversidade essencial para o sucesso da investigação. As questões formuladas devem incentivar a liberdade de expressão, permitindo que os participantes discutam o tema em detalhe e de forma espontânea. Isso pode incluir a exploração de informações prevalentes sobre o fenómeno e a diversidade de opiniões, bem como a observação da comunicação não verbal (Amado, 2017).

Concretamente, a técnica de grupo focal foi utilizada para obter as perceções dos participantes adultos sobre o tema das informações falsas. O objetivo foi explorar as perceções, experiências ou significados partilhados por um grupo que participou em iniciativas de literacia digital sobre o tema.

O grupo focal foi, assim, conduzido com formandos adultos que participaram em iniciativas de literacia digital sobre informações falsas com principal objetivo de explorar as perceções dos participantes acerca do combate à desinformação e identificar comportamentos e atitudes adquiridos durante as formações.

O grupo foi composto por 8 participantes provenientes de ações de formação de curta duração distintas (Quadro 5).

A entrevista aos formandos teve como objetivos:

1. Compreender a perceção dos formandos adultos sobre o tema das informações falsas e a importância atribuída a este tema.
2. Identificar como é que as iniciativas de literacia digital abordam o combate à desinformação e a eficácia destas abordagens.

A entrevista foi conduzida por um moderador, sendo especialmente útil para gerar dados qualitativos ricos e para revelar a complexidade de como os indivíduos percecionam as práticas educacionais no seu contexto (Coutinho, 2013).

O guião da entrevista de grupo focal (Anexo C) foi concebido para explorar as perceções e experiências dos formandos adultos que participaram nas iniciativas de literacia digital. Organizado em quatro blocos temáticos, o guião começou por abordar as perceções iniciais sobre as informações falsas, com perguntas focadas na consciência dos participantes sobre

o fenómeno antes da formação. O segundo bloco explorou os métodos aprendidos para identificar informações falsas, destacando o uso de ferramentas digitais e estratégias de verificação de factos. O terceiro bloco tratou das dificuldades na identificação de desinformação, questionando os participantes sobre os obstáculos encontrados ao tentar verificar notícias. Finalmente, o último bloco focou-se no impacto da formação no comportamento dos participantes, investigando as mudanças nas práticas quotidianas e a influência sobre familiares e amigos.

Esta estrutura permitiu uma discussão fluida entre os participantes, facilitando a partilha de experiências e a comparação de perceções. O guião foi desenhado para promover a interação entre os participantes, permitindo uma exploração coletiva e dinâmica do tema da desinformação.

**Quadro 5- Formandos entrevistados**

<b>Identificação</b>	<b>Ação de formação</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>
Formando 1	1	Masculino	72
Formando 2		Feminino	53
Formando 3		Feminino	45
Formando 4		Feminino	64
Formando 5	2	Feminino	53
Formando 6		Masculino	55
Formando 7		Feminino	56
Formando 8		Masculino	41

O Quadro 6 apresenta os elementos relativos à entrevista realizada aos formandos.

**Quadro 6 - Dados da Realização da Entrevista aos Formandos**

Entrevistado	Data da entrevista	Duração	Local
Formandos das ações de formação	03/07/2024	53'59"	Biblioteca

#### 2.6.4 Análise de Dados

Para a análise de dados foi considerada a seguinte matriz de análise, apresentada no Quadro 7.

**Quadro 7- Matriz de análise**

Dimensões	Objetos de análise
1. Iniciativas de literacia digital de adultos	1.1 Práticas formativas sobre as notícias falsas.
	1.2 Perspetivas de formandos e formadores.

Os dados obtidos a partir das entrevistas e da pesquisa documental foram analisados com recurso à técnica de análise de conteúdo, conforme Bardin (2016), utilizando uma abordagem categorial. As categorias temáticas foram criadas a partir das questões de investigação. O processo de codificação seguiu os seguintes passos:

- Atribuição de códigos a unidades de sentido extraídas das transcrições e análise documental.
- Identificação de padrões e relações entre as categorias para uma interpretação aprofundada dos resultados.

O processo de categorização foi baseado em dois tipos de categorias, conforme estabelece Mayring (2000):

- Predefinidas: Derivadas da revisão da literatura.
- Emergentes: Surgidas durante a análise dos dados.

A codificação garantiu que as categorias fossem:

- Exaustivas: Todas as unidades de análise foram incluídas.
- Mutuamente exclusivas: cada unidade foi atribuída a apenas uma categoria.

Após a codificação, as categorias foram analisadas em termos de:

- Frequência: Para identificar os temas predominantes (Weber, 1990).
- Relações: Para explorar padrões e responder às questões de investigação.

Por fim, os resultados foram integrados em teorias relevantes, permitindo uma compreensão mais aprofundada do fenómeno (Schreier, 2012).

Segundo Amado (2017), o objetivo principal da análise de conteúdo é organizar os conteúdos num sistema de categorias que reflete as ideias principais. Os textos foram divididos em unidades de sentido, a cada uma sendo atribuído um código correspondente a uma categoria ou subcategoria. Posteriormente, as unidades foram agrupadas e comparadas, facilitando a análise e interpretação dos dados.

Para analisar os dados recolhidos nas entrevistas semidiretivas e no grupo focal, partiu-se da matriz de análise e consideraram-se os objetivos das entrevistas e respetivos guiões para construir-se o sistema de categorias que a seguir se apresenta. A técnica de análise de conteúdo, permitiu, assim, uma codificação sistemática das respostas.

A grelha das entrevistas semidiretivas foi estruturada em três categorias principais:

- I. Combater a desinformação nas iniciativas de literacia digital, onde se analisou a natureza das iniciativas e as parcerias estabelecidas;
- II. Formação e estratégias pedagógicas, que incluiu a análise dos métodos interativos, da aprendizagem ativa e da utilização de conteúdos e tecnologia;
- III. e Impactos nos participantes, que investigou mudanças comportamentais e os desafios enfrentados no combate à desinformação.

O quadro 8 foca-se nas entrevistas realizadas com formadores envolvidos em iniciativas de literacia digital, destacando a natureza das iniciativas, as estratégias pedagógicas e os impactos observados nos participantes. O sistema completo de categorias da grelha de análise de conteúdo das entrevistas semidiretivas aos formadores, consta no Anexo I.

**Quadro 8- Sistema de categorias para análise das entrevistas semidiretivas**

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Indicador</b>
<b>1. Combater a desinformação nas iniciativas de literacia digital</b>	<b>1.1 Natureza das iniciativas</b>	1.1.1 Tipos de iniciativas
		1.1.2 Público-alvo
		1.1.3 Duração e estrutura
	<b>1.2 Colaboração e parcerias</b>	1.2.1 Papel das parcerias
		1.2.2 Colaborações internacionais
<b>2. Formação e estratégias pedagógicas</b>	<b>2.1 Estratégias e métodos pedagógicos</b>	2.1.1 Métodos interativos
		2.1.2 Aprendizagem ativa
		2.1.3 Estratégias online vs. estratégias presenciais
	<b>2.2 Conteúdos</b>	2.2.1 Criação de conteúdos
		2.2.2 Integração de exemplos práticos
		2.2.3 Utilização da tecnologia
<b>3. Impactos nos participantes</b>	<b>3.1 Mudanças comportamentais</b>	3.1.1 Estímulo ao pensamento crítico
		3.1.2 Resultados práticos
	<b>3.2 Desafios no combate à desinformação</b>	3.2.1 Confiança dos participantes
		3.2.2 Barreiras à análise crítica

Foi realizada uma grelha de análise de conteúdo da entrevista de Grupo Focal que organizou as respostas dos participantes de acordo com as **categorias** e **subcategorias definidas**.

As categorias principais abordadas incluíram:

- I. a **perceção inicial sobre as informações falsas**,
- II. as **estratégias aprendidas para identificar essas informações**,
- III. as **dificuldades encontradas**
- IV. e o **impacto nas práticas quotidianas** dos participantes.

No quadro 9 encontra-se uma matriz de análise que exemplifica o processo de categorização. O sistema completo de categorias da grelha de análise de conteúdo das entrevistas de grupo focal, consta no Anexo J.

**Quadro 9 - Sistema de categorias para análise das entrevistas de grupo focal**

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Indicador</b>
<b>1. Perceção e consciência das informações falsas</b>	<b>1.1 Perceção inicial</b>	1.1.1 As informações falsas são comuns nos <i>media</i> .
		1.1.2 Dificuldade em distinguir a verdade da falsidade antes da formação.
	<b>1.2 Sensibilidade para o tema após a formação</b>	1.2.1 Aumento do ceticismo após a formação.
		1.2.2 A influência dos <i>media</i> na formação da perceção do participante.
<b>2. Métodos de identificação de informações falsas</b>	<b>2.1 Estratégias aprendidas</b>	2.1.1 Verificação das notícias através de múltiplas fontes.
		2.1.2 Utilizar ferramentas e sítios <i>Web</i> de verificação de factos.
		2.1.3 Reconhecer indicadores de segurança (https, ícone de cadeado).
	<b>2.2 Utilização de ferramentas e técnicas</b>	2.2.1 Aplicação de ferramentas digitais (ex: Polígrafo, cruzamento de referências de sítios fiáveis).
2.2.2 Sensibilização para o phishing e as burlas <i>online</i> .		
<b>3. Dificuldades na identificação de informações falsas</b>	<b>3.1 Complexidade do conteúdo das notícias</b>	3.1.1 Confusão causada por títulos enganosos ou exagerados.
		3.1.2 Dificuldade em verificar notícias de última hora ou contraditórias.
<b>4. Impacto no comportamento após a formação</b>	<b>4.1 Alterações nas práticas quotidianas</b>	4.1.1 Verificar duas vezes a informação antes de a partilhar.
		4.1.2 Evitar envolver-se com conteúdos suspeitos.
	<b>4.2 Influência na família e amigos</b>	4.2.1 Incentivar os outros a verificar as informações.
		4.2.2 Redução da probabilidade de partilhar notícias não verificadas.

## 2.7 Validade e Fiabilidade

Para garantir a validade e a fiabilidade da investigação, foram implementadas várias estratégias, com destaque para a triangulação de dados, que permitiu confrontar e corroborar os resultados obtidos a partir de diferentes fontes de informação (Maxwell, 2013). Além disso, todas as entrevistas foram transcritas integralmente, assegurando uma análise rigorosa e fidedigna das respostas.

Com o objetivo de assegurar a validade da presente investigação, recorreremos às seguintes estratégias enunciadas por Maxwell (2013) para combater ameaças à validade em estudos qualitativos:

- Utilização de dados "ricos" – foram recolhidos dados detalhados e variados, tanto em entrevistas quanto em análise documental, assegurando uma cobertura completa dos fenómenos estudados;
- Procura de evidências discrepantes e casos negativos – foram testadas explicações concorrentes ou contrastantes, para garantir que todas as perspetivas relevantes fossem consideradas;
- Triangulação – a combinação de evidências convergentes de diferentes fontes de dados fortaleceu a investigação.

A triangulação empregue neste estudo (Maxwell, 2013) é particularmente relevante ao longo da fase de recolha de dados, sendo aplicada para confirmar os resultados a partir de diferentes fontes. Contudo, é mais complexa em contextos *online*, onde relatos aparentemente independentes podem ter a mesma origem (Yin, 2016).

## 2.8 Considerações Éticas

A investigação seguiu os princípios éticos estabelecidos pela Carta de Ética da Universidade de Lisboa. O pedido apresentado no âmbito desta investigação obteve parecer favorável da Comissão de Ética do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (Anexo A), emitido a 21 de maio de 2024.

Todos os participantes foram devidamente informados sobre os objetivos da investigação e assinaram um termo de consentimento informado (Anexos D e E). A confidencialidade e o anonimato foram garantidos em todas as fases, com os dados pessoais codificados e

protegidos durante a recolha e análise (Amado, 2017). Todas as informações identificáveis foram eliminadas ou substituídas por códigos, e os dados foram mantidos em segurança.

## CAPÍTULO 3 - APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

### 3.1 Iniciativas de Literacia Digital para Adultos em Portugal

No âmbito do objetivo **identificar as iniciativas de literacia digital para adultos em Portugal que abordam o tema das informações falsas**, a análise documental e as entrevistas semidiretivas realizadas aos formadores oferecem uma visão clara e detalhada sobre a diversidade e o alcance destas iniciativas.

Para a realização desta investigação, foi efetuado um levantamento das iniciativas de formação existentes em Portugal, destinadas a públicos adultos evoltadas para o combate à desinformação e às informações falsas. A análise documental permitiu identificar uma vasta gama de iniciativas de literacia digital cujo objetivo é capacitar os cidadãos para o combate à desinformação. O Centro Nacional de Cibersegurança (CNCS), oferece diversos cursos sobre segurança digital e combate à desinformação. Além disso, o CENJOR, que oferece formações específicas para jornalistas, incluindo um curso dedicado a notícias falsas. Estas iniciativas são essenciais para desenvolver competências que permitam aos cidadãos enfrentar a desinformação de forma eficaz.

A análise documental permitiu identificar um número considerável de iniciativas, com pelo menos oito ofertas distintas disponíveis, organizadas por diferentes instituições, incluindo o Centro Nacional de Cibersegurança (CNCS), a MetaRed Portugal, a BAD (Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas) e o CENJOR (Quadro 10).

**Quadro 10 - Tipos de Oferta de Literacia Digital e Combate à Desinformação em Portugal**

Área	Descrição	Exemplos
Cibersegurança	Foca-se na proteção de dados e segurança <i>online</i> , especialmente em compras <i>online</i> e uso de correio eletrónico.	-Curso: Consumidor Ciberseguro -Curso: Correio Eletrónico: Principais Fraudes e Riscos.
Combate à Desinformação e Fake News	Envolve a identificação de notícias falsas, compreensão dos processos de desinformação e desenvolvimento de competências de verificação de factos.	-Curso:Cidadão Ciberinformado (CNCS), -Curso:Fakenews - Não se Deixe Enganar (CENJOR), -Projeto FACT. -Curso: Navegar e pesquisar na Internet em segurança. -Curso: Reconhecer notícias falsas.
Literacia Informacional e Crítica	Foco no desenvolvimento de competências críticas e informacionais, aplicáveis em contextos escolares e sociais.	-Webinar: Literacia de Informação no Combate à Desinformação.

### 3.1.1 Objetivos

Relativamente aos objetivos das iniciativas analisadas (Quadro 11), verifica-se que é de capacitar os formandos para identificar e verificar notícias falsas, promovendo um uso crítico e responsável dos meios digitais. Por exemplo, cursos como o 'Cidadão Ciberinformado' e 'Correio Eletrónico: Principais Fraudes e Riscos' incentivam a utilização de ferramentas digitais de verificação de factos, capacitando não apenas cidadãos comuns, mas também profissionais da comunicação e educadores. Além disso, no âmbito do projeto *FACT Guardians*, os jovens são capacitados para criarem redes de verificação de factos e desenvolver campanhas de sensibilização sobre desinformação, contribuindo para o fortalecimento da participação democrática e do envolvimento cívico.

**Quadro 11 - Objetivos da Formação decorrentes da análise das iniciativas**

Subcategoria	Indicadores
Combate à desinformação	Capacitar para a identificação e verificação de notícias falsas.
	Promover o pensamento crítico para prevenir a partilha de desinformação.
	Capacitar profissionais da comunicação para lidar com desinformação.
	Incentivar a utilização de ferramentas digitais de <i>fact-checking</i> .
Cidadania digital	Promoção de uma utilização responsável e crítica dos meios digitais.
	Enfoque no uso ético e informativo da internet.
	Capacitação dos cidadãos para o envolvimento cívico e político através de uma literacia digital informada.
Verificação de factos	Capacitação para o uso de ferramentas digitais de verificação.

Em consonância com esses dados, as entrevistas aos formadores também permitem referir que o objetivo do curso "Informações falsas - Não se deixe enganar", é capacitar os participantes para compreender o fenómeno da desinformação e utilizar ferramentas práticas para identificá-la: *"tentando explicar, portanto, o que é que é o fenómeno da desinformação e como é que podemos lidar com ele"* (E1).

Além disso, o formador E2 afirmou que a rede de bibliotecas públicas de Portugal, composta por mais de 300 bibliotecas, oferece uma oportunidade única para *"implementar atividades e estratégias em torno de várias temáticas e que possam incluir controvérsias acerca de temas da atualidade, controvérsias essas que as tornam vulneráveis às notícias falsas"* (E2). Este dado revela que as bibliotecas públicas podem desempenhar um papel crucial na disseminação de práticas de literacia digital em todo o país, ampliando o alcance das iniciativas formativas no combate à desinformação.

### 3.1.2 Público-Alvo

No que toca ao público-alvo, constata-se através da análise documental que as iniciativas abrangem uma diversidade de públicos, desde profissionais de comunicação a cidadãos sem literacia digital prévia, proporcionando formações adaptadas às necessidades específicas de cada grupo. Neste sentido, cursos como 'Fakenews - Não se Deixe Enganar' focam-se num público alargado tanto em Portugal como noutros países de língua portuguesa, enquanto o curso 'Navegar e Pesquisar na Internet em Segurança' é voltado para cidadãos com competências digitais básicas. Assim, foram identificados uma variedade de programas formativos direcionados a diferentes públicos (Quadro 12), desde profissionais de comunicação até cidadãos comuns, com foco em combater a desinformação e promover uma literacia digital crítica.

**Quadro 12 - Público-Alvo decorrentes da análise das iniciativas**

Subcategoria	Indicadores
Profissionais de comunicação	Cursos direcionados para jornalistas.
	Formações para produtores de conteúdo online.
	Oferta voltada a gestores de redes sociais e assessores de imprensa.
Cidadãos em geral	Formações abertas ao público não especializado.
	Cursos direcionados a grupos específicos, como formandos com competências digitais básicas.
	Envolvimento de cidadãos interessados em temas de cidadania digital e desinformação.
Educadores	Formações para docentes de ensino secundário e superior.

De forma semelhante, relativamente ao público-alvo apontado pelo formador E1 o curso 'Fakenews - Não se Deixe Enganar' abrange um público alargado tanto em Portugal como noutros países de língua portuguesa. Além disso, o formador E2 destacou que inicialmente as iniciativas eram direcionadas a bibliotecários do ensino superior, mas que essas formações foram mais tarde expandidas para incluir professores e estudantes. Dessa forma, a criação de projetos financiados que associam a literacia da informação ao combate à

desinformação, direcionados inicialmente para bibliotecários do ensino superior, mais tarde se expandiram para outros públicos, como estudantes, professores e população em geral. Como explicado por E2, as iniciativas incluem "*webinários dirigidos essencialmente a bibliotecários do ensino superior. Fizemos presencialmente workshops (...) e também para alunos estudantes do ensino superior. E finalmente, fizemos para um público mais alargado, dirigido a pessoas interessadas na área da educação, professores do ensino básico e secundário, (...)*" (E2).

Em concordância com a análise documental, é de entendimento dos formadores que é importante adaptar as práticas formativas ao público-alvo e ao contexto. Por exemplo, o formador E1 referiu que a abordagem formativa variava significativamente consoante o público, mencionando, por exemplo, as formações realizadas na Madeira que se focavam na desinformação proveniente da Venezuela devido à grande comunidade luso-venezuelana naquela região (E1). Complementarmente, o formador E2, por sua vez, destacou o papel dos bibliotecários como mediadores da informação, sendo estes os principais alvos das formações que tinham como objetivo capacitá-los para replicar o conhecimento adquirido junto das suas comunidades (E2).

Portanto, este tipo de adaptação assegura que as formações são relevantes para os diferentes contextos e desafios que os participantes enfrentam, garantindo uma maior eficácia no combate à desinformação.

### **3.1.3 Duração da Formação**

No que respeita à duração das formações, estas são cursos de curta duração (Quadro 13). Por exemplo, o curso *Correio Eletrónico: Principais Fraudes e Riscos* tem uma duração de 2 horas, sendo focado na introdução de conceitos essenciais sobre desinformação e práticas de verificação. Por outro lado, o curso *Fakenews - Não se Deixe Enganar* tem uma duração mais extensa, com 25 horas, proporcionando uma abordagem mais aprofundada sobre o combate à desinformação, análise de informações falsas e práticas de *fact-checking*. Esta diversidade de ofertas permite responder às necessidades de diferentes públicos, quer profissionais da comunicação, quer cidadãos com diferentes níveis de literacia digital.

### Quadro 13 - Duração da Formação decorrente da análise das iniciativas

Subcategoria	Indicadores
Curta duração (=< 30 horas)	Cursos de curta duração, até 30 horas, focados na introdução de conceitos essenciais sobre desinformação e práticas de verificação.
Média duração (30 a 60 horas)	Cursos de média duração, superior a 30 horas e até 60 horas, que permitam maior profundidade na análise de notícias falsas e práticas de fact-checking.
Longa duração (> 60 horas)	Cursos de longa duração, superior a 60 horas, com foco em temas como desinformação, cibersegurança e práticas avançadas de verificação.

Fonte: Ponto 2, do Artigo 10.º Decreto-Lei n.º 86-A/2016, de 29 de dezembro (Tipologia)

Em concordância com a análise documental, no caso da duração do curso "Informações falsas - Não se deixe enganar", durante a entrevista, o formador E1, destacou que foi desenhado como um curso online massivo e aberto (MOOC): "*criando um MOOC, ou seja, de aproveitar por ser gratuito, de acesso aberto em língua portuguesa*" (E1), disponibilizado na plataforma NAU durante um período pré-definido de 4 a 6 meses, com uma duração de 25 horas.

Além disso, as iniciativas mencionadas pelo entrevistado E2, como *workshops* e *webinários*, têm uma duração mais curta, variando entre 1,5 a 2 horas. Conforme o formador explicou: "*cerca de 2 horas, 1,5 hora, depende também daquilo que nos pedem*" (E2). Dessa forma, a flexibilidade na duração das formações reflete a adaptação às diferentes necessidades e solicitações dos participantes.

#### 3.1.4 Parcerias

Na análise documental foi identificado um forte apoio institucional a estas iniciativas, com parcerias nacionais e internacionais estratégicas que incluem o Centro Nacional de Cibersegurança e a Direção-Geral da Educação. Além disso, destaca-se a parceria entre o BAD (Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas) e a Direção-Geral da Educação, com o apoio da Embaixada dos Estados Unidos em Lisboa, e a parceria transnacional entre Portugal, através do CENJOR e Espanha focada no combate à desinformação. Estas parcerias ampliam o alcance e a qualidade das formações, facilitando a implementação de programas educativos mais abrangentes. De igual modo, o projeto

*FACT Guardians*, uma colaboração internacional entre nove países europeus, também se destaca por promover a verificação de factos em larga escala.

Em concordância com a análise documental, quando abordámos as parcerias durante a entrevista, o formador E1 destacou a participação num projeto internacional entre Portugal e Espanha, centrado no combate à desinformação e que inclui *fact-checkers* e centros de investigação. A formação para jornalistas, professores e outros públicos tem sido uma componente central deste projeto, promovendo ações de capacitação em várias regiões, incluindo o continente, os Açores e países de língua oficial portuguesa, como Cabo Verde. Segundo o formador, as iniciativas desenvolvidas no âmbito deste projeto foram descritas como abrangentes e eficazes, permitindo que os formandos adquirissem: "*toda a informação que seria necessário ter para saber lidar melhor com a desinformação*" (E1). Assim, este projeto demonstra um esforço coordenado e internacional para enfrentar o problema da desinformação de forma sistemática e sustentada.

Ainda no contexto de projetos internacionais, o formador E1 também descreveu o trabalho realizado neste âmbito, que se focava na formação de formadores e utilizadores finais em temas relacionados com a literacia para os *media* e o combate à desinformação. Uma das principais práticas adotadas neste projeto foi a criação de manuais de boas práticas para formadores, permitindo que eles se tornassem multiplicadores da formação, promovendo sessões para diferentes públicos, como professores, jornalistas e estudantes. Desta forma, essa abordagem permitiu que as formações tivessem um impacto mais vasto e contínuo. E1 referiu que: "*criámos os materiais no âmbito do projeto, que também estão disponíveis em acesso aberto para os formadores terem tudo o que era necessário para preparar as suas sessões e adaptá-las aos seus públicos*" (E1), destacando a flexibilidade e adaptabilidade das práticas formativas para responder às necessidades dos diferentes grupos. Consequentemente, estas parcerias foram essenciais para a disseminação de boas práticas e para a adaptação das iniciativas ao contexto português.

Além disso, o formador E2 mencionou durante a entrevista que as parcerias são fundamentais para captar o público-alvo: "*através de parcerias estratégicas. Por um lado, se nós queremos chegar aos cidadãos, temos uma rede de bibliotecas públicas, bastante expandida. São mais de 300 bibliotecas públicas em Portugal*" (E2).

Adicionalmente, o formador E2 destacou a relevância da tradução de materiais baseados em referenciais internacionais para a promoção da literacia da informação em português, permitindo que os formadores pudessem transmitir este conhecimento aos seus utilizadores

finais. Esta abordagem multiplicadora é fundamental para garantir que o combate à desinformação atinja um público mais vasto.

Por fim, com base na análise de conteúdo das entrevistas semidiretivas, constata-se que a colaboração com instituições internacionais e a utilização de referenciais e materiais adaptados ao contexto português permitiram que estas iniciativas tivessem um impacto significativo, não só em Portugal, mas também em outras comunidades de língua portuguesa. Assim, estas parcerias e colaborações têm sido cruciais para o sucesso e expansão das práticas de literacia digital e combate à desinformação.

### 3.1.5 Contexto de Implementação das Iniciativas

As iniciativas estão alinhadas tanto com as estratégias nacionais e europeias, como a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania, quanto com os programas europeus de combate à desinformação. Este alinhamento permite que as iniciativas sejam implementadas de forma a responder aos desafios específicos de Portugal (Quadro 14). Por exemplo, o curso Cidadão Ciberinformado faz parte de uma iniciativa governamental para melhorar a literacia digital em Portugal, promovida pelo Centro Nacional de Cibersegurança em colaboração com a Agência Lusa. Além disso, a integração em programas europeus também facilita a partilha de recursos e boas práticas entre os países, garantindo uma resposta coordenada à desinformação a nível continental.

**Quadro 14 - Contexto de implementação decorrente da análise das iniciativas**

Subcategoria	Indicadores
Nacional	Alinhamento das formações com as necessidades e desafios de Portugal.
Europeu	Integração das formações em programas europeus.
Setor específico	Adequação das formações aos desafios específicos de setores (ex: jornalismo, educação).

De acordo com a análise documental, os aspetos apontados pelo formador E1 acerca do contexto de implementação foi que o curso surgiu a partir da experiência acumulada em investigações sobre desinformação realizadas por ele e outros colegas, em vários contextos

portugueses: “começámos a realizar muita investigação no âmbito da desinformação em vários contextos portugueses” (E1). Portanto, estas investigações, publicadas tanto em Portugal como em outros países, serviram como base para a criação de um curso destinado à plataforma NAU, a plataforma oficial de ensino à distância em Portugal: “portanto, esse curso surge no contexto da parceria que a [entidade] já tinha e que continua a ter com a plataforma NAU, de criar conteúdos relevantes em português, ligados à área da comunicação, mas para um Público alargado tanto em Portugal como nos outros países de língua portuguesa. E, portanto, foi nesse contexto que esse curso surgiu” (E1).

Assim sendo, a transposição dessa experiência de investigação para a criação de um MOOC (curso *online* aberto e massivo) reflete o objetivo de disseminar os conhecimentos adquiridos e capacitar o público para lidar com o fenómeno da desinformação de forma eficaz.

Em concordância com a entrevista ao formador E1, o formador E2 também indicou que o contexto de implementação das iniciativas de literacia digital, foi motivado pela crescente consciencialização dos profissionais sobre o problema da desinformação. Além disso, a equipa do formador E2 percebeu, através dos contactos com o público, a necessidade de esclarecer dúvidas e confusões sobre as informações disponíveis: “o contexto no qual nós vivemos, que já tínhamos dado conta que emergia essa problemática” (E2). Ainda, o foco inicial estava na literacia da informação, que enfrentava desafios pela falta de materiais acessíveis em português, especialmente traduções de documentos internacionais em inglês.

Posteriormente, com o surgimento de uma oportunidade de financiamento direcionado ao combate à desinformação, o formador E2 e a equipa desenvolveram um projeto alinhado com as necessidades locais. Dessa forma, o financiamento permitiu a implementação de uma iniciativa que combinou a resolução de uma necessidade emergente com a adaptação de recursos para o contexto português, focando-se na literacia informacional e digital para enfrentar os desafios da desinformação: “o nosso foco era muito a literacia da informação, também estávamos a sentir necessidade de traduzir documentos internacionais que só existem em inglês” (E2).

### **3.1.6 Regime de Formação**

Nos dados recolhidos relativamente à implementação das formações esta varia entre o formato online e presencial (Quadro 15). Por exemplo, a plataforma NAU, proporciona acesso contínuo a cursos online, com flexibilidade de horários, como o Cidadão Ciberinformado, garantindo que os formandos podem aprender *online* ao seu próprio ritmo. Em contrapartida,

algumas formações são oferecidas apenas em formato presencial, como o curso Navegar e Pesquisar na Internet em Segurança, que atende cidadãos com competências digitais básicas.

**Quadro 15 - Regime de Formação decorrente da análise das iniciativas**

Subcategoria	Indicadores
Online	Plataformas digitais para formação.
	Cursos online, com flexibilidade de horários e ao ritmo do estudante.
Presencial	Ações de formação presencial.
Misto ( <i>blended</i> )	Combinação de sessões online e presenciais.

Além disso, no que concerne ao regime de formação, o formador E1 refere que o curso "Informações falsas - Não se deixe enganar", foi desenhado como um curso online massivo e aberto (MOOC), disponibilizado na plataforma NAU. Por outro lado, as iniciativas mencionadas pelo formador E2, como *workshops* e webinários, adotaram um formato mais diversificado, com sessões presenciais e online de curta duração.

### 3.1.7 Distribuição Geográfica da Oferta

A análise das iniciativas revela que a oferta formativa presencial está concentrada, predominantemente, em Lisboa. Cursos como "Navegar e Pesquisar na Internet em Segurança" são realizados em formato presencial, o que limita o acesso a adultos que residam fora da área metropolitana de Lisboa. Esta centralização representa uma barreira para a participação de cidadãos de outras regiões, especialmente os que não têm competências digitais suficientes para participar nas formações online. Além disso, a distribuição das iniciativas formativas não é homogênea em todo o país, como demonstrado pelos dados recolhidos. Embora existam cursos disponíveis em plataformas online, como a NAU, que oferecem flexibilidade em termos de horário e acessibilidade, o formato digital pode excluir indivíduos com dificuldades de acesso à internet ou com baixo nível de competências digitais, especialmente em regiões desfavorecidas.

### 3.2 Práticas Formativas Adotadas para Combater a Desinformação

O segundo objetivo da investigação, **caracterizar as práticas formativas adotadas para identificar, denunciar e prevenir a divulgação de informações falsas**, foi alcançado através da análise documental e das entrevistas com formadores. Estas fontes permitiram identificar metodologias pedagógicas eficazes e flexíveis que são usadas para lidar com a desinformação em Portugal.

#### 3.2.1 Conteúdos Programáticos

Os conteúdos programáticos das iniciativas são amplamente centrados em tópicos como a cibersegurança, a verificação de factos e o combate à desinformação (Quadro 16). Por conseguinte, os conteúdos programáticos focam-se em três grandes áreas: a definição e origem das informações falsas, incluindo uma análise histórica e contextual e as motivações para a sua criação; técnicas de verificação, que ensinam os formandos a identificar sinais de desinformação e a utilizar ferramentas específicas de *fact-checking*; e a análise crítica de fontes e autores de notícias. Além disso, as formações abordam desde a definição de informações falsas até às metodologias para avaliar a credibilidade das fontes e a integridade das informações digitais. Cursos como "Fakenews - Não se Deixe Enganar" e "Correio Eletrónico: Principais Fraudes e Riscos" proporcionam estudos de caso e exemplos práticos, ajudando os formandos a aplicar diretamente os conceitos aprendidos no contexto real.

**Quadro 16 - Conteúdos Programáticos decorrentes da análise das iniciativas**

Subcategoria	Indicadores
Definição e origens das notícias falsas	Explicação teórica sobre o conceito de notícias falsas.
	Análise histórica e contextual de como as notícias falsas surgiram.
	Explicação das motivações por trás da criação e disseminação de notícias falsas.
Técnicas de verificação	Ensinar como identificar sinais de desinformação nas notícias.

Relativamente aos conteúdos, o formador E1 afirmou, que o curso está estruturado em três blocos: *“primeiro bloco, explicar o fenómeno e as suas implicações. O segundo bloco trabalhar sobre a fundamentação das questões mais ligadas à literacia, um terceiro bloco mais ligado às ferramentas que permitem identificar aquilo que é desinformação, portanto, uma parte mais prática e mais aplicada”* (E1). Adicionalmente, o conteúdo foi disponibilizado por meio de vídeos e apresentações: *“haveria uma coleção de pequenos vídeos produzidos por nós (...) existiam apresentações relacionadas com esses vídeos, a seguir ao vídeo estava disponível a apresentação”* (E1).

Em consonância com esta abordagem, a formadora E2 descreveu o processo de desenvolvimento dos conteúdos das iniciativas de literacia da informação, destacando uma abordagem estruturada e prática. Assim, as iniciativas foram inicialmente desenhadas com base num *workshop* centrado no referencial da literacia da informação que inclui seis áreas temáticas. Posteriormente, essas áreas foram transformadas em exemplos práticos e situações concretas relacionadas com desinformação, para que cada tema abordado pela literacia da informação estivesse associado a um problema real. O objetivo foi tornar os conteúdos mais aplicáveis, ligando a teoria a casos práticos que os formandos pudessem reconhecer, facilitando assim o combate à desinformação: *“baseadas no workshop, no referencial da literacia da informação e depois, como o referencial tem 6 áreas temáticas, essas áreas temáticas foram estudadas e desdobradas em exemplos práticos”* (E2).

Dessa forma, esta abordagem demonstra o compromisso em combinar teoria e prática para maximizar a eficácia das formações.

### **3.2.2 Métodos Pedagógicos**

No que se refere aos métodos pedagógicos utilizados nas iniciativas identificadas, estes baseiam-se em abordagens interativas e práticas, com foco na aplicação de ferramentas digitais e na resolução de problemas reais (Quadro 17). Além disso, formações como “Cidadão Ciberinformado” e “Fakenews - Não se Deixe Enganar” utilizam *quizzes* interativos para reforçar a aprendizagem e avaliar o progresso dos formandos e reforçam a aplicação prática dos conteúdos. De igual forma, as formações integram a análise de casos práticos baseados em exemplos reais de desinformação, simulando situações em que os formandos devem aplicar as técnicas de verificação aprendidas. Por exemplo, o curso “Cidadão Ciberinformado” utiliza questionários interativos e estudos de caso para reforçar a

aprendizagem sobre a identificação de informações falsas, proporcionando uma experiência prática que simula situações reais. Adicionalmente, muitas das formações *online*, como as disponibilizadas na plataforma NAU, permitem que os formandos avancem ao seu próprio ritmo, integrando atividades de autoavaliação contínua para garantir a aquisição progressiva de conhecimentos. No caso das formações presenciais, como o curso 'Navegar e Pesquisar na Internet em Segurança', há um maior foco no acompanhamento direto dos formadores, oferecendo uma pedagogia mais tradicional, mas adaptada às competências digitais básicas do público-alvo.

Deste modo, estas práticas pedagógicas não só reforçam a aplicação prática dos conceitos aprendidos, como também incentivam o pensamento crítico.

**Quadro 17 - Métodos Pedagógicos decorrentes da análise das iniciativas**

Subcategoria	Indicadores
Quizzes interativos	Quizzes para reforçar a aprendizagem e avaliar o progresso dos formandos.
	Frequência dos <i>quizzes</i> como mecanismo de avaliação de conhecimento.
	Quizzes focados na aplicação prática dos conteúdos ( <i>fact-checking</i> , por exemplo).
Análise de casos práticos	Estudos de caso baseados em exemplos reais de desinformação.
	Casos de verificação de factos em contexto profissional (ex: jornalismo).
	Simulações de situações onde os formandos devem aplicar as técnicas aprendidas.
Aulas expositivas	Número de aulas expositivas e sessões de explicação.

Neste sentido, relativamente aos métodos pedagógicos do ponto de vista dos formadores entrevistados, estes reforçaram a importância de uma abordagem prática. De acordo com a combinação de práticas pedagógicas interativas e a aplicação de ferramentas de verificação nas sessões permitiram que os formandos se tornassem mais conscientes dos riscos da desinformação e mais habilitados a identificá-la. A utilização de exemplos práticos e a discussão de casos reais, como descrito por ambos os formadores, foi particularmente eficaz

para desenvolver o pensamento crítico dos participantes. Neste ponto, o formador E1 reforça que: "*quanto mais pudermos colocar as pessoas a trabalhar sobre exemplos concretos, melhor funciona*" (E1), o que reflete a importância de metodologias práticas e participativas para garantir uma mudança na percepção dos formandos. Assim, este foco na aplicação prática é um dos elementos centrais das práticas formativas, permitindo que os participantes ganhem confiança no uso de ferramentas digitais para combater a desinformação.

Além disso, o formador E2, por sua vez, destacou as atividades interativas, nomeadamente os *workshops* presenciais e *webinários* que envolviam a verificação de notícias em tempo real. As atividades práticas aplicadas durante as formações incentivaram os participantes a verificar a veracidade das notícias, utilizando ferramentas como o CRAP e o Radar Informações falsas: "*púnhamos uma notícia do jornal e depois pedíamos-lhes para confirmarem se era verdadeiro ou não, e eles tinham que seguir uma determinada metodologia*" (E2). Neste contexto, os participantes trabalhavam com exemplos reais de notícias, analisando e verificando a sua veracidade, o que promovia uma maior interação e feedback imediato por parte dos formadores, incentivando discussões abertas e um ambiente de aprendizagem mais dinâmico (E2).

Consequentemente, este método prático e interativo incentiva a uma aprendizagem ativa, que capacita os participantes para identificar e denunciar desinformação com base em metodologias robustas.

### **3.2.3 Efeitos da Formação**

Os efeitos das iniciativas identificadas são evidenciados no desenvolvimento de capacidades de verificação de factos e no fortalecimento de uma cidadania digital mais consciente e participativa (Quadro 18). Por exemplo, o curso "Correio Eletrónico: Principais Fraudes e Riscos", ensina técnicas de prevenção de fraudes e aumenta a segurança no uso do correio eletrónico, protegendo tanto a identidade digital como os dados pessoais dos utilizadores. Deste modo, estas iniciativas têm um impacto significativo no fortalecimento da cidadania digital, dotando os participantes de ferramentas práticas e conhecimentos essenciais para navegar de forma segura e crítica no ambiente digital.

**Quadro 18 - Efeitos da Formação decorrentes da análise das iniciativas**

Subcategoria	Indicadores
Competências adquiridas	Desenvolvimento de competências de verificação de factos.
Mudança de comportamento	Mudanças comportamentais observadas ou reportadas pelos formandos após a formação.
Alcance social	Número de participantes atingidos por cada formação.
	Promover uma cidadania digital mais consciente e participativa.

Os formadores entrevistados confirmaram a relevância e o impacto de iniciativas de literacia digital. Em particular, o formador E1 referiu o desenvolvimento do MOOC “Informações falsas - Não se deixe enganar”, oferecido através da plataforma NAU, que não só explica o fenómeno da desinformação, mas também fornece ferramentas práticas para que os participantes possam lidar com este problema no seu dia a dia.

Adicionalmente, o formador E1 sublinha que o impacto das iniciativas de literacia digital vai além do simples reconhecimento da desinformação, promovendo uma mudança significativa na forma como os participantes compreendem e interagem com os *media*. Após as formações, os participantes adquirem uma nova perspetiva sobre o funcionamento dos *media* e o impacto potencial da desinformação nas suas vidas. Neste sentido, o formador E1 explicou que, sempre que possível, foi utilizado um sistema de avaliação formal, com questionários aplicados antes e após as formações, o que permitiu observar uma transformação concreta na perceção dos participantes: *“as pessoas saem das ações com uma visão diferente sobre os media, sobre como os media funcionam e sobre o que a desinformação pode impactar a sua vida ou não”* (E1).

Consequentemente, além de fornecerem ferramentas conceptuais e práticas, estas iniciativas capacitam os formandos a agir de forma mais crítica e consciente no seu consumo mediático, reforçando o exercício da cidadania. Além do mais, o formador também destaca o *feedback* qualitativo recebido, onde os participantes relatam que, após a formação, começaram a analisar a informação de uma forma diferente, o que, por mais subtil que seja, é visto como o principal objetivo: *“no final das ações as pessoas passem a olhar para a informação que lhe chega de uma maneira diferente daquilo que faziam antes”* (E1). A formação não só muda a abordagem à desinformação, mas também à informação em geral, tornando os participantes mais críticos e atentos a todos os tipos de conteúdo mediático.

Igualmente importante, a formadora E2 destaca que o impacto das iniciativas de literacia digital é positivo, especialmente quando os participantes têm uma experiência imersiva durante a formação. Segundo a formadora, este tipo de envolvimento facilita o processo de aprendizagem e leva os participantes a desenvolver uma maior atenção a determinados aspetos da informação que consomem. Ou seja, ao serem expostos a situações práticas e interativas, os formandos adquirem novas competências e uma maior sensibilidade para identificar sinais de desinformação, tornando-se mais críticos e conscientes no uso dos meios digitais: *“as pessoas após terem uma experiência mais ou menos imersiva, isso tem algum impacto nelas. Pronto, ocorre uma aprendizagem, previsivelmente, e passam a ter atenção a determinadas características”* (E2).

Por fim, as entrevistas com os formadores revelaram que, em geral, as formações contribuíram para uma mudança significativa na forma como os participantes lidam com a desinformação, desenvolvendo um pensamento crítico mais apurado e aumentando a sua capacidade de identificar, denunciar e prevenir informações falsas. Tanto o formador E1 como o formador E2 indicaram que os participantes apresentaram uma mudança comportamental positiva, tanto a nível da compreensão teórica sobre a desinformação quanto na aplicação prática de ferramentas de verificação.

#### **3.2.4 Ferramentas de Verificação**

No que diz respeito a esta categoria, várias formações incluem ferramentas digitais de verificação de factos, como extensões de navegador e plataformas especializadas, permitindo aos formandos praticar a verificação de notícias de forma eficiente (Quadro 19). Assim, o uso destas ferramentas é essencial para preparar os participantes para lidar com a desinformação de forma autónoma e imediata, identificar conteúdos suspeitos e realizar *fact-checking* de maneira eficaz. O curso "Cidadão Ciberinformado", por exemplo, ensina a utilização de ferramentas de verificação de factos para verificar a autenticidade de notícias e mitigar o impacto da desinformação.

**Quadro 19 - Ferramentas de Verificação decorrentes da análise das iniciativas**

Subcategoria	Indicadores
Fact-checking digital	Disponibilidade de ferramentas de verificação como <i>browser extensions</i> (extensões de navegador).
	Uso de plataformas especializadas em <i>fact-checking</i> .
	Métodos de automatização da verificação de factos.

Relativamente a essas ferramentas de verificação, o formador E1 enfatiza o papel central das ferramentas de verificação no processo formativo, explicando como estas são integradas nas ações de sensibilização e introdução à literacia digital. Além disso, as iniciativas visam não só capacitar os formandos a detetar e desconstruir desinformação, mas também a desenvolver um entendimento mais profundo sobre o seu impacto. Neste sentido, o trabalho de grupo com exemplos concretos permite que os participantes apliquem essas ferramentas de verificação na prática, analisando conteúdos para verificar a sua veracidade, identificar manipulações e compreender as intenções por trás delas: “*trabalho de grupo sobre exemplos concretos e a aplicação de ferramentas para se perceber se aquele conteúdo é factual ou não*” (E1). Dessa forma, os formandos são guiados para concluir que a desinformação geralmente visa beneficiar um pequeno grupo em detrimento de muitos, promovendo assim uma reflexão crítica sobre o impacto da desinformação e as suas consequências sociais.

Consequentemente, a formação não só capacita os participantes a usar essas ferramentas para verificar conteúdos, mas também estimula a compreensão mais ampla de como e por que a desinformação é criada, fomentando uma cidadania mais informada e responsável.

Na entrevista o formador E2 explicou a importância e a utilização de ferramentas de verificação de factos nas iniciativas de literacia digital. Ele destaca o uso de programas conhecidos como o "Polígrafo" e outras ferramentas desenvolvidas no campo da verificação de informação, como o CRAP e o Radar *Fake News*, que são cruciais para identificar e desconstruir a desinformação: “*a investigação tem vindo a desenvolver ferramentas como o CRAP ou o Radar Fake News para a verificação da informação*” (E2). Além disso, o formador sublinha a interligação entre a literacia mediática e a literacia da informação, mostrando que ambas partilham princípios e metodologias. Ao incorporar essas ferramentas, o objetivo das iniciativas formativas é demonstrar e exemplificar como os formandos podem aplicar esses recursos concretamente no seu quotidiano, promovendo uma análise crítica e informada

sobre as informações com que contactam. Em síntese, o foco está em capacitar os participantes para usar ferramentas já validadas pela investigação, fornecendo-lhes meios práticos para verificar a veracidade das notícias e combater a desinformação.

### 3.2.5 Avaliação e Certificação

A maioria das formações *online* oferece mecanismos de avaliação contínua, como *quizzes* interativos que permitem monitorizar o progresso dos participantes e testar as suas competências adquiridas em tempo real (Quadro 20). Por exemplo, cursos como o 'Fakenews - Não se Deixe Enganar' e o "Cidadão Ciberinformado", exigem que os formandos completem uma série de testes com uma taxa de sucesso mínima de 75% para obter a certificação final. Adicionalmente, várias formações incluem a emissão de microcertificados digitais, como nos cursos da MetaRed Portugal e da GoodHabitiz, que certificam as competências adquiridas em áreas como cibersegurança e verificação de factos. Assim, estes microcertificados proporcionam aos participantes o reconhecimento formal das suas aprendizagens em competências específicas, através de certificações digitais que validam o seu progresso e qualificação.

**Quadro 20 - Avaliação e Certificação decorrentes da análise das iniciativas**

Subcategoria	Indicadores
Quizzes e testes	Quizzes ao longo da formação para medir o progresso e testar as competências adquiridas em verificação de factos.
Certificação digital	Certificação digital após a conclusão do curso.
Autoavaliação	Métodos utilizados pelos formandos para avaliar o seu progresso.

No que respeita à avaliação, o formador E1 referiu que o MOOC utilizou um sistema automatizado com questionários que permitiam a obtenção de um certificado de conclusão após a validação dos conhecimentos adquiridos. Por outro lado, as formações presenciais e webinários destacadas pelo formador E2 utilizavam uma avaliação qualitativa e informal, permitindo uma adaptação das estratégias pedagógicas conforme o progresso e as necessidades dos formandos E2. Neste ponto, é evidente que o uso de ferramentas de

avaliação contínua e automatizada, como no caso do MOOC, se destaca como uma abordagem eficaz para medir o progresso dos formandos em tempo real, enquanto nas formações presenciais, a avaliação é mais flexível e adaptada ao contexto e ritmo de aprendizagem de cada grupo.

Contudo, relativamente à avaliação o formador E2 expressa a dificuldade em realizar uma avaliação de impacto consistente dos *workshops* que tem desenvolvido: “*os workshops que eu tenho desenvolvido não são em continuidade com os mesmos públicos, eu não consigo ter a oportunidade de fazer essa verificação/avaliação*” (E2). Desta forma, ele refere que, como os públicos dos *workshops* são distintos e não há continuidade com os mesmos grupos, torna-se complicado realizar uma avaliação formal e regular dos resultados e do impacto a longo prazo das formações. Esta constatação sublinha a necessidade de uma linha de continuidade nas iniciativas formativas, de modo a permitir o acompanhamento e avaliação do progresso dos formandos ao longo do tempo. Sem essa continuidade, torna-se mais difícil medir o efeito real das ações formativas e ajustar as metodologias de acordo com os resultados obtidos.

### **3.3 Importância Atribuída às Notícias Falsas pelos Formandos Adultos em Literacia Digital**

O terceiro objetivo da investigação consiste em **analisar as perceções dos formandos sobre a importância das informações falsas no contexto das iniciativas de literacia digital**. A análise documental e as entrevistas em grupo focal revelaram perceções interessantes, que evidenciam tanto o ceticismo inicial quanto as melhorias adquiridas pelos participantes.

Os documentos analisados mostraram que o tema das informações falsas é central nas formações oferecidas, com ênfase na definição, origem e motivações da criação de informações falsas. Nesse sentido, os cursos analisados, como *Cidadão Ciberinformado*, incorporam uma componente teórica, complementada com práticas de verificação de factos e análise crítica das fontes. Esta abordagem ajuda os participantes a desenvolver uma compreensão profunda do fenómeno da desinformação e a adotar comportamentos mais críticos relativamente à informação digital.

Paralelamente, nas entrevistas realizadas em grupo focal, os formandos adultos manifestaram inicialmente ceticismo relativamente aos meios de comunicação. Por exemplo, um dos formandos afirmou: *"os média em Portugal, às vezes, para venderem os jornais, tinham que publicar certas notícias que não eram verdadeiras."* (F1). Dessa forma, esta desconfiança reflete uma perceção comum de que as notícias são manipuladas para benefício económico ou político, tal como descrito na literatura sobre a era da pós-verdade (Wardle & Derakhshan, 2017). Adicionalmente, o mesmo participante comparou ainda as notícias falsas modernas à propaganda durante a ditadura: *"na altura estávamos numa ditadura (...) aquelas que eu chamo de fake news."* (F1). Portanto, a partir da análise aos contributos dos participantes, verifica-se que reconheceram que as informações falsas constituem um problema contínuo, intensificado pela era digital em que vivemos.

Posteriormente, após frequentarem as formações, os formandos relataram melhorias significativas nas suas competências de verificação de factos. Um dos participantes explicou: *"perante uma notícia (...) verificar se o site tem o cadeado (...) Convém pesquisar em vários sites."* (F2). Assim, esta nova competência permitiu-lhes uma melhor compreensão da veracidade das notícias e uma maior confiança na sua capacidade de identificar desinformação. Este progresso está em linha com os princípios da alfabetização mediática e informacional, que incentivam uma interação crítica com os *mídia* (UNESCO, 2013).

De acordo com Potter (2018), a literacia digital crítica vai além das competências técnicas, abrangendo também a avaliação da credibilidade das informações. Como resultado, os participantes passaram a ter maior consciência da rapidez com que a desinformação se propaga, especialmente nas redes sociais. Um deles, por exemplo, comentou: *"antes do curso, era difícil (...) há notícias que são difíceis de identificar"* (F3).

Este facto destaca a relevância de ferramentas práticas de verificação, como os sites de verificação de factos, um elemento central do curso, conforme sublinhado por Grizzle et al. (2014).

Segundo Thorson (2016), a persistência das crenças ocorre quando as pessoas continuam a acreditar em informações incorretas, mesmo após serem confrontadas com os factos. Esta resistência é evidenciada pela dificuldade que os formandos relataram ao lidar com fontes contraditórias. Um dos participantes afirmou: *"podíamos comparar 10 sites, e 5 diziam que a notícia era verdadeira e os outros 5 diziam que era falsa. Isso deixa-nos na dúvida, e, no fundo, temos que escolher em que acreditar"* (F5). Este exemplo demonstra claramente a complexidade do combate à desinformação e destaca a necessidade de complementar o

uso de ferramentas de *fact-checking* com outras estratégias formativas. Mesmo com o acesso a várias fontes, os formandos continuam a ter dificuldade em determinar a veracidade da informação, reforçando a ideia de que as crenças iniciais podem prevalecer, independentemente dos factos corretos que sejam apresentados.

Este fenómeno ilustra perfeitamente o conceito de persistência da crença, como descrito por Thorson (2016), onde a desinformação continua a ter impacto, mesmo após ser desmentida. Assim, a experiência dos formandos confirma a teoria ao demonstrar que a exposição contínua à desinformação reforça estas crenças equivocadas. Esta resistência à correção está enraizada no facto de que as pessoas, muitas vezes, priorizam as suas crenças pré-existentes e as fontes de informação que confirmam essas crenças. Além disso, a exposição contínua à desinformação reforça essas ideias equivocadas, dificultando a sua desconstrução, mesmo quando confrontadas com dados factuais que as contradizem. Desta forma, a repetição e a familiaridade com as informações erradas fortalecem a sua credibilidade e dificultam o processo de correção cognitiva. Paralelamente, os participantes também destacaram o papel das redes sociais, onde a disseminação de informação falsa se espalha de forma mais rápida do que a de conteúdos verdadeiros (Vosoughi et al., 2018). Neste contexto, como afirmou um dos formandos: "*As redes sociais (...) só publicam e divulgam notícias falsas (...) vendem mais*" (F3). Por conseguinte, isto evidencia as limitações das ferramentas de verificação disponíveis atualmente e reforça a necessidade de enfrentar a amplificação algorítmica da desinformação. Os algoritmos utilizados nas redes sociais e nas plataformas digitais tendem a privilegiar conteúdos que geram maior interação, como notícias sensacionalistas ou controversas, frequentemente sem considerar a sua veracidade. Esta amplificação algorítmica contribui para a perpetuação da desinformação, uma vez que publicações com elevado nível de envolvimento são apresentadas a um número crescente de utilizadores, resultando em ciclos de exposição repetida a informações falsas. Ao privilegiar a viralidade, estes algoritmos dificultam ainda mais o processo de correção de crenças erróneas, pois os indivíduos são continuamente expostos a conteúdos que reforçam as suas convicções prévias, em detrimento de informações rigorosas ou verificadas. Isto evidencia as limitações das ferramentas de verificação disponíveis atualmente, que são incapazes de lidar eficazmente com a propagação contínua de informações falsas.

Em termos de comportamento *online*, os formandos referiram ter adotado uma postura mais cautelosa e responsável. Um dos participantes afirmou: "*quando recebo uma mensagem ou*

*link duvidoso, ignoro (...) E não partilho"* (F3), demonstrando que as formações tiveram um impacto direto nas suas práticas digitais.

Por fim, esta abordagem proativa está em sintonia com a promoção de uma cidadania digital responsável, conforme referido por Pennycook et al. (2020), que destacam a importância de capacitar os utilizadores a reconhecer e evitar a disseminação de informações falsas, incentivando-os a refletir criticamente antes de partilhar conteúdo *online*. Esta mudança comportamental, como referem os autores, é essencial para mitigar a propagação de desinformação, já que o comportamento consciente dos indivíduos desempenha um papel crucial na contenção de conteúdos enganosos nas redes sociais. Ainda assim, os participantes entrevistados também reconheceram que a desinformação está em constante evolução, exigindo uma adaptação permanente: "*temos que nos atualizar e estar sempre vigilantes*" (F4).

Esta reflexão destaca a relevância da literacia digital ao longo da vida, conforme enfatizado por Lessenski (2021), que sublinha a importância contínua da capacitação digital para acompanhar as novas formas de desinformação. De acordo com o autor, a literacia digital deve ser vista como uma competência fundamental, em permanente evolução, de modo a capacitar os cidadãos para enfrentar de forma eficaz as novas estratégias de manipulação e desinformação que continuam a surgir.

### **3.4 Discussão de Resultados**

#### **3.4.1 Iniciativas de literacia digital**

A análise das iniciativas de literacia digital para adultos em Portugal revela pontos de concordância e alguns aspetos de discordância entre os dados empíricos, provenientes da análise documental e das perspetivas dos formadores entrevistados, e o enquadramento teórico. Dessa forma, tanto os resultados obtidos a partir da análise documental quanto os formadores concordam que o objetivo principal destas iniciativas é: capacitar os formandos a identificar e verificar notícias falsas, promovendo um pensamento crítico e a utilização de ferramentas digitais de verificação de factos. Esta abordagem alinha-se com a necessidade de combater a desinformação, definida como informação intencionalmente falsa e prejudicial (Wardle & Derakshan, 2017), e a sua crescente proliferação nas redes sociais e plataformas digitais, conforme descrito por Kapantai et al. (2021). A partir da análise documental identificaram-se programas como o "Cidadão Ciberinformado" e o "Fakenews - Não se Deixe Enganar", informação corroborada pelos formadores, que destacam a importância de capacitar cidadãos e profissionais para lidar com a desinformação. O formador E1, por exemplo, sublinha o "fenómeno da desinformação" e em como lidar com ele, demonstrando o alinhamento entre a prática formativa e a teoria sobre desinformação.

Noutro sentido, a diversidade do público-alvo também é um ponto de consenso. A análise documental destaca que os cursos são dirigidos a diferentes grupos, desde cidadãos com pouca literacia digital até profissionais de comunicação e educadores, um aspeto corroborado pelos formadores, como E2, que mencionam a expansão gradual das formações para bibliotecários, professores, estudantes e o público em geral. Esta capacidade de adaptar estratégias ao público-alvo revela-se fundamental para enfrentar os múltiplos desafios associados à desinformação, cujo impacto negativo se estende a vários setores da sociedade, conforme analisado por Ceylan et al. (2023). A necessidade dessa flexibilidade é particularmente relevante, pois os fatores que impulsionam a partilha de desinformação, como a criação de hábitos associados a recompensas, ultrapassam grupos específicos. Ceylan et al. (2023) destacam que os mecanismos de disseminação da desinformação operam de forma transversal, afetando diferentes grupos e contextos sociais. Os autores defendem que o combate à desinformação passa pela reestruturação dos ambientes digitais que favorecem a sua propagação, promovendo a criação de hábitos de partilha de

informação verificada, com uma abordagem inclusiva que contemple a diversidade dos utilizadores.

Outro ponto de concordância entre a literatura e os dados empíricos é a importância das parcerias institucionais e internacionais na implementação das iniciativas. Neste contexto, a análise documental menciona colaborações, com o Centro Nacional de Cibersegurança e a Direção-Geral da Educação, e parcerias transnacionais, como no projeto *FACT Guardians*. Em concordância, o formador E1 destaca a cooperação com instituições de investigação e *fact-checkers* internacionais, sublinhando a importância dessas parcerias para disseminação das práticas e o alcance das formações. Este ponto é reforçado pela análise documental, que indica uma rede vasta de instituições envolvidas, como o Centro Nacional de Cibersegurança e a Direção-Geral da Educação. De forma consistente, este aspeto está alinhado com a literatura sobre a regulação da desinformação, salientando a necessidade de um esforço conjunto entre instituições públicas, regulação das plataformas digitais e a sociedade civil para enfrentar eficazmente os desafios colocados pela desinformação (Diepeveen & Pinet, 2022).

Contudo, surgem divergências importantes. A análise documental apresenta uma visão otimista em relação à diversidade de durações das formações, com cursos que variam de curta duração (2 horas) a longa duração (25 horas). No entanto, os formadores, como E2, indicam que a curta duração de algumas iniciativas pode limitar o impacto, especialmente quando não há continuidade ou um acompanhamento prolongado dos formandos. Este ponto converge com as conclusões de Thorson (2016), que demonstra, que a desinformação pode continuar a influenciar as atitudes das pessoas mesmo após ter sido eficazmente desmentida, um fenómeno que denomina por "ecos de crença". Segundo Thorson (2016), a curta duração de algumas iniciativas, principalmente na ausência de continuidade ou acompanhamento prolongado dos formandos, pode ser insuficiente para combater a formação dos "ecos de crença", reforçando assim a necessidade de uma educação contínua, sistemática e progressiva em literacia digital.

Outro ponto de discordância relaciona-se com a modalidade das formações. Embora a análise documental valorize a flexibilidade das ofertas *online*, como as proporcionadas pela plataforma NAU, os formadores salientam a importância de formatos mais interativos, como *workshops* e webinários. O formador E2 refere que, apesar da utilidade das sessões *online*, a falta de continuidade pode comprometer a eficácia a longo prazo. Isto reflete uma preocupação com a avaliação de impacto e os desafios da implementação prática,

especialmente no que se refere à manutenção do envolvimento dos formandos após o término dos cursos.

Em suma, as iniciativas de literacia digital para adultos em Portugal estão, de modo geral, alinhadas com os objetivos de combate à desinformação evidenciados pela literatura, sendo promovidas através de colaborações interinstitucionais e programas diversificados. Entretanto, a curta duração limitada de algumas formações e a falta de continuidade são questões que devem ser abordadas para maximizar o impacto no desenvolvimento de competências críticas e duradouras nos formandos. É evidente que uma abordagem mais integrada e prolongada pode responder de forma mais eficaz aos desafios da desinformação, que continuam a evoluir e a amplificar-se nas plataformas digitais.

### **3.4.2 Práticas Formativas no Combate à Desinformação**

A análise das práticas formativas adotadas para combater a desinformação em Portugal revela tanto pontos de concordância como algumas discordâncias entre a literatura científica, os dados da análise documental e das perspetivas dos formadores entrevistados. Desde o início, nota-se que tanto a análise documental quanto os formadores concordam na centralidade de tópicos abordados nas formações, como cibersegurança, verificação de factos e combate à desinformação.

As iniciativas formativas, como "Fakenews - Não se Deixe Enganar" e "Correio Eletrónico: Principais Fraudes e Riscos", demonstram uma combinação eficaz de conteúdos teóricos e práticos, que visam equipar os participantes com as ferramentas necessárias para reconhecer e desconstruir desinformação. Tal como confirmado pelo formador E1, esta abordagem inclui a divisão dos cursos em blocos temáticos que explicam o fenómeno da desinformação e fornecem ferramentas práticas. De forma consistente, a formadora E2 reforça a importância de uma ligação direta entre a teoria e exemplos práticos, destacando que os conteúdos foram desenhados para serem aplicáveis e facilmente reconhecíveis pelos formandos. Estes dados vão ao encontro da literatura, que destaca a complexidade e abrangência do fenómeno das notícias falsas, que exige que prepare os indivíduos para identificar e analisar criticamente diferentes formatos e contextos de circulação de informação (Allcott & Gentzkow, 2017). Subentendendo-se aqui a necessidade de capacitar os cidadãos para lidar com diversos tipos de informações falsas, incluindo desinformação,

misinformação e malinformação, uma vez que a ausência de uma linguagem comum e de definições claras para os diferentes tipos de informação falsa dificulta o combate à desinformação (Kapantai et al., 2021).

Os métodos pedagógicos interativos também surgem como um ponto de convergência. Ambos os formadores mencionam e a análise documental identificou o uso de *quizzes*, a análise de casos práticos e outras atividades participativas para envolver os formandos em cenários reais de desinformação. Assim, tanto o formador E1 quanto a formadora E2 reforçam a importância de métodos práticos, com o formador E1 destacando o uso de exemplos concretos e a formadora E2 sublinhando o valor de workshops interativos, onde os formandos verificam notícias em tempo real. A consistência desta metodologia é evidente ao alinhar-se com a recomendação teórica de fomentar o pensamento crítico, um componente essencial para capacitar os cidadãos a combater a desinformação (Potter, 2018). De acordo com Potter (2018), o pensamento crítico é colocado no centro da literacia mediática, sendo esta definida como a capacidade de aceder, analisar, avaliar e criar mensagens mediáticas. O autor sustenta que, ao desenvolverem competências de pensamento crítico, os indivíduos tornam-se mais conscientes da influência exercida pelos meios de comunicação, o que lhes permite tomar decisões mais informadas e conscientes no que diz respeito ao consumo e produção de conteúdos mediáticos.

No que toca aos efeitos das formações, existe uma clara concordância entre os formadores, revelando que as práticas formativas têm causado mudanças comportamentais significativas. De forma explícita, os formandos relatam uma maior capacidade de verificar informações e desenvolver uma atitude crítica em relação aos *media*. O formador E1 destaca que os formandos mudam a sua perspetiva sobre os *media* e a desinformação, tornando-se mais atentos e críticos no consumo de informação. Corroborando esta visão, a formadora E2 refere que, após uma experiência imersiva, os formandos tornam-se mais conscientes das características da informação e dos riscos da desinformação. Este resultado confirma a visão plasmada em referentes internacionais sobre o papel fundamental da literacia digital e da *Media Information Literacy* no combate à desinformação (UNESCO, 2014; Potter, 2018).

Outro ponto de concordância entre os formadores e a análise documental é a importância de ferramentas práticas de verificação. A análise documental menciona o uso de ferramentas digitais de *fact-checking*, como extensões de navegador, para ajudar os participantes a identificar conteúdos manipulados. Ambos os formadores enfatizam a utilidade dessas ferramentas, integradas nas formações. O formador E1 sublinha o trabalho em grupo com

exemplos concretos para desconstruir a desinformação, enquanto o formador E2 destaca o uso de ferramentas como o CRAP e o Radar *Fake News*, que são integradas nas formações para permitir que os formandos apliquem o que aprenderam de forma prática. Neste ponto, há um alinhamento direto com a literatura, que discute a amplificação da desinformação nas redes sociais e a necessidade de fornecer aos cidadãos competências técnicas para verificar a autenticidade da informação (Vosoughi et al., 2018).

Contudo, surgem algumas discordâncias na área da avaliação e continuidade das formações. A análise documental refere a utilização de *quizzes* e testes ao longo das formações para medir o progresso dos formandos, sendo emitidos certificados digitais após a conclusão bem-sucedida. Em contraste, o formador E2 menciona que há dificuldades na avaliação formal e na continuidade das formações, especialmente em *workshops*, devido à diversidade do público e à falta de acompanhamento posterior. Este aspeto evidencia-se particularmente à luz do quadro teórico apresentado, que sublinha a persistência dos efeitos da desinformação (Thorson, 2016), sugerindo que uma formação pontual pode não ser suficiente para garantir uma mudança duradoura nos comportamentos.

Outro ponto de divergência relaciona-se com a modalidade das formações. Apesar da análise documental destacar a flexibilidade proporcionada pelas formações *online*, os formadores, especialmente o formador E2, sublinham a importância das sessões presenciais e da interação direta, particularmente em *workshops*, permite uma avaliação imediata e um impacto mais significativo. Esta observação reforça a complexidade do fenómeno da desinformação, que requer abordagens mais contínuas e interativas para capacitar eficazmente os formandos a longo prazo (Wardle & Derakshan, 2017).

Em suma, pode-se concluir que as práticas formativas adotadas para combater a desinformação em Portugal estão bem alinhadas com o que é salientado na literatura na área e têm mostrado resultados promissores, especialmente na capacitação técnica e no desenvolvimento do pensamento crítico. No entanto, há uma clara necessidade de abordar a falta de continuidade e de avaliação formal em algumas iniciativas limita o impacto a longo prazo. Deste modo, sugere-se uma maior integração entre modalidades e de acompanhamento pós-formação para garantir uma eficácia sustentada no combate à desinformação.

### **3.4.3 Importância Atribuída às Notícias Falsas pelos Formandos Adultos em Literacia Digital**

A análise da importância atribuída às notícias falsas pelos formandos adultos nas iniciativas de literacia digital revela significativas concordâncias e algumas discordâncias entre a literatura, a análise documental das iniciativas e as perspectivas de formadores e formandos. Desde logo, a análise documental e as entrevistas com formadores mostram um alinhamento claro sobre a relevância do combate à desinformação, confirmando o facto de que a desinformação é um tema central nas formações de literacia digital.

Tanto a literatura quanto os formadores sublinham a importância de combater a desinformação, particularmente num contexto de "pós-verdade", onde a confiança nas fontes mediáticas é frequentemente desafiada (Wardle & Derakhshan, 2017). Este fenómeno tem sido abordado diretamente nos conteúdos programáticos das iniciativas de formação, como o curso "Cidadão Ciberinformado", que se centra no desenvolvimento de competências críticas e de verificação de factos. Desta forma, a literatura sobre literacia mediática também apoia esta abordagem, destacando a necessidade de formar cidadãos críticos que possam avaliar a credibilidade das informações que consomem, objetivo este que é espelhado nas práticas de formação. Assim sendo, as iniciativas de literacia digital procuram capacitar os formandos com ferramentas práticas de verificação e um pensamento crítico necessário para enfrentar os desafios da desinformação e as suas implicações no ambiente digital.

No que diz respeito às entrevistas com os formadores, estas corroboram este ponto, indicando que os formandos, após a formação, reconheceram a importância do tema das notícias falsas e relatam melhorias significativas nas suas capacidades de identificação e verificação de informações. Estas competências incluem ações práticas, a consulta de várias fontes e a análise dos sinais de segurança online, como o uso de cadeados nos sites. Esta transformação comportamental está alinhada com a visão de autores como Potter (2018), que sublinham a importância da capacitação digital para combater a desinformação. Este autor refere que a capacidade de analisar criticamente a informação, identificar fontes fidedignas e agir de forma informada são elementos cruciais no combate à desinformação.

Um outro ponto de convergência entre a literatura e os formadores é a ênfase na capacitação dos formandos para serem cidadãos digitais responsáveis, abordando questões éticas e promovendo o uso crítico dos meios digitais. Tanto a análise documental como os formadores realçam que, após as formações, os formandos adotam práticas mais cautelosas, como evitar a partilha de conteúdos duvidosos. Este comportamento é reforçado

pela literatura, que sugere que a sensibilização para a verificação da informação pode influenciar positivamente o comportamento *online*, promovendo uma partilha mais consciente e informada (Pennycook et al., 2020).

Algumas discordâncias surgem, particularmente quanto à eficácia prática das ferramentas de verificação. A análise documental dá conta da utilização de ferramentas digitais de *fact-checking* em contexto formativo, mas os formandos entrevistados relatam dificuldades em lidar com informações contraditórias, afirmando que a exposição a informação díspar gera confusão. Este aspeto está em consonância com a persistência das crenças associadas à desinformação, mesmo após a realização de *fact-checking* (Thorson, 2016). Este autor alerta para o fenómeno dos "ecos de crença", que se refere à persistência dos efeitos da desinformação nas atitudes e opiniões, mesmo após a correção dos factos. O fenómeno dos "ecos de crença" ajuda a explicar a dificuldade que os formandos relatam ao lidar com informações contraditórias, mesmo utilizando ferramentas de verificação. Assim, a disponibilização de ferramentas de *fact-checking*, por si só, pode não ser suficiente para combater a desinformação de forma eficaz. É essencial capacitar os indivíduos com competências críticas para navegar pela complexidade da informação online, incluindo: avaliar a credibilidade das fontes, reconhecer técnicas de manipulação em notícias falsas, e procurar diferentes perspetivas através da consulta de múltiplas fontes, evitando o consumo de informação em ambientes fechados e tendenciosos (Thorson, 2016).

Outro ponto de divergência refere-se à confiança nos *media*. Embora a análise documental apresente uma visão mais otimista sobre a capacidade das formações em aumentar a confiança nos *media* tradicionais, os formandos expressaram ceticismo em relação à integridade dos *media*, sugerindo que algumas notícias são publicadas com intenções manipuladoras. Este sentimento reflete as discussões da era "pós-verdade", onde a confiança nas instituições mediáticas é frequentemente desafiada (Wardle & Derakhshan, 2017). A era da "pós-verdade" caracteriza-se por um contexto em que os factos objetivos têm menos influência na formação da opinião pública do que os apelos à emoção e às crenças pessoais, resultando numa maior dificuldade em distinguir entre factos e desinformação. Curiosamente, este aspeto não é abordado de forma tão explícita na análise documental, que apresenta uma visão mais otimista sobre a capacidade das formações em resolver estas questões. Esta disparidade entre a teoria e a prática evidência a complexidade de enfrentar os desafios da desinformação num cenário onde as emoções e as crenças pessoais prevalecem sobre a evidência factual.

Por último, há uma discordância relativamente ao papel das redes sociais na amplificação da desinformação. A literatura e os formandos reconhecem a velocidade de propagação das notícias falsas nas plataformas digitais, particularmente impulsionada pelos algoritmos que favorecem conteúdos virais (Vosoughi et al., 2018).

Vosoughi et al. (2018) demonstram que as notícias falsas se propagam de forma significativamente mais rápida, ampla e profunda do que as verdadeiras, uma vez que estas últimas tendem a ser menos surpreendentes ou apelativas. Este fenómeno é amplificado pelos algoritmos que privilegiam a viralidade, independentemente da veracidade da informação, o que agrava o impacto da desinformação nas redes sociais. A atração pela novidade e pelo inesperado torna a desinformação mais apelativa, captando a atenção dos utilizadores e promovendo a sua partilha com maior frequência, o que contribui para a perpetuação do fenómeno. No entanto, a análise documental não explora suficientemente esta questão, concentrando-se mais nas ferramentas tradicionais de verificação, o que subestima a complexidade da desinformação digital, especialmente no contexto da viralidade induzida pelos algoritmos. Esta subvalorização limita o entendimento do impacto real das plataformas digitais na disseminação de notícias falsas, uma dimensão crítica que deveria ser mais profundamente abordada.

Em síntese, a análise revela um consenso entre a literatura, a análise documental e as perspetivas dos formadores sobre a importância do combate à desinformação nas formações de literacia digital. Todavia, surgem discordâncias na eficácia das ferramentas de verificação e na confiança nos *media*. A literatura destaca a complexidade do combate à desinformação e a persistência das crenças, sugerindo que este processo exige uma abordagem contínua e adaptada às novas formas de propagação de conteúdos digitais. Portanto, as iniciativas de literacia digital devem continuar a evoluir para lidar com os desafios da era digital, incluindo o papel amplificador das redes sociais e a confiança nas instituições mediáticas.

Em suma, a triangulação dos dados provenientes da análise documental e das entrevistas com formadores e formandos oferece uma visão abrangente das iniciativas de literacia digital em Portugal. As formações estão estruturadas para proporcionar tanto conhecimento teórico quanto prático, com foco em ferramentas digitais e metodologias interativas que permitem aos participantes lidar eficazmente com a desinformação.

## CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo principal compreender como é promovido o combate à desinformação nas iniciativas de literacia digital destinadas a adultos em Portugal. Para isso, as questões de investigação orientaram a análise e interpretação dos dados recolhidos, permitindo uma visão abrangente sobre as iniciativas em vigor, as práticas formativas implementadas e a perceção dos formandos acerca das informações falsas.

No que concerne à primeira questão de investigação, "Que iniciativas de literacia digital para adultos em Portugal consideram o tema das informações falsas?", tanto a análise documental quanto as entrevistas demonstraram que, embora existam diversas iniciativas focadas neste tema, a sua distribuição pelo território nacional não é homogénea. A oferta presencial encontra-se concentrada em Lisboa, o que limita o acesso de adultos noutras regiões.

A oferta formativa em literacia digital, especialmente para o combate à desinformação, baseia-se sobretudo em conteúdos disponíveis online em plataformas de *e-learning* como a NAU e a GoodHabitZ, que oferecem acesso contínuo, flexível e ao ritmo do formando. Algumas destas formações estão ativas com edições contínuas previstas até 2025, como os cursos Cidadão Ciberinformado e Consumidor Ciberseguro, garantindo a continuidade da oferta formativa. Estas plataformas *online* são particularmente importantes para facilitar o acesso a um público mais vasto e distribuído geograficamente. Contudo, a prevalência de ofertas *online* apresenta também desafios, principalmente para grupos vulneráveis, como os que não têm acesso a recursos tecnológicos ou apresentam baixas competências digitais, excluindo dessa forma os indivíduos que mais necessitariam deste tipo de formação. Esta lacuna sublinha a urgência de iniciativas que promovam não só o acesso à internet e aos dispositivos tecnológicos, mas também o desenvolvimento das competências básicas necessárias para usufruir das ofertas formativas existentes. Adicionalmente, não foram identificadas ofertas formativas específicas para a população mais envelhecida que, conforme evidenciado, é particularmente suscetível à desinformação.

Embora as formações online e gratuitas possibilitem uma aprendizagem flexível, ao ritmo do formando, estas são inacessíveis aos indivíduos que não detêm as competências digitais básicas necessárias para deles usufruir. De acordo com o índice de Digitalidade da economia DESI (Comissão Europeia, 2024), Portugal possui apenas 56,0% da população entre 16 e 74 anos com competências digitais básicas. Assim, embora os cursos *online* sejam muito vantajosos para aqueles que os conseguem aceder, excluem uma grande parcela da

população portuguesa com mais de 16 anos que não detêm competências digitais mínimas, perpetuando o seu isolamento digital. Em contrapartida, iniciativas presenciais, como o curso "Navegar e Pesquisar na Internet em Segurança", com edições a decorrer regularmente, oferecem um acompanhamento mais direto e individualizado dos formandos, o que é crucial para públicos com menores competências digitais. Neste contexto, destaca-se também o papel das bibliotecas, em particular as bibliotecas escolares, que têm desempenhado uma função fundamental na promoção da literacia digital e informacional.

O desenvolvimento da investigação revelou que combater a desinformação requer uma abordagem sistemática e eficaz, envolvendo não só entidades reguladoras e plataformas, mas também a capacitação dos cidadãos para lidarem criticamente com o conteúdo informativo que consomem. A literacia digital, portanto, emerge como um elemento central nesta estratégia de combate à desinformação.

Apesar da relevância destas instituições, é evidente que no domínio da educação de adultos – em especial no que diz respeito ao combate à desinformação – há ainda um défice significativo de iniciativas estruturadas, sendo este um campo que carece de maior investimento e desenvolvimento em Portugal, sobretudo quando comparado com outras áreas da educação. Portanto, falta um trabalho que vá além da dimensão instrumental e funcional da literacia digital, que não se limite apenas ao ensino de ferramentas de verificação, mas que promova uma reflexão crítica e análise aprofundada sobre o uso da informação digital.

Relativamente à segunda questão de investigação, "Que práticas formativas foram adotadas para identificar, denunciar e prevenir a divulgação de informações falsas?", concluiu-se que as iniciativas de literacia digital existentes utilizam uma variedade de práticas eficazes. Destaca-se o uso de ferramentas de verificação de factos, a análise crítica de conteúdos e atividades que estimulam a reflexão e o desenvolvimento do pensamento crítico. Contudo, a oferta de formação centrada unicamente no uso de instrumentos digitais não tem sido suficiente para proporcionar aprendizagens mais profundas, que permitam aos formandos não só verificar a veracidade da informação, mas também desenvolver uma capacidade reflexiva e analítica que os prepare para lidar com a desinformação de forma crítica. Portanto, é importante repensar as práticas formativas para que estas promovam uma aprendizagem mais completa e significativa.

Embora algumas iniciativas, como o Cidadão Ciberinformado, continuem a ser oferecidas regularmente, a falta de atualizações ou de novas edições de alguns cursos, como o

Fakenews - Não se Deixe Enganar, limita o alcance da oferta e a sua eficácia na luta contra as informações falsas. O combate à desinformação exige uma resposta contínua e adaptada às rápidas mudanças nas técnicas de disseminação de notícias falsas, como os *deepfakes* e outros fenómenos emergentes. Dessa forma, a oferta formativa atual, embora abrangente em termos temáticos, pode não ser suficiente para acompanhar a velocidade e a quantidade de novas formas de desinformação que surgem constantemente.

No que respeita à terceira questão, "Qual é a perceção dos adultos que participaram em iniciativas de literacia digital sobre o tema das informações falsas?", as entrevistas revelaram que os formandos adquiriram uma maior consciencialização sobre o impacto das informações falsas e demonstraram uma maior aptidão para identificar e denunciar conteúdos enganosos. As formações foram bem avaliadas pelos participantes entrevistados, sendo consideradas ferramentas úteis para fomentar uma utilização mais crítica e responsável dos *media* digitais. Entretanto, foi evidenciada a necessidade de ajustar as formações às especificidades dos públicos mais envelhecidos, que enfrentam maiores dificuldades no acesso e uso de ferramentas tecnológicas.

Finalmente, a falta de continuidade e a escassez de atualizações de algumas formações, como o curso "Fakenews - Não se Deixe Enganar", limita o alcance da oferta e a eficácia da educação para combater a desinformação, deixando lacunas importantes na educação sobre temas tão críticos como a desinformação.

Em suma, os resultados deste estudo indicam que, apesar da relevância e estrutura das iniciativas existentes no combate à desinformação, estas ainda não são acessíveis a toda a população adulta portuguesa, sobretudo fora das grandes áreas urbanas e entre a população mais idosa. A predominância de ofertas em formato *online* facilita o acesso a muitos, mas também cria barreiras significativas para os indivíduos sem acesso à tecnologia ou sem competências digitais, o que reduz o alcance destas formações. Adicionalmente, há uma carência de iniciativas mais reflexivas, que promovam uma aprendizagem ativa e crítica, para além do uso de ferramentas de verificação.

As práticas formativas atuais, embora eficazes, poderiam ser amplamente melhoradas com uma maior abrangência e uma adaptação às diferentes necessidades dos públicos. Esta adaptação não deve ser apenas tecnológica, mas também pedagógica, promovendo uma formação mais participativa e focada no desenvolvimento de competências de reflexão crítica sobre os *media* e a informação.

Em conclusão, o desenvolvimento deste estudo possibilitou responder ao problema e às questões de investigação, identificando as potencialidades e limitações das iniciativas de literacia digital de adultos no combate à desinformação em Portugal. Fica clara a necessidade de expandir e ajustar estas iniciativas em termos de abrangência geográfica e de adequação aos diferentes públicos, para garantir que toda a população adulta em Portugal, independentemente da sua localização geográfica ou das suas competências digitais, possa beneficiar de uma formação eficaz no combate à desinformação. A expansão das iniciativas de literacia digital deve ser acompanhada de um esforço claro para fomentar a literacia crítica e a capacidade de análise reflexiva, promovendo uma sociedade mais informada e capaz de lidar com os desafios constantes da desinformação.

### **Limitações do Estudo e Sugestões para Estudos Futuros**

Este estudo enfrenta limitações metodológicas que importa conhecer. Em primeiro lugar, por adotar uma abordagem qualitativa e focada num contexto específico, os resultados obtidos não podem ser generalizáveis para outras situações ou populações. Neste sentido, conforme recomendado por Coutinho (2013), é crucial que os investigadores reconheçam e discutam abertamente as limitações metodológicas dos seus estudos, o que também foi feito no presente trabalho. Além disso, as entrevistas dependem da disponibilidade e da sinceridade das respostas dos participantes, o que pode ter introduzido vieses a serem considerados na interpretação dos dados. Dessa forma, os resultados apresentados refletem as experiências particulares dos participantes neste contexto específico e, portanto, não devem ser extrapolados para outros contextos sem a devida consideração das variáveis envolvidas.

Durante a realização deste estudo, algumas limitações foram identificadas que podem ter condicionado a profundidade da análise. Em primeiro lugar, a distribuição geográfica desigual das iniciativas de literacia digital para o combate à desinformação em Portugal constitui um fator limitante. A oferta presencial está centrada em Lisboa, o que restringe o acesso a adultos de outras regiões. Como consequência, esta limitação geográfica impediu uma análise mais representativa e abrangente sobre a oferta formativa no país, restringindo o entendimento da eficácia destas iniciativas em diferentes contextos regionais.

Outro ponto a destacar diz respeito ao número de formadores entrevistados. Uma amostra maior de formadores teria, possivelmente, proporcionado uma visão mais abrangente das práticas pedagógicas e dos desafios encontrados no terreno. Contudo, o tempo limitado

disponível para a realização deste estudo não permitiu essa recolha adicional de dados, limitando assim a diversidade de perspetivas incluídas na análise.

Ao nível da análise dos dados, ocorreu uma limitação que se prende com a ausência de informações sobre o feedback ou a avaliação dos formandos nas ações de formação analisadas. Embora as entrevistas tenham fornecido contributos importantes, a escassez de dados sobre os efeitos dos cursos, limitou a profundidade da investigação. Consequentemente, teria sido possível realizar uma análise mais profunda e detalhada se houvesse um maior volume de dados recentes e contínuos sobre os resultados dessas iniciativas.

Para futuros estudos, sugere-se alargar a amostra geográfica, incluindo um maior número de regiões fora de Lisboa, para enriquecer os dados e obter uma perspetiva mais diversificada sobre a eficácia das iniciativas de literacia digital no combate à desinformação. Desta forma, será possível compreender melhor as diferenças regionais na oferta formativa e identificar eventuais lacunas na disponibilização de cursos em áreas afastadas dos grandes centros urbanos.

É fundamental, também, que os estudos futuros integrem formações mais direcionadas para grupos vulneráveis, nomeadamente a população envelhecida, que apresenta necessidades específicas. Neste contexto, a criação de formações presenciais, como o curso "Navegar e Pesquisar na Internet em Segurança", pode ser uma estratégia eficaz para envolver públicos com competências digitais básicas. Adicionalmente, o papel das bibliotecas e outras instituições de proximidade na promoção da literacia digital, deve ser investigado, visando compreender como estes espaços podem ser utilizados para diminuir a exclusão digital.

Outro aspeto importante seria explorar metodologias pedagógicas que ultrapassem a simples utilização de ferramentas de verificação, promovendo uma aprendizagem mais reflexiva e crítica. Assim, futuros estudos podem avaliar a eficácia de práticas que incentivem o pensamento crítico através da experimentação e discussão ativa.

Sugere-se, ainda, estudar o impacto a longo prazo da literacia digital na sua capacidade de identificar e denunciar desinformação, nomeadamente, verificar se os formandos mantêm a sua capacidade crítica após a conclusão dos cursos e se continuam a aplicar as competências adquiridas na sua vida quotidiana.

Em síntese, a continuidade e atualização das ofertas formativas são essenciais para enfrentar os novos desafios da desinformação, como os *deepfakes* e outras formas

emergentes de manipulação digital. Assim, garantir que a literacia digital evolua juntamente com os desafios tecnológicos é fundamental para manter a sua relevância no combate à desinformação.

Estas sugestões visam, não só aprofundar a investigação sobre literacia digital em Portugal, como também assegurar que as iniciativas formativas são cada vez mais inclusivas, acessíveis e eficazes na luta contra a desinformação, adaptando-se às necessidades de uma população diversa e em contínuo desenvolvimento tecnológico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adriani, R. (2019). Fake News in the Corporate World: A Rising Threat. *European Journal of Social Science Education and Research*, 6(1), 92. <https://doi.org/10.26417/ejser.v6i1.p92-110>
- Allcott, H., & Gentzkow, M. (2017). Social Media and Fake News in the 2016 Election. *Journal of Economic Perspectives*, 31(2), 211–236. <https://doi.org/10.1257/jep.31.2.211>
- Allen, J., Howland, B., Mobius, M., Rothschild, D., & Watts, D. J. (2020). Evaluating the fake news problem at the scale of the information ecosystem. *Science Advances*, 6(14), eaay3539. <https://doi.org/10.1126/sciadv.aay3539>
- Amado, J. (2017). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação (3ª edição)* (3.ª edição). Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1390-1>
- Anthonymsamy, L., & Sivakumar, P. (2024). A new digital literacy framework to mitigate misinformation in social media infodemic. *Global Knowledge, Memory and Communication*, 73(6/7), 809–827. <https://doi.org/10.1108/GKMC-06-2022-0142>
- Association, I. F. of L. & others. (2011). IFLA media and information literacy recommendations.
- Bardin, L. (com Reto, L. A., & Pinheiro, A.). (2000). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Barriga, A. D. C. (2023). Lugares (ausentes) de literacia mediática e digital. *Configurações*, 31, 19–38. <https://doi.org/10.4000/configuracoes.17005>
- Barthel, M., Mitchell, A., & Holcomb, J. (2016). Many Americans believe fake news is sowing confusion.
- Benham, A., Edwards, E., Fractenberg, B., Gordon-Murnane, L., Hetherington, C., Liptak, D. A., Smith, M., Thompson, C., & Mintz, A. P. (2012). Web of deceit: Misinformation and manipulation in the age of social media. Information Today, Inc.
- Burkhardt, J. M. (2017). History of fake news. *Library Technology Reports*, 53(8), 5–9.

- Ceylan, G., Anderson, I. A., & Wood, W. (2023). Sharing of misinformation is habitual, not just lazy or biased. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 120(4), e2216614120. <https://doi.org/10.1073/pnas.2216614120>
- Chakrabarti, S., Rooney, C., & Kweon, M. (2018). Fake news and the ordinary citizen in Kenya and Nigeria—A comparative study. BBC World Service.
- Comissão Europeia. (2024). *Digital Decade Country Report 2024: Portugal*.  
<https://digital-strategy.ec.europa.eu/en/library/digital-decade-2024-country-reports>
- Coutinho, C. M. P. (2013). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: Teoria e prática* (2a ed). Almedina.
- Dame Adjin-Tettey, T. (2022). Combating fake news, disinformation, and misinformation: Experimental evidence for media literacy education. *Cogent Arts & Humanities*, 9(1), 2037229. <https://doi.org/10.1080/23311983.2022.2037229>
- Del Vicario, M., Bessi, A., Zollo, F., Petroni, F., Scala, A., Caldarelli, G., Stanley, H. E., & Quattrociocchi, W. (2016). The spreading of misinformation online. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 113(3), 554–559. <https://doi.org/10.1073/pnas.1517441113>
- Diepeveen, S., & Pinet, M. (2022). User perspectives on digital literacy as a response to misinformation. *Development Policy Review*, 40(S2), e12671. <https://doi.org/10.1111/dpr.12671>
- Egelhofer, J. L., & Lecheler, S. (2019). Fake news as a two-dimensional phenomenon: A framework and research agenda. *Annals of the International Communication Association*, 43(2), 97–116. <https://doi.org/10.1080/23808985.2019.1602782>
- European Commission. Directorate General for Communications Networks, Content and Technology. (2018). *A multi-dimensional approach to disinformation: Report of the independent High level Group on fake news and online disinformation*. Publications Office. <https://data.europa.eu/doi/10.2759/739290>
- Fletcher, R., Cornia, A., Graves, L., & Nielsen, R. K. (2018). Measuring the reach of "fake news" and online disinformation in Europe. *Australasian Policing*, 10(2).
- Gagliardone, I., Diepeveen, S., Findlay, K., Olaniran, S., Pohjonen, M., & Tallam, E. (2021). Demystifying the COVID-19 Infodemic: Conspiracies, Context, and the

- Agency of Users. *Social Media + Society*, 7(3), 205630512110442. <https://doi.org/10.1177/20563051211044233>
- Grizzle, A., Moore, P., Dezuanni, M., Asthana, S., Wilson, C., Banda, F., & Onumah, C. (2014). Media and information literacy: Policy and strategy guidelines. Unesco.
- Groshek, J., & Koc-Michalska, K. (2017). Helping populism win? Social media use, filter bubbles, and support for populist presidential candidates in the 2016 US election campaign. *Information, Communication & Society*, 20(9), 1389–1407. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2017.1329334>
- Haider, H. (2022). Countering Online Misinformation, Hate Speech or Extremist Narratives in the Global South. <https://doi.org/10.19088/K4D.2022.070>
- Hatchel, T., Torgal, C., El Sheikh, A. J., Robinson, L. E., Valido, A., & Espelage, D. L. (2021). LGBTQ youth and digital media: Online risks. *Em Child and Adolescent Online Risk Exposure* (pp. 303–325). Elsevier. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-817499-9.00015-6>
- Ireton, C., & Posetti, J. (Eds.). (2018). Journalism, «fake news» & disinformation: Handbook for journalism education and training. United Nations Educational.
- Jacobson, S., Myung, E., & Johnson, S. L. (2016). Open media or echo chamber: The use of links in audience discussions on the Facebook Pages of partisan news organizations. *Information, Communication & Society*, 19(7), 875–891. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2015.1064461>
- Jankowicz, N., Hunchak, J., Pavliuc, A., Davies, C., Pierson, S., & Kaufmann, Z. (2021). Malign creativity: How gender, sex, and lies are weaponized against women online. Woodrow Wilson International Center for Scholars.
- Kalsnes, B. (2018). Fake News. Em B. Kalsnes, Oxford Research Encyclopedia of Communication. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190228613.013.809>
- Kapantai, E., Christopoulou, A., Berberidis, C., & Peristeras, V. (2021). A systematic literature review on disinformation: Toward a unified taxonomical framework. *New Media & Society*, 23(5), 1301–1326. <https://doi.org/10.1177/1461444820959296>

- Khaldarova, I., & Pantti, M. (2016). Fake News: The narrative battle over the Ukrainian conflict. *Journalism Practice*, 10(7), 891–901. <https://doi.org/10.1080/17512786.2016.1163237>
- Kubey, R. W., & Ruben, B. D. (Eds.). (sem data). Preface. *Em Media literacy in the information age: Current perspectives: Vol. volume six* (pp. xi–xii). Transaction Publishers.
- Lenhart, A., Ybarra, M., Zickuhr, K., & Price-Feeney, M. (2016). Online harassment, digital abuse, and cyberstalking in America. Data and Society Research Institute.
- Lessenski, M. (2021). Double Trouble: Resilience to Fake News at the Time of Covid-19 Infodemic. OSIS, Open Society Institute-Sofia, 9.
- Lipschultz, J. H., & Hilt, M. L. (2005). Media & information literacy theory and research: Thoughts from the co-editors. *Studies in Media & Information Literacy Education (SIMedia Information LiteracyE)*, 5(1), 1.
- Livingstone, S., Haddon, L., Görzig, A., & Ólafsson, K. (2011). *The perspective of European children*.
- Lopes, P., Costa, P., Araujo, L., & Ávila, P. (2018). Measuring media and information literacy skills: Construction of a test. *Communications*, 43(4), 508–534. <https://doi.org/10.1515/commun-2017-0051>
- López-Borrull, A., Vives-Gràcia, J., & Badell, J.-I. (2018). Fake news, threat or opportunity for information professionals? *El profesional de la información*, 27(6).
- Malita, L., & Grosseck, G. (2018). *TACKLING FAKE NEWS IN A DIGITAL LITERACY CURRICULUM*. 343–350. <https://doi.org/10.12753/2066-026X-18-262>
- Marwick, A. E. (2018). Why do people share fake news? A sociotechnical model of media effects. *Georgetown law technology review*, 2(2), 474–512.
- Marwick, A. E., & Lewis, R. (2017). Media manipulation and disinformation online. Data & Society Research Institute.
- Maxwell, J. A. (2013). *Qualitative research design: An interactive approach* (3rd ed). SAGE Publications.

- Mayring, P. (2000). Qualitative Content Analysis. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, Vol 1, No 2 (2000): Qualitative Methods in Various Disciplines I: Psychology. <https://doi.org/10.17169/FQS-1.2.1089>
- Mazari, A. (2022). IMPACT OF FAKE NEWS ON PEOPLE IN THE PAST AND DURING THE COVID-19 PANDEMIC. *Quantum Journal of Social Sciences and Humanities*, 3(4), 62–68. <https://doi.org/10.55197/qjssh.v3i4.152>
- Merriam, S. B., & Tisdell, E. J. (2015). *Qualitative research: A guide to design and implementation* (Fourth edition). John Wiley & Sons.
- Nielsen, R., & Graves, L. (2017). « News you don't believe»: Audience perspectives on fake news. Reuters Institute for the Study of Journalism.
- O'Reilly, M. (2020). Social media and adolescent mental health: The good, the bad and the ugly. *Journal of Mental Health*, 29(2), 200–206. <https://doi.org/10.1080/09638237.2020.1714007>
- Pennycook, G., McPhetres, J., Zhang, Y., Lu, J. G., & Rand, D. G. (2020). Fighting COVID-19 Misinformation on Social Media: Experimental Evidence for a Scalable Accuracy-Nudge Intervention. *Psychological Science*, 31(7), 770–780. <https://doi.org/10.1177/0956797620939054>
- Pogue, D. (2017). How to Stamp Out Fake News. *Scientific American*, 316(2), 24–24. <https://doi.org/10.1038/scientificamerican0217-24>
- Potter, W. J. (2018). *Media literacy*. Sage publications.
- Rapp, D. N., & Salovich, N. A. (2018). Can't We Just Disregard Fake News? The Consequences of Exposure to Inaccurate Information. *Policy Insights from the Behavioral and Brain Sciences*, 5(2), 232–239. <https://doi.org/10.1177/2372732218785193>
- Robyn Caplan, Lauren Hanson, & Joan Donovan. (2018). Dead reckoning: Navigating content moderation after «fake news». <https://apo.org.au/node/134521>
- Schreier, M. (2012). *Qualitative Content Analysis in Practice* (1st edition). SAGE Publications Ltd.
- Silverblatt, A. (1996). *Media literacy: Keys to interpreting media messages*. University of Toronto Press.

- Singh, J., & Ramaiah, C. K. (2021). Media and Information Literacy. *DESIDOC Journal of Library & Information Technology*, 41(4), 237–239.  
<https://doi.org/10.14429/djlit.41.4.17381>
- Tandoc, E. C., Lim, Z. W., & Ling, R. (2018). Defining “Fake News”: A typology of scholarly definitions. *Digital Journalism*, 6(2), 137–153.  
<https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1360143>
- Thorson, E. (2016). Belief echoes: The persistent effects of corrected misinformation. *Political Communication*, 33(3), 460–480.  
<https://doi.org/10.1080/10584609.2015.1102187>
- UNESCO. (2013). *Media and information literacy: policy and strategy guidelines*. UNESCO
- Vosoughi, S., Roy, D., & Aral, S. (2018). The spread of true and false news online. *Science*, 359(6380), 1146–1151. <https://doi.org/10.1126/science.aap955>
- Wardle, C., & Derakhshan, H. (2017). *INFORMATION DISORDER: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making*. Information Disorder Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Report presented to Council of Europe, 27.
- Wasserman, H., Madrid-Morales, D., Mare, A., Ndlovu, K., Tully, M., Emejei, E., & Chikezie, E. U. (2019). Audience motivations for sharing dis- and misinformation: A comparative study in five sub-Saharan African countries. *Comparative Disinformation Workshop*, 2019–12.
- Yin, R. K. (2003). *Estudo De Caso: Metodos E Planejamento* (2ª edição). Artmed.
- Yin, R. K. (2016). *Pesquisa Qualitativa do Início ao Fim* (D. da Silva & D. Bueno, Trads.; 1ª edição). Penso.

## LEGISLAÇÃO CONSULTADA

Decreto-Lei n.º 86-A/2016 do Ministério das Finanças (2016). [Diário da República](#): I série, n.º 249/2016. <https://data.dre.pt/eli/dec-lei/86-a/2016/12/29/p/dre/pt/html>

## **ANEXOS**

Anexo A - Parecer da Comissão de Ética do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

Anexo B - Guião da entrevista aos formadores

Anexo C - Guião da entrevista de Grupo Focal aos formandos

Anexo D - Termo de Consentimento Informado para Formadores

Anexo E - Termo de Consentimento Informado para Formandos

Anexo F - Transcrição da entrevista ao formador E1

Anexo G - Transcrição da entrevista ao formador E2

Anexo H - Transcrição de Grupo Focal aos formandos

Anexo I - Grelha de Análise de Conteúdos das Entrevistas aos formadores

Anexo J - Grelha de Análise de Conteúdos da Entrevista de Grupo Focal aos formandos

Anexo K - Grelha de Análise Documental

**Anexo A - Parecer da Comissão de Ética do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa**

**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**COMISSÃO DE ÉTICA**

**PARECER**

A Comissão de Ética do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, tendo procedido à análise dos elementos relativos ao projeto de investigação da estudante do curso de Mestrado em Educação e Tecnologias Digitais, Vanessa Susana Fortuna dos Santos Veríssimo, intitulado “O Combate à Desinformação nas Iniciativas de Literacia Digital para Adultos em Portugal”, considera que os princípios éticos, bem como as orientações éticas para a investigação, expressos na Carta Ética para a Investigação em Educação e Formação do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, são respeitados.

IE-ULisboa, 21 de maio de 2024

O membro da Comissão de Ética

Assinado por: **Joaquim António de Sousa  
Pintassilgo**  
Num. de Identificação: 04872338  
Data: 2024.05.21 15:13:34+01'00'



(Prof. Doutor Joaquim Pintassilgo)



## **Anexo B - Guião da entrevista aos formadores**

## **GUIÃO DE ENTREVISTA SEMI-DIRETIVA A FORMADORES**

### **Propósito Geral**

O propósito geral desta entrevista é compreender como é trabalhada/abordado o tema das informações falsas, a sua denúncia e prevenção, nas iniciativas de literacia digital para adultos, auscultando formadores nestas iniciativas.

### **Destinatários**

As entrevistas têm como destinatários formadores com experiência em realizar cursos de formação ou outras iniciativas de literacia digital para adultos que envolvam o tema das informações falsas e o combate à desinformação.

### **Objetivos Gerais**

A realização das entrevistas tem como objetivos gerais:

1. Recolher dados sobre a perceção dos formadores acerca da integração do tema das informações falsas nas suas práticas formativas.
2. Identificar as estratégias pedagógicas e os recursos utilizados pelos formadores para promover o combate à desinformação.

### **Objetivos Específicos**

As entrevistas têm como objetivos específicos:

- Identificar iniciativas de literacia digital para adultos que incluem o tema das informações falsas.
- Descrever práticas formativas adotadas para promover a realização de aprendizagens em torno das informações falsas e do combate à desinformação.

### **Condições para a Realização das Entrevistas**

As entrevistas serão agendadas através de contacto direto com os entrevistados (por telefone ou e-mail) e realizadas presencialmente ou online, conforme for mais conveniente para o/a entrevistado/a, em data a agendar de acordo com a sua disponibilidade. Será solicitada autorização para a gravação áudio da conversa para fins de transcrição e análise.

**Critérios para Seleção de Entrevistados**

- Formadores em iniciativas no domínio da literacia digital que abordaram o tema das informações falsas no último ano;
- Formadores em iniciativas de diferentes regiões/distritos do país;
- Formadores que reunindo os requisitos anteriores tenham diferentes anos de experiência neste domínio da educação de adultos.

## GUIÃO DE ENTREVISTA A FORMADORES

Bloco Temático	Objetivos Gerais	Objetivos Específicos	Guião de questões
<b>I - Legitimação da entrevista</b>	Contextualizar a investigação e os objetivos da entrevista	Contextualizar o estudo e objetivos da entrevista.	Informar o/a entrevistado/a sobre o contexto e sobre os objetivos da investigação.
			Informar o/a entrevistado/a sobre os objetivos da entrevista.
		Motivar o/a entrevistado/a.	Agradecer a disponibilidade do/a entrevistado/a para realizar a entrevista e colaborar na investigação.
			Destacar a relevância da participação do/a entrevistado/a para o sucesso da investigação.
			Esclarecer qualquer dúvida do/a entrevistado/a sobre o processo.
		Garantir a confidencialidade e anonimato.	Informar o/a entrevistado/a acerca das medidas tomadas pela investigadora para garantir a confidencialidade e o anonimato dos dados recolhidos na entrevista.
		Pedir autorização para a gravação da entrevista.	Está de acordo com a gravação da nossa conversa para fins de transcrição e análise no âmbito desta investigação?
<b>II - Iniciativas de literacia digital</b>	Caracterizar iniciativas de Literacia digital para adultos que consideram o tema informações falsas	Compreender o papel do/a entrevistado	Pode descrever de forma sucinta qual tem sido o seu papel nesta iniciativa?
		Identificar o público-alvo	Qual é o público-alvo da iniciativa?

		Aferir a importância do combate à desinformação nas iniciativas de literacia digital para adultos	<p>O que motivou a inclusão do tema notícias falsas nesta ação?</p> <p>Na sua opinião, qual é a importância de incluir o tema das notícias falsas nas iniciativas de literacia digital da população adulta? [Utilizar a expressão mais adequada ao contexto do entrevistado: fake news ou notícias falsas]</p>
		Caracterizar os conteúdos relativos ao tema notícias falsas / combate à desinformação.	Como é que são selecionados os conteúdos ou tópicos específicos relacionados com notícias falsas? E quem os seleciona/selecionou?
		Explorar o envolvimento do/a entrevistado/a noutras iniciativas	<p>Em que outras iniciativas dirigidas à população adulta esteve envolvido/a que abordassem o tema das notícias falsas?</p> <p>Que papel assumiu e que tarefas desempenhou?</p>
		Analisar o funcionamento de parcerias e colaborações	<p>As iniciativas que referiu envolveram parcerias ou colaborações com outras organizações, instituições ou especialistas?</p> <p>De que forma? Ao nível do financiamento? Na facilitação de recursos e equipamentos? Na concepção dos programas ou desenho instrucional?</p>
<b>III - Práticas de Formação de Adultos sobre desinformação</b>	Identificar e caracterizar práticas formativas para adultos que promovam a identificação, denúncia e prevenção de	Compreender a utilização de tecnologias digitais e plataformas online	Como é que as tecnologias digitais e os recursos online são adotados nas iniciativas que abordam o tema notícias falsas? Que recursos digitais utilizam?

	notícias falsas.		Que metodologias de ensino mais valoriza na abordagem ao tema notícias falsas?
		Descrever atividades, conteúdos e metodologias utilizadas.	Que conteúdos específicos foram abordados/selecionados?
			Descreva, por favor, como é estruturada uma sessão típica que aborda o tema notícias falsas? Que atividades são frequentemente utilizadas?
		Conhecer as estratégias de combate à desinformação.	É abordada, por exemplo, a crítica de fontes e a verificação de factos nas vossas atividades de formação? Pode dar exemplos específicos?
		Identificar estratégias de atualização e adaptação do conteúdo.	Tendo em conta a evolução constante das técnicas de desinformação, que estratégias específicas adota para manter as sessões de formação atuais?
		Identificar desafios na abordagem ao tema notícias falsas / combate à desinformação.	Tendo em conta a sua experiência, quais são os principais desafios de abordar o tema notícias falsas na literacia digital dirigida à população adulta?
			Refletindo sobre o futuro, o que acrescentaria ou alteraria em futuras iniciativas?
<b>IV - Comportamentos de combate à desinformação adquiridos pelos participantes</b>	Caracterizar os comportamentos de combate à desinformação demonstrados pelos participantes	Caracterizar comportamentos de combate à desinformação adquiridos pelos participantes.	Observa alterações no comportamento dos participantes quanto à identificação, denúncia e prevenção de notícias falsas e outras formas de desinformação (comparando o antes e após as atividades realizadas)? Pode dar exemplos?
<b>V - Questões Finais e Agradecimentos</b>	Obter esclarecimentos ou informações	Obter esclarecimentos ou informações	Há algo que gostaria de acrescentar ou há algum aspeto que não tenha sido abordado nesta entrevista que

	adicionais e agradecer a participação.	adicionais	considere importante?
		Agradecer a disponibilidade e contribuições.	Muito obrigado(a) pela sua participação na entrevista. O seu contributo é fundamental para esta investigação.
		Indicar os próximos passos da investigação.	Explicitar os cuidados a ter na proteção de dados durante e após a investigação.
			Demonstrar disponibilidade para futuros esclarecimentos.

## **Anexo C - Guião da entrevista de Grupo Focal aos formandos**

## **GUIÃO DE ENTREVISTA DE GRUPO FOCAL A FORMANDOS**

### **O combate à desinformação nas iniciativas de Literacia digital para adultos em Portugal.**

#### **Propósito Geral**

Caracterizar como é que as iniciativas de literacia digital para adultos em Portugal promovem o combate à desinformação, qual a perceção dos formandos sobre as informações falsas e que importância atribuem à sua identificação e prevenção.

#### **Destinatários**

As entrevistas têm como destinatários formandos adultos que participaram em iniciativas de literacia digital em Portugal.

#### **Entrevistas em Grupo (Grupo Focal):**

- 8 formandos
- 1 entrevista
- 1 grupo

#### **Constituição do Grupo de entrevista:**

Grupo 1: 8 formandos de 2 turmas diferentes do curso “Navegar e pesquisar na Internet em Segurança”.

#### **Objetivos Gerais**

3. Compreender a perceção dos formandos adultos sobre o tema das informações falsas e a importância atribuída a este tema.
4. Identificar como é que as iniciativas de literacia digital abordam o combate à desinformação e a eficácia destas abordagens.

#### **Condições para a Realização das Entrevistas**

As entrevistas serão agendadas com os formandos e realizadas presencialmente. Será solicitada autorização para a gravação áudio da entrevista para fins de transcrição e análise.

#### **CrITÉrios para Seleção de Entrevistados**

Formandos adultos que participaram em iniciativas de literacia digital em Portugal, que tenham promovido a identificação de notícias falsas e estratégias para o combate à desinformação.

## GUIÃO DE ENTREVISTA DE GRUPO FOCAL A FORMANDOS

Bloco Temático	Objetivos específicos	Tópicos e questões orientadoras
I - Legitimação da entrevista	Contextualizar o estudo e objetivos da entrevista.	Informar os entrevistados sobre o contexto e sobre os objetivos da investigação.
		Informar os entrevistados sobre os objetivos da entrevista.
	Motivar o/a entrevistado/a.	Agradecer a disponibilidade dos entrevistados para realizar a entrevista e colaborar na investigação.
		Destacar a relevância da participação dos entrevistados para o sucesso da investigação.
		Esclarecer qualquer dúvida dos entrevistados sobre o processo.
	Garantir a confidencialidade e anonimato.	Informar os entrevistados acerca das medidas tomadas pela investigadora para garantir a confidencialidade e o anonimato dos dados recolhidos na entrevista.
	Pedir autorização para a gravação da entrevista.	Obter o consentimento informado do/a entrevistado/a acerca da sua participação na investigação e gravação da entrevista.
II - Importância do combate à desinformação	Caracterizar a perceção dos formandos sobre as informações falsas.	<p><b>O que entendem por notícias falsas?</b></p> <p><i>E antes de participarem nesta iniciativa o vosso entendimento era igual? Se não, porquê?</i></p>
Identificar exemplos específicos de como os formandos identificam e previnem informações falsas.	<p><b>Quando se deparam com notícias falsas, o que fazem?</b></p> <p><i>E já faziam antes?</i></p>	
Aferir de que modo a iniciativa de literacia digital	<b>Nas sessões ou atividades em que participaram, como foi abordado o</b>	

	abordou o tema das informações falsas, identificando as estratégias pedagógicas, atividades e recursos digitais utilizados para esse fim.	<p><b>tema das notícias falsas?</b></p> <p><i>Conseguem lembrar-se de momentos ou atividades específicas que realizaram durante a formação e que foram importantes para compreender o que são notícias falsas?</i></p> <p><i>Conheceram ou utilizaram sites ou ferramentas digitais para ajudar a identificar ou combater notícias falsas?</i></p> <p><i>Qual é a vossa opinião sobre estes recursos que conheceram ou utilizaram?</i></p>
	Compreender a importância que os formandos atribuem às informações falsas.	<p><b>Que importância tem para vocês, reconhecerem e protegerem-se das notícias falsas?</b></p> <p><i>Atribuíam a mesma importância que atribuem agora ao combate à desinformação?</i></p> <p><i>É mais importante para a vossa vida profissional ou pessoal?</i></p> <p><i>Podem dar exemplos específicos que demonstrem a importância que lhe atribuem?</i></p>
	Caracterizar quais são as atitudes e os comportamentos dos formandos em relação às informações falsas após a participação na iniciativa de literacia digital.	<p><i>O vosso conhecimento sobre o que são notícias falsas modificou-se ao participarem nesta formação? De que forma?</i></p> <p><i>Podem partilhar exemplos de situações em que aplicaram o que aprenderam para identificar ou combater desinformação?</i></p>
	Sugestões de melhorias das práticas formativas de iniciativas de literacia digital	<i>Que melhorias sugerem para futuras iniciativas de literacia digital para melhor combater as notícias falsas?</i>
III - Questões Finais e Agradecimentos	Obter esclarecimentos ou informações adicionais	Proporcionar um momento final para comentários adicionais do/a entrevistado/a.

	Agradecer a disponibilidade e contribuições.	Agradecer ao/a entrevistado/a pela sua disponibilidade e pelo seu contributo para a investigação.
	Indicar os próximos passos da investigação.	<p data-bbox="852 434 1394 524">Explicitar os cuidados a ter na proteção de dados durante e após a investigação.</p> <p data-bbox="852 524 1394 613">Demonstrar disponibilidade para futuros esclarecimentos.</p>

**Anexo D - Termo de Consentimento Informado para os formadores**

## TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

**Título do Estudo:** O Combate à desinformação nas Iniciativas de Literacia Digital para adultos em Portugal

**Investigadora:** Vanessa Susana Fortuna dos Santos Veríssimo

**Orientadora:** Professora Doutora Joana Andreia Domingues Viana

### 1. Introdução

Este estudo faz parte da investigação desenvolvida por Vanessa Susana Fortuna dos Santos Veríssimo, no âmbito do Mestrado em Educação e Tecnologias Digitais - Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, sob a orientação da Professora Doutora Joana Andreia Domingues Viana.

### 2. Propósito do Estudo

O presente estudo visa investigar como é promovido o combate à desinformação nas iniciativas de literacia digital para adultos em Portugal.

A partir deste propósito, foram formuladas as seguintes questões de investigação:

1. Que iniciativas de literacia digital para adultos em Portugal consideram o tema das informações falsas?
2. Que práticas formativas foram adotadas para identificar, denunciar e prevenir a divulgação de informações falsas nessas iniciativas de formação de adultos?
3. Qual é a perceção dos adultos que participaram em iniciativas de literacia digital em Portugal sobre o tema das informações falsas?

### **3. Participação no Estudo**

A participação neste estudo é totalmente voluntária, sem qualquer consequência direta ou indireta a nível profissional, ou pessoal. Caso aceite participar, será solicitado que assine este Termo de Consentimento Informado, sendo-lhe entregue uma cópia do mesmo.

### **4. Tipo de Participação**

A participação consiste em entrevista semidiretiva realizada online ou presencialmente, conforme a disponibilidade dos participantes, com uma duração aproximada de 30 a 45 minutos.

### **5. Direito de Desistência**

Os participantes podem desistir do estudo a qualquer momento, sem necessidade de justificação. A desistência não terá qualquer consequência e os dados recolhidos até ao momento podem ser destruídos, caso o participante assim o deseje.

### **6. Utilização e Armazenamento dos Dados**

Para assegurar o anonimato e a confidencialidade, todas as informações pessoais serão codificadas e mantidas em sigilo. Os dados serão utilizados exclusivamente para fins de investigação, respeitando as normas éticas do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Após a conclusão do estudo, os dados serão destruídos.

### **7. Confidencialidade e Anonimato**

Todos os dados pessoais serão anonimizados. O acesso aos dados será restrito à investigadora e à orientadora. As informações serão tratadas de forma a garantir o anonimato durante todo o processo de investigação. Os ficheiros digitais e transcrições serão destruídos após a conclusão da investigação.

### **8. Procedimentos para Esclarecimento de Dúvidas ou Reclamações**

Em caso de dúvidas, pode contactar a investigadora Vanessa Veríssimo através do e-mail [vanessa.verissimo@edu.ulisboa.pt](mailto:vanessa.verissimo@edu.ulisboa.pt). Para reclamações, pode contactar a Comissão Nacional de Proteção de Dados (CNPD) ou o Data Protection Officer (DPO) da Universidade de Lisboa, pelo e-mail [rgpd@ulisboa.pt](mailto:rgpd@ulisboa.pt).

## 9. Declaração de Consentimento

Confirmo que li e compreendi a informação fornecida sobre o estudo. Confirmo ainda que tive a oportunidade de refletir sobre esta informação e de esclarecer todas as minhas dúvidas.

### Declaro que aceito participar no estudo.

Nome do/a  
participante:

Assinatura:

Data

**Investigadora:** Vanessa Susana Fortuna dos Santos Veríssimo (vanessa.verissimo@edu.ulisboa.pt)

**Orientadora:** Professora Doutora Joana Andreia Domingues Viana (jviana@ie.ulisboa.pt)

**Anexo E - Termo de Consentimento Informado para os formandos**

## TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

**Título do Estudo:** O Combate à desinformação nas Iniciativas de Literacia Digital para adultos em Portugal

**Investigadora:** Vanessa Susana Fortuna dos Santos Veríssimo

**Orientadora:** Professora Doutora Joana Andreia Domingues Viana

### 1. Introdução

Este estudo faz parte da investigação desenvolvida por Vanessa Susana Fortuna dos Santos Veríssimo, no âmbito do Mestrado em Educação e Tecnologias Digitais - Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, sob a orientação da Professora Doutora Joana Andreia Domingues Viana.

### 2. Propósito do Estudo

O presente estudo visa investigar como é promovido o combate à desinformação nas iniciativas de literacia digital para adultos em Portugal.

A partir deste propósito, foram formuladas as seguintes questões de investigação:

1. Que iniciativas de literacia digital para adultos em Portugal consideram o tema das informações falsas?
2. Que práticas formativas foram adotadas para identificar, denunciar e prevenir a divulgação de informações falsas nessas iniciativas de formação de adultos?
3. Qual é a perceção dos adultos que participaram em iniciativas de literacia digital em Portugal sobre o tema das informações falsas?

### **3. Participação no Estudo**

A participação neste estudo é totalmente voluntária, sem qualquer consequência direta ou indireta a nível profissional, ou pessoal. Caso aceite participar, será solicitado que assine este Termo de Consentimento Informado, sendo-lhe entregue uma cópia do mesmo.

### **4. Tipo de Participação**

A participação consiste em entrevistas de grupo focal realizadas online ou presencialmente, conforme a disponibilidade dos participantes, com uma duração aproximada de 30 a 45 minutos.

### **5. Direito de Desistência**

Os participantes podem desistir do estudo a qualquer momento, sem necessidade de justificação. A desistência não terá qualquer consequência e os dados recolhidos até ao momento podem ser destruídos, caso o participante assim o deseje.

### **6. Utilização e Armazenamento dos Dados**

Para assegurar o anonimato e a confidencialidade, todas as informações pessoais serão codificadas e mantidas em sigilo. Os dados serão utilizados exclusivamente para fins de investigação, respeitando as normas éticas do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Após a conclusão do estudo, os dados serão destruídos.

### **7. Confidencialidade e Anonimato**

Todos os dados pessoais serão anonimizados. O acesso aos dados será restrito à investigadora e à orientadora. As informações serão tratadas de forma a garantir o anonimato durante todo o processo de investigação. Os ficheiros digitais e transcrições serão destruídos após a conclusão da investigação.

### **8. Procedimentos para Esclarecimento de Dúvidas ou Reclamações**

Em caso de dúvidas, pode contactar a investigadora Vanessa Veríssimo através do e-mail [vanessa.verissimo@edu.ulisboa.pt](mailto:vanessa.verissimo@edu.ulisboa.pt). Para reclamações, pode contactar a Comissão Nacional de Proteção de Dados (CNPd) ou o Data Protection Officer (DPO) da Universidade de Lisboa, pelo e-mail [rgpd@ulisboa.pt](mailto:rgpd@ulisboa.pt).

## 9. Declaração de Consentimento

Confirmando que li e compreendi a informação fornecida sobre o estudo. Confirmando ainda que tive a oportunidade de refletir sobre esta informação e de esclarecer todas as minhas dúvidas.

### Declaro que aceito participar no estudo.

Nome do/a  
participante:

Assinatura:

Data

**Investigadora:** Vanessa Susana Fortuna dos Santos Veríssimo (vanessa.verissimo@edu.ulisboa.pt)

**Orientadora:** Professora Doutora Joana Andreia Domingues Viana (jviana@ie.ulisboa.pt)

## **Anexo F - Transcrição da entrevista ao formador E1**

<b>Entrevista Semi-diretiva</b>	
<b>Entrevistado E1</b>	
<b>Data e Hora</b>	26 de julho de 2024, 10h30
<b>Plataforma</b>	Teams
<b>Consentimento</b>	Antes de iniciar a entrevista, o investigador verificou que o participante tinha recebido, por correio eletrónico, o termo de consentimento informado, que foi devidamente assinado pelo participante
<b>Objetivo da Pesquisa</b>	A entrevista iniciou com uma contextualização dos objetivos do estudo e da entrevista. O participante foi informado do principal objetivo da investigação que era recolher dados sobre a perceção dos formadores acerca da integração do tema das notícias falsas nas suas práticas formativas, bem como identificar as estratégias pedagógicas e os recursos utilizados para promover o combate à desinformação.
<b>Motivação</b>	o entrevistador agradeceu a disponibilidade do entrevistado em colaborar com o estudo e sublinhou a relevância da sua contribuição para a investigação em curso.
<b>Confidencialidade</b>	Foi reiterado ao participante que todas as suas respostas seriam tratadas com confidencialidade e que o seu anonimato seria integralmente assegurado. Foi garantido que a identidade do participante não seria divulgada em qualquer publicação ou comunicação dos resultados do estudo, de acordo com os princípios éticos e a legislação de proteção de dados.
<b>Autorização para Gravação</b>	Antes de avançar com a entrevista, foi pedido formalmente ao participante o seu consentimento para gravar o áudio da entrevista, de modo a facilitar a análise posterior dos dados recolhidos.

<b>Confirmação Oral</b>	A gravação apenas foi iniciada após a obtenção da autorização explícita do participante. Após o início da gravação, o participante confirmou verbalmente que estava ciente dos objetivos da entrevista, da garantia de confidencialidade e que autorizava a gravação.
<b>Duração</b>	47 minutos
<b>Transcrição</b>	A entrevista foi transcrita para uma análise detalhada

### **Transcrição da entrevista ao entrevistado E1**

**Entrevistador** – Bom dia. Agradeço antecipadamente a sua participação no meu estudo, bem como a disponibilidade e o tempo dedicado.

**E1** - Bom dia.

**Entrevistador** – O propósito geral desta entrevista é compreender como é abordado o tema das notícias falsas ou da denúncia e prevenção nas iniciativas de literacia digital para adultos e auscultar formadores nestas iniciativas.

E antes de começarmos, gostaria de informar que a entrevista terá uma duração aproximada de 40 minutos. Gostaria também de destacar a relevância e o valor do seu contributo para o desenvolvimento do meu trabalho. Todas as informações fornecidas serão tratadas de forma anónima e não serão divulgadas fora do contexto da dissertação, sendo assegurado o cumprimento de todas as normas de confidencialidade. Autoriza a gravação do áudio da entrevista?

**E1** - Sim, com certeza.

**Entrevistador** – Em primeiro lugar, gostava de recordar a sua experiência nas iniciativas de combate à desinformação que promoveu e refiro-me concretamente ao curso “Fake news. Não se deixe enganar”, pode falar-nos um pouco do que consistiu esta iniciativa?

**E1** - OK, bem, antes de começar, se calhar dar-lhe um bocadinho só de contexto para perceber de onde é que surgiu esse curso, porque ele não surge do nada. Bem, eu, apesar

de ter uma ligação muito longa à [entidade], estou a ocupar a direção apenas desde fevereiro deste ano. Já era formador há muitos anos e antes de vir para aqui, a minha atividade estava principalmente focada na investigação e no ensino superior, onde, desde 2016 ou 2017, juntamente com vários colegas do media Lab, começámos a realizar muita investigação no âmbito da desinformação em vários contextos portugueses, a publicar, a realizar várias investigações, que estão disponíveis e publicadas em vários países e, tanto eu, como vários dos meus colegas de investigação tinham também ligações à [entidade]. Nós transpusemos, digamos, essa experiência para criar primeiro um curso para a plataforma NAU, que é a plataforma portuguesa oficial de ensino à distância, criando um MOOC.

**E1** - Não preciso de lhe explicar o que é um MOOC, pois não?

**Entrevistador** – Não.

**E1** - OK, passamos à frente essa parte. Portanto, criando um MOOC, ou seja, de aproveitar por ser gratuito, de acesso aberto em língua portuguesa, tentando explicar, portanto, o que é que é o fenómeno da desinformação e como é que podemos lidar com ele? Portanto, nesse caso, para o Público em geral, não para jornalistas e que foi um sucesso bastante grande na altura. Portanto, esse curso surge no contexto da parceria que a [entidade] já tinha e que continua a ter com a plataforma NAU, de criar conteúdos relevantes em português, ligados à área da comunicação, mas para um Público alargado tanto em Portugal como nos outros países de língua portuguesa. E, portanto, foi nesse contexto que esse curso surgiu. A [entidade] tem envolvimento em outras iniciativas relacionadas com a literacia para os média, e com o combate à desinformação, nomeadamente em projetos internacionais que faz parte, mas não sei se quer avançar por aí também.

**Entrevistador** – Sim, também tenho interesse em depois saber sobre outras atividades que têm ao dispor. Se quiser falar já ou um pouquinho mais à frente.

**E1** - OK, então posso dar-lhe já um bocadinho mais de contexto.

Portanto, a [entidade] faz parte do Observatório Ibérico dos Média digitais, que é um projeto que começou em 2021, portanto, em plena pandemia, é um projeto que começou por juntar 23 entidades de Portugal e Espanha, entre as quais, universidades, centros de investigação, associações, a [entidade] como centro de formação.

Há um âmbito bastante alargado, que recebeu inicialmente 1 milhão e meio de euros de financiamento da União Europeia. Esse projeto, foi concluído com sucesso. Chama-se Iberifier tem um site que é [iberifier.eu](http://iberifier.eu), onde todo o trabalho que foi desenvolvido está disponível em acesso aberto, onde se contam dezenas de relatórios, dezenas de papers académicos. Esqueci-me de dizer que envolve também fact checkers de Portugal e Espanha, portanto, milhares de fact cheks que foram feitos ao longo destes anos. A primeira fase do projeto terminou em fevereiro deste ano (2024) e foi renovado por mais 30 meses, portanto agora chamando-se Iberifier Plus, mas o endereço do site é o mesmo e, portanto, a base da equipa é a mesma.

O consórcio alargou-se, continua a ser, Observatório para Portugal e Espanha, em vez de 23, acho que agora somos 28. A [entidade] faz parte desde o primeiro momento e é o responsável pela gestão da formação. Tanto para a língua portuguesa como para a língua espanhola, mesmo que não seja depois quem executa tudo, mas, faz essa gestão. Eu falo da questão da língua porque no primeiro, isso já era um objetivo.

Nesta nova fase do projeto é maior ainda, portanto, que o âmbito de alcance do trabalho desenvolvido não seja apenas Portugal e Espanha, mas sim a todos os falantes de português ou espanhol. Portanto, digamos, não somos nada ambiciosos, tipo mais ou menos – 600 milhões de pessoas.

Mas a verdade é que já o fizemos e nesse âmbito, portanto, a [entidade] fez formações para jornalistas, tanto em meios de comunicação, como em termos gerais, uns presenciais, outros à distância pelo país todo, não apenas em Lisboa, nos Açores, na Madeira. Ou seja, portanto, fizemos bastante. A [entidade] tem também na sua missão desde a sua fundação, nos anos 1980, o promover a cooperação e o desenvolvimento da língua portuguesa e do jornalismo nos países de língua oficial portuguesa.

**E1** - Brasil, excluído, obviamente, e nesse sentido realizamos aí à distância, não havia a possibilidade de nos deslocarmos a Angola, Moçambique, Cabo Verde, Timor, por aí fora, mas fizemos à distância, uma série de ações, com parceiros locais em cada um dos países, com universidades, associações de jornalistas, instituições oficiais ligadas ao Estado de vários países. Uma série de ações sobre desinformação, sobre literacia, sobre combate às fake news, e, portanto, isso já foi feito e a partir do outono, quando começamos a realizar ações do novo programa, irá aumentar. Esqueci-me, no caso português, também muitas ações realizadas em universidades, principalmente para alunos da área da comunicação.

Desenvolvemos um âmbito bastante alargado de ações de sensibilização de introdução à literacia, sensibilização para as questões da desinformação e ferramentas para detetar e desconstruir desinformação para uso pessoal ou profissional e possa permitir que cada um de nós seja um bocadinho melhor cidadão.

**Entrevistador** – Exatamente. Nesta situação o público-alvo, são os jornalistas ou, da área da comunicação ou para o Público em geral?

**E1** - Não, nós aqui, tivemos vários públicos, ou seja, não é uma coisa tão generalista como foi feito para a NAU, mas, por exemplo, no âmbito do Iberifier havia 3 públicos principais: jornalistas, professores, ainda não falei dessa parte, no caso português, professores do ensino básico e secundário, terceiro público, alunos da área de comunicação, universitários ou politécnicos, portanto ensino superior e depois havia ainda um grupo mais pequeno que era exatamente o dos públicos minoritários e/ou desfavorecidos.

Tudo isto num consórcio que envolvia vários, parceiros. No âmbito do Iberifier, portanto, jornalistas, professores e para isso foram criados cursos acreditados pela Direção-Geral da Educação, pelo Centro de Formação de Professores, cursos que atribuíam créditos aos professores, importante para a sua carreira e foram realizados vários em várias zonas do país, ainda no pré-pandemia, alguns ainda decorriam quando houve a questão da pandemia e por isso, passaram de presencial para online e depois da pandemia ainda se fez mais alguns.

Estes cursos não foram feitos na Madeira, mas a Secretaria Regional da Educação dos Açores estava bastante interessada e, portanto, foram feitos vários cursos para professores nos Açores, em várias ilhas, neste âmbito. Além do continente, nos Açores e em Cabo Verde. Houve também interesse do Ministério da Educação de Cabo Verde e aproveitando que já existe uma espécie de encontro nacional de professores todos os anos, em setembro, na ilha do Maio, nós temos ido regularmente à ilha do Maio formado professores.

Acho que o ano passado estavam quase 200 professores de Cabo Verde e este ano irá continuar e temos esse trabalho Internacional de também trabalhar com os países de língua oficial portuguesa. Todos eles são muito diferentes e, portanto, Cabo Verde é um dos que é mais fácil organizar as coisas. Apesar de ser um arquipélago, consegue com mais facilidade do que noutros países.

**Entrevistador** – Obrigada. E como eram essas ações? Que tipo de trabalho é que se fazia nas ações?

**E1** - Ora bem, uma das coisas que o projeto fez, antes de realizar as ações, foi fazer o levantamento daquilo que existia tanto a nível nacional, como internacional, e criar depois manuais de formadores e manuais de formandos, ou seja, foram criados manuais, de boas práticas, por um lado para os formadores, porque, em algumas destas ações, também se podiam tornar em formadores na área da literacia e da desinformação, porque o objetivo do projeto é que isto tivesse uma lógica multiplicadora, ou seja, que nós fôssemos formando pessoas que pudessem formar depois outras pessoas e para isso criámos os materiais no âmbito do projeto, que também estão disponíveis em acesso aberto para os formadores terem tudo o que era necessário para preparar as suas sessões e adaptá-las aos seus públicos, desde os conceitos mais teóricos de literacia, desinformação, a parte mais prática, com exemplos, casos de estudo e também ferramentas. Para todos os formandos havia também um manual do formando, que, no fundo, tinha toda a informação que seria necessário ter para saber lidar melhor com a desinformação. Portanto, e esta lógica, portanto, aplicava-se a qualquer uma das situações, sendo que obviamente uma formação para alunos do ensino superior, para professores do ensino básico ou secundário, ou para jornalistas era necessariamente diferente.

Mas a base era sempre a mesma e o objetivo era que no final, digamos, houvesse este processo de transformação individual e de potencial ação perante a desinformação.

**Entrevistador** – Obrigada. Regressando ao curso que motivou esta entrevista que foi “fake news não se deixe enganar”, gostava de lhe perguntar qual foi o seu papel nesta iniciativa? Foi o organizador, foi formador, foi ambos?

**E1** - Fui o organizador e fui o formador de uma parte. O curso foi organizado em 3 partes. Cada uma delas ficou com um dos formadores. Eu fiquei, digamos, com a parte que estava mais relacionada com a minha investigação, que era exatamente a identificação do fenómeno da desinformação, os casos de estudo e o que caracteriza a desinformação? Portanto, posso dizer que de alguma forma fiquei com a parte mais teórica ou contextual. Depois havia uma parte muito prática ligada a ferramentas e uma terceira parte mais ligada às ações que cada um de nós poderia tomar perante a desinformação. Tive esse papel, pois

já era esse o meu papel de coordenador na [entidade], e, portanto, organizei a formação e fui também um dos formadores.

**Entrevistador** – Então os conteúdos que depois escolheu ou selecionou e os tópicos específicos relacionados com as notícias falsas, foi no âmbito da sua investigação, foi partido algum referencial? Foi também através da sua experiência profissional?

**E1** - Foi da minha experiência, principalmente enquanto investigador e também da minha experiência profissional. Eu, agora não me lembro de cabeça, mas o curso da NAU deve ter sido feito em 2018 ou 2019, provavelmente.

**Entrevistador** – Pelo que verifiquei na plataforma NAU, houve ações até 2022.

**Entrevistador** – Pelo menos é a última informação disponível. Não sei se houve mais formação anterior a esta.

**E1** - Pois, houve. Houve mais para trás. Os cursos da NAU têm, digamos, um tempo de vida que é pré-definido, ou seja, nós lançamos, definimos uma data de início do curso, ou seja, da abertura ao público e, sendo um curso MOOC, ele fica disponível durante um período de tempo e as pessoas podem fazê-lo enquanto quiserem ao longo daquele período de tempo. Normalmente, são entre 4 a 6 meses, depende um pouco dos cursos, e, portanto, este curso foi feito, esteve disponível na plataforma NAU durante um período e depois foi retirado.

**E1** - Passado algum tempo, achámos, a [entidade] e a NAU que valia a pena voltar a relançar o curso. O curso foi atualizado e adaptado, houve uma série de alterações e depois foi relançado.

**E1** - A primeira versão do curso deve ter sido em 2018 ou 2019. Ora, 2018/2019, que foi há muito pouco tempo, mas, ao mesmo tempo, há muito tempo no que toca a estas questões da literacia e da desinformação, foi há muito tempo.

**Entrevistador** – Parece que foi há muito tempo.

**E1** - Aquilo que existia que juntasse as 2 coisas, até do ponto de vista acadêmico, era muito pouco, porque nós esquecemos que nós só falamos de desinformação, como um tópico de preocupação desde 2016.

**E1** - Portanto, é há muito, muito pouco tempo no que toca a investigação. Quando chegamos a 2018/19 para fazer alguma coisa, a quantidade de material produzido e publicado de qualidade e com a qualidade científica não era assim tanta como isso. Na verdade, por exemplo, sobre o caso português, tirando a equipa do media Lab que produzia conteúdos, a fazer investigação quase desde 2016/17, havia muito pouca coisa publicada, fosse em forma de relatório, ou até em forma de artigo científico. Não havia muita coisa e, portanto, nós baseamo-nos muito naquilo que era o nosso conhecimento, a nossa investigação e a nossa experiência. Obviamente tínhamos, os 3 grandes casos de estudo nacionais, internacionais, que são a campanha de Donald Trump de 2016, que são a campanha que levou ao Brexit em 2017 e a eleição de Bolsonaro, no Brasil, em 2018. Que são para nós os 3 grandes casos de estudo originais. Entretanto, temos outros, mas esses eram os mais relevantes, porque cada um deles tinha características muito específicas e foi aquilo que trouxe, a temática da desinformação e das fake news, para a discussão pública.

**Entrevistador** – Exatamente. Então, o curso estava disponível na plataforma NAU e decorreu só online, não teve sessões síncronas, não foi misto?

**E1** - Não. Nada.

**Entrevistador** – Portanto, como estava organizado o curso, que recursos disponham, através de vídeos e atividades?

**E1** - Sim, sendo um MOOC, o curso tem que ser desenhado para não ter intervenção de formadores. Portanto, tudo é feito de forma automatizada e ao ritmo do formando, portanto, sem intervenção do formador. A criação de um MOOC implica uma série de procedimentos que não são necessários quando se cria outro tipo de formação, independentemente de ela ser presencial, online, ou b-learning. O principal, é o formador, quando prepara as coisas, tem que o fazer tentando evitar ao máximo que o formando tenha dúvidas ou questões. Por quê? Porque o formador não vai estar lá para esclarecer essas questões.

Se surgirem questões, o formador ao preparar tem que deixar as pistas, e os recursos necessários para que, em caso de dúvida, o formando tenha onde ir procurar as respostas às suas questões.

A terceira questão fundamental num MOOC, por comparação com outros tipos de formação, é que a não é possível fazer ajustes durante a formação, ou seja, quando ela começa para o primeiro formando ela enquanto estiver disponível, não pode ser alterada, portanto, não pode estar demasiado focado em questões da atualidade que daqui a um mês já não é atualidade. Segundo tem que ter uma estruturação e uma sequência que faça sentido para todos os formandos e neste caso, independentemente com tanta abertura do seu nível de escolaridade do país, onde se encontram do seu conhecimento da língua portuguesa e por aí fora. Portanto, nós tivemos o cuidado de fazer uma estruturação como eu já disse, basicamente em 3 grandes blocos, sendo que cada um correspondia a um dos formadores, podia não ter sido assim, mas neste caso fazia sentido. A estes blocos tinham uma lógica que era:

**E1** - Primeiro bloco, explicar o fenómeno e as suas implicações. O segundo bloco trabalhar sobre a

fundamentação das questões mais ligadas à literacia, um terceiro bloco mais ligado às ferramentas que permitem identificar aquilo que é desinformação, portanto, uma parte mais prática e mais aplicada.

Dentro de cada uma dessas partes, havia uma sequência que juntava sempre a seguinte lógica, ou seja, uma apresentação sobre “o que é que vamos falar?” Ou seja, sempre esta preocupação de deixar muito claro e, ao mesmo tempo, ser bastante sintético, explicar, “a seguir, vamos falar deste assunto, para chegar a esta conclusão”. Dependia das temáticas, mas haveria uma coleção de pequenos vídeos produzidos por nós. Portanto, a [entidade] tem todas as condições para produzir, se não tivesse, podíamos ir produzir a outro sítio, mas, podemos produzir internamente. Sessões essas, portanto, realizadas, como deve ser, não era apenas uma câmara no computador e alguém a falar, portanto, com realização, apresentação, com a utilização de fundos virtuais, com mudanças de câmara, a passagem entre as apresentações e de quem estava a falar, de forma a criar uma lógica sequencial. Sempre que existiam apresentações relacionadas com esses vídeos, a seguir ao vídeo estava disponível a apresentação.

**E1** - Para que a pessoa pudesse depois ao seu ritmo olhar para apresentação, explorar links que existissem, explorar os exemplos à sua maneira, portanto, não seguir apenas o vídeo e no final de cada uma destas partes existia um sistema automatizado de validação de conhecimentos, que é outra coisa importante. Para completar o curso, é preciso completá-lo com aproveitamento, para o fazer tem que existir um sistema de avaliação e mais uma vez, como não há participação do formador, tem que ser um sistema de avaliação automatizado. O que para algumas questões é relativamente simples, para outras é extremamente complexo criar um sistema automatizado de avaliar.

**Entrevistador** – Exatamente.

**E1** - E, portanto, teria sempre essa lógica. Haveria uma percentagem mínima de acerto que os formandos tinham que ter. Chegando ao final, e obtendo a aprovação, além de terem, digamos, uma espécie de parabéns e agradecimento por terem chegado até ao fim, depois, isso permitia que fosse emitido um certificado.

**E1** - Para a formação, agora de cabeça, não sei, mas para essa formação foram emitidos milhares e milhares de certificados.

**Entrevistador** – Obrigada. Muito bom, o que disse, deu-nos uma informação muito completa acerca do curso e, portanto, eu gostava de lhe perguntar, tendo em conta a sua experiência nesta área na área da desinformação, que metodologias de ensino ou de formação mais valoriza na abordagem ao Tema das notícias falsas e do combate à desinformação?

**Entrevistador** – O online, presencial, sessões mais expositivas, gamificação, trabalho prático com base em projetos, o que é que na sua opinião, na sua experiência, acha que resulta melhor?

**E1** - OK, então, é assim, não é de certeza uma temática onde a parte expositiva seja fundamental, ou seja, essa é a parte menos importante, ou seja, aquilo que procuramos e, aliás, por exemplo, no âmbito do Iberifier, que é apenas um dos âmbitos, nós assumimos muito que grande parte das ações tem uma lógica de sensibilização, ou seja, de fazer com que as pessoas descubram como é que a desinformação impacta a sua vida quotidiana, mesmo sem darem por isso, ou seja, portanto, para que no final das sessões da próxima vez

que as pessoas pegarem no seu telemóvel e começarem a correr o feed de uma qualquer rede social, olhem de maneira diferente para aquilo que lhes chega e que tomem ações diferentes perante aquilo que lhe chega.

**E1** - Portanto, uma lógica de descoberta que, por exemplo, nas ações um pouco mais longas implica, por exemplo, trabalho de grupo sobre exemplos concretos e a aplicação de ferramentas para se perceber se aquele conteúdo é factual ou não, se foi manipulado. Como é que foi manipulado? Se foi manipulado, qual poderão ser as intenções desse conteúdo? Ou seja, esse conteúdo beneficia quem? Ou prejudica quem? Sendo que, isto é uma conclusão muito geral, uma que nós queremos que sejam os formandos a chegar, onde obviamente nós ajudamos a guiar as conclusões, que é a questão de a regra geral a desinformação tem por objetivo beneficiar muito poucos para prejudicar muitos, ou seja, levar as pessoas a ter, digamos um bocadinho esta visão.

**Entrevistador** – Sim.

**E1** - E que, como objetivo principal, tenham a consciencialização de que, ao partilharem informação não verificada, que pode ser ou não desinformação, estão a contribuir para a desinformação. Portanto, capacitar os cidadãos para exercerem melhor a sua cidadania, com responsabilidade. Quanto mais pudermos colocar as pessoas a trabalhar sobre exemplos concretos, melhor funciona. No online, isto é mais complexo e, portanto, aquilo que normalmente tentamos sempre fazer é que haja uma discussão sobre o tema.

**E1** - Que haja partilha de casos pessoais e de questões pessoais para, através disso, digamos, construirmos conhecimento para todos. Partir dos exemplos individuais que cada pessoa tem, das questões individuais que cada um tem, para construir o conhecimento coletivo, que depois, no caso destas ações e havendo um manual que é sempre distribuído e, portanto, quem quiser saber mais, tem o manual e as próprias pistas e links, que o manual permite, portanto, permite depois às pessoas fazerem uma exploração individualizada de acordo com os seus interesses e as suas necessidades.

**Entrevistador** – Muito interessante a abordagem que refere sobre como identificar as notícias falsas e então existem para si estratégias específicas que sugere que sejam

adotadas para manter as sessões de formação atuais? Por exemplo, há um conjunto de questões-chave que o utilizador se pode colocar para identificar notícias falsas. Estas vão se modificando. Gostaria de saber a sua opinião.

**E1** - OK então. A ideia base será sempre a mesma, mas é o tipo de conteúdo que necessita de grande adaptação tendo em conta várias variáveis, a primeira é o escalão etário, a segunda é o nível de qualificações, a terceira, talvez, a atividade profissional, porque influencia bastante a abordagem que se tem. É muito diferente estar a trabalhar com jornalistas ou professores, mesmo que eles tenham, por exemplo, idades ou níveis de qualificação similares. Por fim, o contexto, ou seja, é diferente fazê-lo, dar um exemplo muito simples, é diferente estar a fazê-lo em Lisboa ou Porto, estar a fazê-lo em Bragança ou Portalegre, ou estar a fazê-lo nos Açores, ou na Madeira. Só para dar um exemplo muito concreto, por exemplo, ações que nós fizemos na Madeira foram muito focadas nas questões de desinformação com origem na Venezuela. Por quê? Por causa da grande quantidade de venezuelanos ou luso venezuelanos de origens familiares madeirenses e através dessa ligação, chega à Madeira uma grande quantidade de desinformação que têm origem na Venezuela ou na situação venezuelana. Isso, por exemplo, em Lisboa, Porto ou nos Açores não faz sentido, OK?

**E1** - Por exemplo, nos Açores há imensa desinformação relacionada com a presença norte-americana nos Açores ao longo de décadas, OK? Portanto, há até um caso bastante conhecido que é a questão do, digamos, da poluição tóxica mortal que supostamente ficou na base das Lajes da utilização americana e que, por exemplo, até foi já utilizado para desinformação institucional russa, focada exatamente na população dos Açores. Ou seja, às vezes pensamos que se estamos a falar para Portugal, é tudo igual, mas não é. Portanto, as coisas são realmente diferentes. Depois, se passarmos para contextos, por exemplo, de outros países de língua portuguesa, então é completamente diferente e só para dar um terceiro exemplo diferente, por exemplo, a grande questão, quando discutimos estas questões e trabalhamos em Moçambique é a desinformação institucional, ou seja, quando é o próprio Governo a emitir informação oficial que é falsa.

Estas questões são extremamente importantes.

As questões do nível de educação formal também são muito relevantes e nós vimos isso, por exemplo, quando trabalhamos com seniores, em que trabalhar com seniores com

habilitação superior é completamente diferente de trabalhar com seniores que apenas têm o ensino básico, muitas vezes têm apenas a quarta classe, portanto, são coisas muito diferentes.

**E1** - E também é muito diferente trabalhar com profissionais, alunos do ensino superior, alunos do ensino básico, mesmo que sejam do segundo ou terceiro ciclo, ou crianças do primeiro ciclo, porque também se pode trabalhar desinformação com crianças do primeiro ciclo, utilizando exemplos que eles conhecem muito bem, nós adultos também, mas que nunca pensamos que, na verdade, também são desinformação. Como a história da fada dos dentes ou do Pai Natal.

**Entrevistador** – As suas respostas sobrelevam muito a existência de parcerias. Pode falar-nos sobre o papel de parcerias com outras organizações para o sucesso do combate à desinformação?

**E1** - Sim, claro, é assim, isto é uma temática completamente transversal e, portanto, a [entidade] terá cada vez mais uma lógica de ter o máximo de parcerias possíveis de ser um parceiro, responsável pela formação dos portugueses e no âmbito da cooperação também em países de língua oficial portuguesa na área da comunicação e a questão da literacia é uma questão central. É um dos focos da atividade da [entidade] formalmente e, portanto, queremos trabalhá-lo, nesse sentido, porque é uma questão muito transversal e assim parcerias com as instituições ligadas à área da educação e formação de professores, como o Ministério da Educação, através da Direção-Geral da Educação, como a Associação Nacional de Professores são fundamentais, por exemplo, dessa área, com instituições aquilo que normalmente digamos a sociedade civil, por exemplo, com associações de cidadãos ou pessoas com diversas atividades. Por exemplo, existe uma associação que se chama associação para a literacia para os média e jornalismo, que é uma associação que foi fundada por jornalistas na sequência do Congresso Nacional de Jornalistas, realizado em 2017, que começou a ser desenvolvida no âmbito do sindicato de jornalistas e que já se tornou, portanto, numa associação sem fins lucrativos formal, que organiza formações o apoio da [entidade] para formar jornalistas e professores do ensino superior da área da comunicação em literacia, em capacitá-los nessa área, em certificá-los para poderem dar formação a professores do ensino básico e secundário em Portugal e nas ilhas e com isso, portanto, contribuir para ir às escolas, trabalhar com os professores para os professores

poderem trabalhar com os seus alunos. Portanto, a tal lógica de bola de neve. A participação em projetos internacionais e Iberifier é apenas um deles.

**E1** - Nós temos outros projetos que estão alguns em fase de candidatura, outros em fase de arranque, portanto, que envolvem a [entidade] e que envolvem vários outros países europeus e não só, e, portanto, queremos avançar nesse sentido as parcerias. Pronto, a [entidade] está envolvida em outras iniciativas, como é o caso do GILM, que é o grupo informal para literacia para os média, portanto, que não é uma instituição, como o nome diz, é um grupo informal que envolve uma série de entidades das áreas mais diversas e que produzem trabalho ao longo do ano, conteúdos que estão publicados online, um Congresso que se realiza de 2 em 2 anos. Portanto, que trabalham nessa área e, portanto, e obviamente, depois também as parcerias com as universidades e com os especialistas que trabalham, portanto, na área de literacia para nós e essa parceria é bastante importante e poder continuar a desenvolvê-lo.

**Entrevistador** – Obrigada. Falou-nos de imensas iniciativas. Há alguma que esteja presentemente a planear, executar ou que tenha terminado e que esteja envolvido?

**E1** - É assim, portanto, o projeto Iberifier que é o maior de todos, está iniciar agora, digamos, a sua segunda fase, que se vai prolongar até ao final de 2026, irá começar agora no outono uma nova fase de formações, para públicos diversos, não está ainda fechado exatamente porque é sempre preciso haver alguma preparação e fundamentação, por exemplo, há pouco falei dos manuais que foram feitos na outra fase, portanto, agora há focos ligeiramente diferentes esses manuais terão que ser refeitos, atualizados, adaptados, e só após estar feito é que se pode começar a dar formação.

Esse é um dos casos. Há outros projetos que nós estamos à espera, portanto, por exemplo, de resultados a nível internacional. A nível nacional existem projetos focados muito no jornalismo e especialmente em meios de comunicação locais e regionais, que vai também começar a avançar algures no outono. Esse projeto, apesar de aprovado e financiado, não tem um nome definitivo, portanto, não posso dizer como é que ele se chama, porque não tenho nome para lhe dizer. Vamos continuar a formar jornalistas para os capacitar para em parceria com a associação literacia possam ir às escolas do país todo e promover a literacia,

trabalhando com professores e alunos das escolas do ensino básico e secundário em Portugal. Vamos a Cabo Verde fazer formação de professores, isso é certo, agora em setembro e iremos fazer mais trabalho com os vários países de língua oficial portuguesa ao longo dos próximos 2/3 anos.

**Entrevistador** – Obrigada. Já contactou com centenas de participantes e dezenas de comunidades, chegou a observar mudanças nos comportamentos dos participantes quanto à identificação da denúncia ou da prevenção das notícias falsas, ou de outras formas de desinformação, comparando o antes e o após das atividades realizadas?

**E1** - Ora bem o feedback nós temos das ações até do ponto de vista formal, porque sempre que possível, isto não é possível em todas as ações, por várias razões, mas sempre que possível, nós tentamos aplicar um questionário inicial, um questionário final das ações exatamente para tentarmos avaliar não apenas a mudança de comportamentos, mas a efetividade da ação. Aquilo que nós temos em termos de dados quantitativos, diz-nos que as pessoas saem das ações com uma visão diferente sobre os média, sobre como os média funcionam e sobre o que a desinformação pode impactar a sua vida ou não, considerando que têm também ferramentas conceptuais e práticas para a agir sobre essa desinformação e, portanto, poder alterar o seu quotidiano em termos de consumo mediático e exercer a sua cidadania, digamos assim.

Por outro lado, em termos qualitativos, nós temos um feedback, digamos mais pessoal, mais individual, que nos diz que de uma forma relativamente simples, nós conseguimos que no final das ações as pessoas passem a olhar para a informação que lhe chega de uma maneira diferente daquilo que faziam antes e para nós esse é, digamos, o principal ponto que é por muito ténue que seja que haja uma atitude perante a informação diferente daquela que era prévia. Quando eu digo informação e toda a informação, não apenas a desinformação.

**Entrevistador** – Muito obrigada por este tempo. Foi muito proveitoso, há algo que gostaria de acrescentar algum aspeto não tenha sido abordado na entrevista que considero que seja importante acerca deste Tema?

**E1** - Nada, foi um prazer. Eu acho que é uma questão importante. Apenas abordar que Portugal tem desde o final do ano passado, ainda com o anterior governo, um plano nacional de literacia aprovado e que se for o caso, que a [entidade] tem todo o interesse em estar

associado ao plano e a continuar a contribuir para a literacia dos portugueses, principalmente na área da literacia para os média, mas também outras que estão a associadas e esperamos que esse plano venha a funcionar.

**Entrevistador** – O seu contributo vai ser fundamental para a minha investigação no mestrado. Obrigada pela sua participação.

**E1** - Eu agradeço. Sempre que acharem que nós podemos contribuir de alguma forma, por favor estejam à vontade.

**Entrevistador** – Claro que sim. Muito obrigada pela sua colaboração. O vosso papel na sensibilização para este Tema é importantíssimo, é excepcional. Todas as questões foram respondidas e por isso agradeço-lhe muito esta entrevista tão completa e a sua experiência nesta área que realmente foi excepcional.

**E1** - Obrigado.

## **Anexo G - Transcrição da entrevista ao formador E2**

<b>Entrevista Semi-diretiva</b>	
<b>Entrevistado E2</b>	
<b>Data e Hora</b>	02 de agosto de 2024, 17h30
<b>Plataforma</b>	Teams
<b>Consentimento</b>	Antes de iniciar a entrevista, o investigador verificou que o participante tinha recebido, por correio eletrónico, o termo de consentimento informado, que foi devidamente assinado pelo participante
<b>Objetivo da Pesquisa</b>	A entrevista iniciou com uma contextualização dos objetivos do estudo e da entrevista. O participante foi informado do principal objetivo da investigação que era recolher dados sobre a perceção dos formadores acerca da integração do tema das notícias falsas nas suas práticas formativas, bem como identificar as estratégias pedagógicas e os recursos utilizados para promover o combate à desinformação.
<b>Motivação</b>	o entrevistador agradeceu a disponibilidade do entrevistado em colaborar com o estudo e sublinhou a relevância da sua contribuição para a investigação em curso.
<b>Confidencialidade</b>	Foi reiterado ao participante que todas as suas respostas seriam tratadas com confidencialidade e que o seu anonimato seria integralmente assegurado. Foi garantido que a identidade do participante não seria divulgada em qualquer publicação ou comunicação dos resultados do estudo, de acordo com os princípios éticos e a legislação de proteção de dados.
<b>Autorização para Gravação</b>	Antes de avançar com a entrevista, foi pedido formalmente ao participante o seu consentimento para gravar o áudio da entrevista, de modo a facilitar a análise posterior dos dados recolhidos.

<b>Confirmação Oral</b>	A gravação apenas foi iniciada após a obtenção da autorização explícita do participante. Após o início da gravação, o participante confirmou verbalmente que estava ciente dos objetivos da entrevista, da garantia de confidencialidade e que autorizava a gravação.
<b>Duração</b>	40 minutos
<b>Transcrição</b>	A entrevista foi transcrita para uma análise detalhada

### **Transcrição da entrevista ao entrevistado E2**

**Entrevistador** – Olá, boa tarde. Como está?

**E2** - Desculpa por este stress, mas eu não consigo atualizar o zoom. O Teams estava-me a pedir a atualização, só que eu não tenho permissões, ainda estou aqui no serviço,

**Entrevistador** – Não tem problema. Peço desculpa pela hora e obrigada por aceitar realizar a entrevista neste horário e desta forma, portanto, online.

**E2** - Não tem problema. Tenho todo o gosto.

**Entrevistador** – Obrigada. Então, gostava de lhe dar os parabéns pelo seu trabalho. Quando estive a pesquisar iniciativas de literacia de combate à desinformação, acabei por encontrar uma iniciativa em que participou e, portanto, gostava de lhe dar os parabéns, e também pelo trabalho que tem desenvolvido no combate à desinformação. Tenho a intenção de realizar esta entrevista porque gostava de conhecer um pouco melhor o papel que têm iniciativas de combate à desinformação que envolvam a população adulta. E, portanto, a entrevista tem perguntas que vão nesse sentido para poder então responder a essas questões. Agradeço novamente o tempo disponibilizado para a realização da entrevista. A mesma terá uma duração aproximada de quarenta minutos. A sua colaboração é extremamente valiosa para o meu estudo, sendo uma contribuição importante, útil e relevante. Gostaria de assegurar que todos os dados recolhidos serão tratados de forma anónima, respeitando integralmente as normas de confidencialidade. Após a utilização dos dados para o estudo, a sua identidade nunca será revelada e toda a informação será devidamente destruída. Se possível, gostaria

de pedir a sua autorização para iniciar a gravação da entrevista, o que me ajudaria na recolha e organização dos dados para posterior análise.

**E2** - Claro que sim. Sem problema.

**Entrevistador** – Muito obrigada, vou iniciar a gravação. Boa tarde, novamente, E2. Portanto, o propósito geral desta entrevista é compreender como é abordado o tema da desinformação.

A sua denúncia e prevenção nas iniciativas de literacia digital para adultos auscultando especialistas nestas iniciativas, queria começar por agradecer, o facto de ter aceite participar nesta entrevista que será de certo um contributo muito significativo para a investigação que eu me encontro a realizar no âmbito do meu mestrado. E antes de começarmos, gostaria de assegurar que todas as suas respostas serão tratadas com total confidencialidade.

Garantimos também o anonimato das suas respostas e a sua identidade não será revelada em nenhuma publicação ou divulgação dos resultados da pesquisa. Consente, então, realizar esta entrevista e que agravemos?

**E2** - Sim, sim, com certeza.

**Entrevistador** – Em primeiro lugar, gostaria de recordar a sua experiência nas iniciativas de combate à desinformação e à literacia da informação que promoveu e na investigação que desenvolveu em torno deste tema. Pode falar-nos um pouco sobre o seu trabalho nesta área?

**E2** - Sim, o meu interesse nesta área já vem de alguns anos. Eu, além de bibliotecária na área do ensino superior, sou investigadora e aquilo que me levou ao tema da desinformação, propriamente, tem muito a ver com a formação dos utilizadores, com a literacia da informação.

Nos últimos anos, mais concretamente há 3 anos, houve uma oportunidade de realizar, em conjunto com outros colegas, um projeto no âmbito da desinformação. Esse projeto foi submetido a uma entidade que o financiou, patrocinou, e através dele foi possível desenvolver diversos materiais em português, baseados em referenciais internacionais, portanto, foi possível por um lado, apostar na literacia da informação e, por outro, associá-la aos seus benefícios para o combate à desinformação.

**Entrevistador** – Pode descrever qual foi a estratégia nesse primeiro projeto?

**E2** - Foi procurar estratégias que permitissem abordar os bibliotecários em geral e os bibliotecários do ensino superior em particular, enquanto mediadores da informação, enquanto formadores para a literacia da informação. Portanto, o objetivo era transversalmente multiplicar o investimento neste conhecimento para que depois fosse retransmitido para o utilizador final. E, entretanto, esse projeto deu frutos, houve produtos e realizações, palestras, encontros, formas de comunicar esses resultados, e isso deu origem a outros desdobramentos.

**E2** - Por isso, estou atualmente envolvida em três diferentes projetos, também relacionados com a desinformação. Eu não sei se devo dizer as instituições do projeto inicial e estes outros ou não, mas são instituições ligadas quer ao ensino superior, quer à união europeia, quer a outra instituição de ensino superior também.

**Entrevistador** – Em relação a este primeiro projeto, o que motivou a inclusão do tema das notícias falsas ou do combate à desinformação nessa iniciativa?

**E2** - É assim, primeiro, o contexto no qual nós vivemos, que já tínhamos dado conta que emergia essa problemática. Enfim, algumas dúvidas, algumas confusões nos contactos que nós fazíamos, quando falo em nós, digo eu e outros colegas que estamos envolvidos neste tipo de estudos, começámos a ter uma sensibilidade mais premente para tentar esclarecer o nosso público. Mas, por outro lado, como o nosso foco era muito a literacia da informação, também estávamos a sentir necessidade de traduzir documentos internacionais que só existem em inglês, cuja complexidade parece ser maior na abordagem que tem sido feita por parte de bibliotecários e, portanto, surgiu uma oportunidade de financiamento e agarramos essa oportunidade. A temática era precisamente o combate à desinformação e então tentámos associar estas necessidades e o projeto oportunamente foi aprovado. Então, foi por aí que se deu início a este primeiro projeto.

**Entrevistador** – E continuando a focar nesta iniciativa concreta, o webinar sobre a literacia e informação que decorre do trabalho que fez em torno do referencial a quem é que se dirigia também?

**E2** - Nós fizemos vários webinários. Fizemos webinários dirigidos essencialmente a bibliotecários do ensino superior. Fizemos presencialmente workshops dirigidos a bibliotecários do ensino superior e também para alunos estudantes do ensino superior. E finalmente, fizemos para um público mais alargado, dirigido a pessoas interessadas na área da educação, professores do ensino básico e secundário, sobretudo do ensino secundário, e também professores do ensino superior. Posteriormente, reparámos que havia aqui uma necessidade e estes projetos seguintes, embora não patrocinados pela mesma entidade acabaram por ser um desdobramento e por isso estamos a dirigi-los, por um lado, às populações, num dos projetos às populações e aos cidadãos em geral, através das bibliotecas públicas, e, num outro projeto, aos investigadores, aos pesquisadores do ensino superior, que são também eles alvo de desinformação, notícias falsas, nomeadamente com revistas predadoras que enviam emails para angariar artigos de uma forma, digamos assim, enganosa, pedindo dinheiro em troca de publicação fácil e outro tipo de estratégias que estão incluídas no conceito mais alargado da desinformação. Então, esse desdobramento tem muito a ver com estes públicos, ou seja, se no primeiro projeto, o nosso alvo era os bibliotecários que pudessem disseminar pelos seus públicos, nestes outros projetos é a população em geral, num, noutro continuarão a ser os bibliotecários, as pessoas interessadas, aí as pessoas ligadas à informação e, no terceiro, pessoas ligadas ao ensino superior, professores e investigadores, sobretudo.

**Entrevistador** – Muito interessante. Então são, portanto, diversas iniciativas que têm o propósito comum de combater a desinformação específica da qual são alvos estes públicos que refere?

**E2** - Sim, sim, são com entidades diferentes em que eu participo, porque estou a ser chamada para participar em várias frentes. É por isso.

**Entrevistador** – Então sente que é necessário segmentar as iniciativas?

**E2** - Sim, de certa forma, eu acho que esta estratégia é mais conveniente porque acaba por ser mais permeável também, chegar a mais pessoas.

**Entrevistador** – E como consegue chegar às pessoas? Portanto, como é que vocês conseguem trazer as pessoas para estas iniciativas?

**E2** - Através de parcerias estratégicas. Por um lado, se nós queremos chegar aos cidadãos, temos uma rede de bibliotecas públicas, bastante expandida, não é? São mais de 300 bibliotecas públicas em Portugal. Numa fase inicial, estaremos a trabalhar com 6 bibliotecas públicas, num projeto-piloto para implementar atividades e estratégias em torno de várias temáticas e que possam incluir controvérsias acerca de temas da atualidade, controvérsias essas que as tornam vulneráveis às notícias falsas. Vou dar um exemplo, por exemplo, nós se ouvirmos a expressão alterações climáticas, já sabemos que isto é um tema controverso, porque há pessoas de um lado, de um espectro, querem muito defender, são super ecologistas, cumprem todos os requisitos, veem como a roupa é produzido em determinados países e outras pessoas no espectro oposto que não acreditam em nada, colocam em causa toda a investigação científica. Então, este tipo de temas controversos pode ser uma estratégia para explicar o combate à desinformação contextualizadamente e com atividades práticas que os bibliotecários nas bibliotecas públicas possam acolher. Depois, outro tipo de estratégias, isto são sempre com parcerias, se nós estivermos no âmbito da investigação, faremos em bibliotecas do ensino superior que têm contacto com os seus investigadores e habitualmente, com workshops dirigidos a essa comunidade académica.

**E2** - E também estamos a querer fazer, além da própria investigação, que acaba por ter um impacto de alguma reprodução do conhecimento, fazer guiões e checklists, por exemplo, ou outro tipo de materiais que possam ser usadas por estas pessoas e divulgá-las através deste tipo de redes.

**Entrevistador** – Portanto, são disponibilizadas, aos participantes, ao público alvo?

**E2** - Por exemplo, através da associação portuguesa de bibliotecários, arquivistas, profissionais da informação e documentação, que é a única associação no país que tem este papel mais transversal e que tem grupos de trabalho os quais nos podem ajudar a transmitir para esses profissionais, que por sua vez retransmitem às suas comunidades.

**Entrevistador** – Então as parcerias são importantes para si. Como verifiquei agora na entrevista.

**E2** - Sim.

**Entrevistador** – E como é que foram seleccionados os conteúdos das iniciativas? Terá sido a desinformação do dia a dia? Foi através do referencial que a E2 traduziu?

**E2** - Todas as iniciativas foram primeiro baseadas no workshop, no referencial da literacia da informação e depois, como o referencial tem 6 áreas temáticas, essas áreas temáticas foram estudadas e desdobradas em exemplos práticos e em situações concretas que pudessem estar associadas a cada uma delas. Assim tínhamos para cada resposta que a literacia da informação tenta combater um exemplo de problema, questão ou situação a combater no âmbito da desinformação e, portanto, tentamos fazer este enquadramento para que a desinformação fosse um exemplo concreto que seja passível de, noutras circunstâncias, ser pensado de uma maneira flexível e adaptável, ou seja, aquilo é um exemplo, mas se eu tiver em conta que aquela resposta inclusivamente com documentos internacionais como da IFLA e outros documentos internacionais, nós temos por exemplo, para o primeiro tópico, “a autoridade é construída e contextual” e, portanto, vamos pensar, o que é que põe isto em causa em termos da desinformação? São questões de autoria. Como é que as questões da autoria são postas em causa? Por exemplo, através do plágio, através da alteração do nome de sites, imagina, Times. A Times é uma publicação periódica Internacional, mas por vezes pode o link estar alterado numa letra e isso é uma alteração de autoria e de autoridade, então este tipo de pistas que são as estratégias mais usadas para veicular desinformação vão ser associadas a cada uma das molduras conceptuais do referencial. E isso faz com que seja mais fácil uma aprendizagem do utilizador final.

**E2** - Se eu colocar exemplos práticos ao pé de uma coisa muito teórica, facilita-se a compreensão.

**Entrevistador** – Exatamente. Referiu workshops e webinários em que participou, consegue descrever-nos como é uma sessão típica, portanto, durante esses workshops tem um pouco a ver com o que referiu agora?

**E2** - Sim, sim, tem um pouco a ver com o que referi, e dependendo do tipo de público, porque nós queremos, portanto, subdividir o referencial associando a exemplos, porque assim temos um espectro maior de exemplos e de problemas levantados pela desinformação, quer a

autoridade, quer o processo de construção da informação, quer a forma como ela é comunicada, enfim.

**E2** - E tudo isto, como está presente no referencial, é possível associar a exemplos. Então, os exemplos que nós escolhemos não são só baseados na nossa experiência, como alguns deles são também baseados na investigação que fazemos de práticas e atividades que já ocorrem noutras bibliotecas e bibliotecas de âmbito Internacional também, não só em Portugal. Em Portugal, de facto, tivemos poucos exemplos onde recorrer.

**E2** - Só porque não víamos nada ainda muito explícito ou pelo menos divulgado, não podemos dizer que não existe porque não conhecemos a realidade toda, não é? Mas perguntando dentro da nossa rede, que é bastante alargada, não havia nada específico e concreto já feito e, portanto, nós fomos vendo que exemplos é que haveriam.

**E2** - E também em áreas limítrofes, como é, por exemplo, uma área que já está bem mais avançada no combate à desinformação, que é a literacia mediática, como, por exemplo, os verificadores de factos, como nós temos até na televisão aquele programa fact check, o polígrafo, etc, e há muitas ferramentas e instrumentos desenvolvidos nessa área, e, portanto, nós podemos nos inspirar em áreas limítrofes, como eu digo no caso da literacia mediática é muito irmã da literacia da informação e por isso há ferramentas que funcionam e depois a investigação tem vindo a desenvolver ferramentas como o CRAP ou o Radar Fake News para a verificação da informação. E é isso que nós queremos trabalhar para demonstrar ou dar exemplos mais concretos daquilo que pode ser feito.

**Entrevistador** – E que tipo de atividades é que são mais frequentes? Por exemplo, são momentos mais declarativos, transmissão de conteúdo e depois momentos de debate ou de interação com os participantes? Já referiu que existem exemplos práticos.

**E2** - Exato, há muita interação com os participantes, muitas perguntas, por exemplo, “você faz compras online?”, “Já vos aconteceu serem defraudados nas vossas expectativas?”

**E2** - Pronto. Por exemplo, nós vemos muitos vídeos. Um dia destes, vi um vídeo que era uma pessoa que tinha encomendado um tapete na internet, um tapete daqueles de estilo árabe, e depois estava a desembrulhar um pacotinho do tamanho do envelope. Então,

quando abriu, era o tapete, mas era um tapete de rato. Foi uma grande galhofa, porque ela não estava a acreditar e isto é um exemplo de um engano. Quer dizer, está dentro das categorias da pessoa sentiu-se defraudada nas suas expectativas, não é bem desinformação, mas está dentro da categoria da desinformação. Então todas estas coisas vão sendo, digamos assim, lembradas. Eu ainda não usei este exemplo numa sessão, mas, por exemplo, já usei um exemplo de não sei se se lembra aqui há uns anos, o correio da manhã, CMTV foi fazer uma entrevista em direto a um senhor que dizia que tinha uma bomba no carro. E fizeram a entrevista em direto e eles disseram, “Ah, mas como é que soube?” E ele disse, “porque eu sonhei com a minha mãezinha e ela me disse”.

**E2** - E aquilo foi um completo flop, porque, quer dizer, claro, eu usei este exemplo e os alunos que estavam ali riram-se à gargalhada, porque se lembravam e tal, e eram de comunicação social, então é preciso uma verificação antes. Não se vai logo para um direto assim, sem se considerar múltiplas fontes, enfim, todas as estratégias de que falámos, mas vai depender do contexto.

**Entrevistador** – Exatamente. E tendo em conta a sua experiência nesta área, que estratégias de ensino e aprendizagem mais valoriza na abordagem ao tema das notícias falsas e do combate à desinformação? É online, presencial, misto, aulas positivas, trabalho prático, gamificação.

**E2** - Todas as estratégias. Estratégias expositivas, estratégias de até ter documentos estáticos online, estratégias de autoaprendizagem, todo o tipo de estratégias, aulas expositivas, demonstrativas, metodologias ativas. Aquilo que eu verifico que melhor resulta é quando nós conseguimos usar exemplos práticos e fazer com que esses exemplos sejam identificáveis com o público com quem nós estamos a trabalhar. Portanto, isso é a maneira mais eficaz para consolidar uma aprendizagem. Porque se eu estiver a fazer aquilo, se eu estiver a fazer uma coisa parecida ou semelhante ao exemplo, da próxima vez que a fizer, vou-me lembrar.

**E2** - Se eu explicar a um investigador que recebe emails de revistas predadoras. Se eu lhe mostrar exemplos que eu também recebo e sublinhar com uma bolinha, atenção aqui à morada, atenção ao número de dias que eles usam para revisão. 7 dias? É impossível fazer

uma revisão por pares acurada. Portanto, isto são exemplos que a pessoa se vai lembrar, porque vai vivenciar. Então, para mim, essas são as melhores estratégias.

**Entrevistador** – Obrigada. Pareceu-me muito interessante os exemplos que referiu sobre as situações práticas do dia a dia. Pode falar-nos melhor sobre como decorrem estas atividades? Durante a sessão, os participantes fazem críticas de Fontes, verificação de factos nas vossas atividades de formação? Pode dar exemplos?

**E2** - Por exemplo, eu já estive envolvida num workshop que até foi organizado pela [entidade], em que se colocavam várias turmas a trabalhar em temas em que nós púnhamos uma notícia do jornal e depois pedíamos-lhes para confirmarem se era verdadeiro ou não e eles tinham que seguir uma determinada metodologia. E eu acho que isso é super interessante. Por exemplo, uma notícia do género, os jovens até aos 35 anos vão ter benefícios e deixar de pagar o imi ou os jovens até aos 35 anos vão ter benefícios nos empréstimos à habitação, pagando muito menos nas taxas de juro. Então nós púnhamos um título e depois eles tinham que ir verificar se isso era mesmo verdade. Qual é o decreto-lei que fundamenta essa notícia, se foi publicado ou não, qual é a parte da notícia, que é a ambígua?

**E2** - Qual é a parte da notícia que é verdadeira? Porque até se podia trocar e dizer os jovens até aos 40 anos e eles irem verificar e dizer, não é só até aos 35. Ou a devolução das propinas para quem no ano seguinte, ter acabado o seu curso, esteja em Portugal.

**E2** - Isto é uma notícia mais ou menos verdadeira. Só que falta um elemento essencial e que tem que estar a trabalhar. Então é este tipo de exemplos que nós damos com títulos grandes que são omissos, ambíguos ou que, por vezes, não informam totalmente, exatamente, as coisas que levam à desinformação. Porque a próxima vez que se forem retransmitidos, vão levar a mais desinformação.

**E2** - Então é esse tipo de consciencialização que é preciso fazer.

**Entrevistador** – Tendo em conta a sua experiência, quais são os principais desafios de abordar o tema das notícias falsas e do combate à desinformação na literacia digital dirigida à população adulta?

**E2** - É a forma crédula como a generalidade das pessoas abordam os grandes meios de comunicação social, as redes sociais e, naturalmente, as pessoas da sua família e amigos próximos. Então essa credulidade faz com que não ativem o pensamento crítico e que não sejam naturalmente céticos. E por causa disso é que sentimos que é necessário fazer uma educação para o combate à desinformação. Porque eu não acredito. Eu, pessoalmente, não acredito que a generalidade das pessoas faça por maldade o espalhar da desinformação, fazem por ignorância ou por acreditarem piamente que aquilo que estão a fazer é para o bem comum, para o bem dos outros. Eu vou dar um exemplo muito prático.

**E2** - Aconteceu aqui há uns anos, uma colega do serviço reencaminhou um e-mail para toda a gente, onde dizia, se tiverem alguma informação, por favor informem. Então, era das coisas que se vê também no Facebook. Dizia “criança desaparecida com 13 anos, dizia o nome, não sei quê”. E eu fui pesquisar à polícia judiciária que tem uma área para crianças desaparecidas.

**E2** - E tem lá os dados todos. E essa criança já tinha desaparecido em 2008, já tinha reaparecido e hoje em dia já era adulto. Portanto, não é que aquilo fosse falso. Aquilo andava a correr os e-mails há mais de 10 anos. E eu disse à minha colega, olha, antes de a reencaminhares, por favor verifica a informação. E ela disse, “peço imensa desculpa, mas foi uma pessoa que me mandou e eu acredito nessa pessoa”. Pronto. Isso é natural. As pessoas mandam na boa-fé, mas nós que estamos informados temos sempre que parar ali a corrente e verificar, porque senão damos continuidade e assim é mais difícil.

**E2** - Por isso, são esses os principais desafios. É inculcar nas pessoas um espírito crítico.

**Entrevistador** – Então, portanto, no seu do seu ponto de vista, é importante apostar iniciativas que invistam na promoção da reflexão crítica. Portanto, terem uma reflexão crítica sobre a informação que consomem?

**E2** - Exatamente. E estarem mais conscientes também da sua própria vulnerabilidade, porque as pessoas acham que a elas próprias não lhes acontece. Ser enganadas ou caírem em esquemas de falsos bancos, ou falsos prémios, ou falsos mails para phishing, etc. Então sentem-se invulneráveis e, portanto, não tomam as devidas precauções. Por isso é que é preciso consciencializar.

**Entrevistador** – E refletindo sobre o futuro, o que acrescentaria ou alteraria em futuras iniciativas que vier a desenvolver?

**E2** - É difícil fazer esta consideração, porque a cada momento as coisas estão a ser alteradas. Por exemplo, uma coisa que já estamos a tentar alterar tem a ver com a inteligência artificial. E com as possibilidades que esse tipo de ferramentas têm para nos ajudar e também desmistificar um bocadinho os problemas e as situações. Vamos lá, há 2 visões também muito opostas. Uma que vai salvar o mundo e tudo vai ser inteligência artificial e outras que condenam absolutamente e querem excluir, mas nós temos que ficar no meio-termo, não é? E, pronto. Isso é uma das coisas que eu alteraria, que é passar a incluir este tipo de tecnologias emergentes, ferramentas diferentes, situações que nós hoje em dia estamos a tomar em conta e que podemos incluir. Há uns anos atrás, podia não se falar de revistas predadoras, hoje é muito habitual. Há uns anos atrás, não se falava de perfis falsos no Facebook porque nem sequer havia Facebook. Portanto, é estarmos atentos àquilo que vai ocorrendo e tentar incorporar na formação esses exemplos práticos.

**Entrevistador** – Muito interessante. Portanto, gostava agora de falar consigo sobre os participantes, das ações que se desenvolveu. Observou mudanças nos comportamentos dos participantes, comparando o antes e o após das atividades realizadas, por exemplo, quanto à identificação de denúncia ou da prevenção de notícias falsas, outras formas de desinformação. E se puder também dar alguns exemplos.

**E2** - É assim, honestamente, como os workshops que eu tenho desenvolvido não são em continuidade com os mesmos públicos, eu não consigo ter a oportunidade de fazer essa verificação/avaliação. Isto quer dizer que faz muita falta, uma linha de continuidade. Eu creio que sim, que isso acontece porque as pessoas após terem uma experiência mais ou menos imersiva, isso tem algum impacto nelas. Pronto, ocorre uma aprendizagem, previsivelmente, e passam a ter atenção a determinadas características. Mas eu não tenho maneira de confirmar isto de uma forma mais científica. É apenas uma forma intuitiva.

**Entrevistador** – Obrigada, E2. Eu gostava de perguntar também em relação aos workshops, qual é a duração dos workshops?

**E2** - Cerca de 2 horas, 1,5 hora, depende também daquilo que nos pedem.

**Entrevistador** – Da minha parte, não tenho mais questões. Há algo que gostaria de acrescentar, esclarecer ou complementar alguma das respostas dadas. Algum aspeto que não tenha sido referido, que considere que seja relevante aqui na entrevista relativamente a esta temática da desinformação e do combate à desinformação?

**E2** - Não particularmente. Só dizer que eu creio que deve ser uma preocupação transversal em termos sociais, porque todos, de uma forma ou de outra, ou nós, ou os nossos próximos, estão a ser afetados por esse tipo de esquemas, fraudes, enganos, desinformação em geral. Isso não é positivo para ninguém.

**E2** - Embora, haja por trás dessas intencionalidades a geração de lucros, enfim, uma certa atitude predatória face a uma parte da sociedade mais incauta e, portanto, quando há este tipo de opção que não tem em conta valores éticos, as pessoas ditas normais, que querem ser bons cidadãos e viver em paz têm que se precaver e não ir com a corrente. Também não ficar demasiado cétricos, mas, de facto, fazer com que isto possa consciencializar. Para mim é o mais importante. E fazer com que isso se propague, embora nós saibamos, e é o que a investigação diz, que as notícias falsas se propagam a uma muito maior velocidade do que as verdadeiras, porque estimulam áreas do cérebro que respondem ao mais imediato, sem pensar, não é preciso pensar. Então isso faz com que nós, caiamos nessas tentações, não é? É por isso.

**Entrevistador** – Exatamente. Muito obrigada, pelos seus contributos, foram muito claros. A Entrevista correu muito bem. Todas as questões foram respondidas, e agradeço desde já o tempo dedicado e toda a sua colaboração.

**Entrevistador** – O seu contributo vai ser fundamental para a minha investigação no mestrado. Obrigada pela sua participação.

## **Anexo H - Transcrição da entrevista de Grupo Focal aos formandos**

<b>Entrevista de Grupo Focal aos formandos</b>	
<b>Data e Hora</b>	03 de julho de 2024, 11h30
<b>Local</b>	Sala de formação da Biblioteca das Galveias, Lisboa
<b>Consentimento</b>	Antes de iniciar a entrevista, o investigador verificou que o participante tinha recebido, por correio eletrónico, o termo de consentimento informado, que foi devidamente assinado pelo participante
<b>Objetivo da Pesquisa</b>	A entrevista iniciou com uma contextualização dos objetivos do estudo e da entrevista. O participante foi informado do principal objetivo da investigação que era recolher dados sobre a perceção dos formadores acerca da integração do tema das notícias falsas nas suas práticas formativas, bem como identificar as estratégias pedagógicas e os recursos utilizados para promover o combate à desinformação.
<b>Motivação</b>	o entrevistador agradeceu a disponibilidade dos entrevistados em colaborar com o estudo e sublinhou a relevância das suas contribuições para a investigação em curso.
<b>Confidencialidade</b>	Foi reiterado aos participantes que todas as suas respostas seriam tratadas com confidencialidade e que os seus anonimatos seriam integralmente assegurados. Foi garantido que a identidade dos participantes não seria divulgada em qualquer publicação ou comunicação dos resultados do estudo, de acordo com os princípios éticos e a legislação de proteção de dados.
<b>Autorização para Gravação</b>	Antes de avançar com a entrevista, foi pedido formalmente aos participantes o seu consentimento para gravar o áudio da entrevista, de modo a facilitar a análise posterior dos dados recolhidos.
<b>Confirmação Oral</b>	A gravação apenas foi iniciada após a obtenção da autorização explícita dos participantes. Após o início da gravação, os participantes confirmaram verbalmente que estavam cientes dos objetivos da

	entrevista, da garantia de confidencialidade e que autorizavam a gravação.
<b>Duração</b>	55 minutos
<b>Transcrição</b>	A entrevista foi transcrita para uma análise detalhada

### **Transcrição da entrevista de grupo focal aos formandos**

#### **Entrevistador**

Bom dia a todos. Mais uma vez eu agradeço então a vossa presença e o facto de autorizarem esta entrevista e a gravação desta entrevista. Vou fazer a primeira pergunta, relativa ao curso 2 - notícias falsas. Qual era a vossa opinião sobre as notícias falsas antes de terem a formação e de terem adquirido conhecimentos no curso? O que é que vocês pensavam sobre as notícias falsas? Se achavam perigosas, vos assustava?

#### **Formando 1**

Eu tenho uma opinião muito genérica, porque eu comecei a ler com 10 anos, estava sempre bem informado. O que eu penso é que os medias em Portugal, às vezes, para venderem os jornais, tinham que publicar certas notícias que não eram verdadeiras. Na minha modesta opinião, nunca se diz totalmente a verdade. Falo, por exemplo, na parte desportiva: Salazar disse aqui há muitos anos que Eusébio era património do país. O Eusébio nunca foi para o estrangeiro.

#### **Formando 1**

O que é que isto queria dizer? Na altura estávamos numa ditadura, e essa ditadura caiu com o 25 de Abril, em 74. Mas não caíram aquelas notícias, aquelas que eu chamo as *fake news*.

#### **Formando 2**

Há que distinguir quando a notícia é verdadeira ou quando ela é falsa. Por exemplo, foi muito fácil para mim hoje aqui no curso dizer que a Coca-Cola perdeu 3000 milhões de euros por causa do gesto do Ronaldo. Não é verdade, porque eu sei que não é verdade.

**Entrevistador**

Portanto, conseguiam reconhecer quando uma notícia era falsa ou quando não era. O que é que vocês sentiam?

**Formando 3**

Acompanho diariamente a imprensa, leio 4 ou 5 jornais por dia, e tenho muita facilidade em contactar a internet. Sei mais ou menos o que se passa pelo mundo inteiro.

**Entrevistador**

Mas em relação às notícias falsas, antes do curso, conseguiam distinguir notícias falsas? Consegua identificar *fake news*?

**Formando 1**

Sim, consigo distinguir o que são notícias falsas e o que são *fake news*. Tenho facilidade em distinguir.

**Formando 2**

Há notícias que são muito claras como falsas, não é? Como se costuma dizer, quando a fatura é demais, o pobre desconfia. Agora, há outras que a gente fica na dúvida e tem que haver métodos realmente para que possamos pesquisar e chegar até ao veredito da notícia. A gente sabe que até a CNN, dá notícias falsas, porque as revistas também, não é? Porque você olha para a capa e está à espera de uma grande notícia e chega lá e fica desiludido. É uma maneira de vender, pronto, é como a os medias. A minha opinião é essa.

**Formando 4**

Temos que arranjar maneiras de chegar a uma fase da notícia para sabermos provavelmente os vários itens, se é verdadeira ou não. Agora, há mais opiniões, não é?

**Entrevistador**

E, portanto, antes do curso, como é que vocês conseguiam identificar notícias falsas ou reconhecer que uma notícia era falsa?

**Formando 3**

Antes do curso, era difícil. Como a colega disse, às vezes, há notícias que são difíceis de identificar se são falsas ou verdadeiras. Eu acredito que as redes sociais, a televisão e as rádios só publicam e divulgam notícias falsas, porque elas vendem mais ou têm mais visualizações. Isso faz com que muita gente prefira notícias duvidosas.

### **Formando 3**

A televisão nunca põe uma notícia completamente falsa. Ela deixa a notícia meia duvidosa, porque aquilo vai aumentar o nível de audiência e muita gente vai descobrir. Mas com o curso, aprendi mais sobre essas questões. Tinha algumas dificuldades, principalmente com as da internet, que são as que mais viralizam e que acho que são as mais perigosas. Mas depois do curso, os formadores nos ensinaram que há maneiras de verificar essas notícias, como o uso de polígrafo.

### **Formando 3**

Podemos ver vários sites e também se forem institucionais conseguimos entrar e verificar se é verdadeira ou falsa. Agora, se calhar, tenho um bocadinho mais cuidado.

### **Formando 4**

Quer dizer, este senhor também tem razão. Todos nós, é assim. Claro que a experiência de vida também nos permite, como na vida real, não é só na vida. Quer dizer, a distinguir o trigo do joio, mas às vezes é difícil, tal como a distinção do trigo do joio. Só quando temos o bom senso, nós temos que usá-lo. E claro que às vezes é muito difícil. Quanto mais isso no seu trabalho, quer dizer, quanto mais.

### **Formando 4**

A malandragem está especialista, é mais difícil, e, portanto, temos que usar o nosso bom senso. Claro que é verdade, a experiência de vida conta muito e toda essa experiência. Como esta colega disse: quando é demais, temos que desconfiar. Mas às vezes as coisas são cada vez mais especializadas. Quando se especializam, torna-se mais difícil de distinguir o que é verdade e o que é mentira.

### **Formando 4**

O problema é quando começa a ser ou quando há... porque uma boa mentira, para ser credível, tem que ter alguma coisa de verdade. É como na nossa vida, é como na vida. Quando nos querem, portanto, têm sempre uma parte de verdade para ser credível. Claro que este senhor também, claro que a experiência de vida conta muito e toda essa experiência, claro. Como esta senhora disse, nós estamos aqui, aprendemos mais? Claro que sim, claro que nos falta mais. Seria sempre útil repetir o curso e atualizarmo-nos.

#### **Formando 4**

Temos que ter cuidado com a internet, claro que foi muito útil este módulo. Agora, claro, nunca é demais até repetir e até atualizarmo-nos. É como uma investigação criminal aqui em Portugal. Quer dizer, isto é uma luta entre o rato e o gato. Não fiquemos também fechados numa bolha. Temos que conseguir arranjar estratégias. Concretamente, irmos a sites, usar tudo isso. Mas, como na vida, não ficamos a pensar "Ah, já sabemos tudo". Não, temos que nos atualizar e temos que estar sempre alerta, como na vida real. Alerta.

#### **Formando 5**

Eu acho que o curso foi sempre significativo, foi sempre significativo. Eu também gostei muito de ouvir aquela senhora, e também esta senhora, há bocado. Disseram, no global, aquilo que é o mundo real.

#### **Entrevistador**

Antes de fazerem o curso, qual era a importância que vocês atribuíam ao combate à desinformação, ou seja, o combate às notícias falsas? Qual era a importância?

#### **Formando 4**

Eu já dava importância. Eu não usava nada disto, infelizmente. Tinha sido excluída, mas é o mundo que temos, é o país que temos. Mas claro que seria e até não é preciso chegarmos aqui. Claro que aqui, depois, há uma especialização também, quer dizer, com os jornais, com as rádios, com o que se ouve, com os boatos. Claro que temos que estar atentos. Já eu tinha essa preocupação, mas agora com o curso ainda mais.

#### **Formando 4**

Quer dizer, na altura, já dava importância à desinformação e agora estamos mais atentos a formas de, não é contrariar, mas de, ou seja, com o que aprendemos, chamar mais a atenção, filtrar mais adiante, de separar o que a gente lê. Filtrar exatamente. Pronto, exatamente.

#### **Formando 5**

Isto é bastante, é bastante vasto, porque eu lembro-me de quando cheguei à Alemanha Democrática. Quando cheguei, o que eu vi na Alemanha? Nesse tempo, o mundo estava bem fechado. Portanto, são coisas que nem vale a pena a gente pensar que agora há mais verdade, porque nem um quarto disso era verdade. Eu cheguei à Alemanha e os alemães

diziam-me que nunca saíam da Alemanha Democrática. Diziam que eles sabiam que, na África, os colonialistas inglês, português e francês tinham uma praia só para eles.

#### **Formando 5**

Depois eles conseguem conversar com um africano. E eu disse-lhes: "Eu nunca devia ter saído". Nunca ouvi uma situação de que havia informações tão más. Era muito mais péssimo do que agora, no tempo quando o mundo estava fechado.

#### **Formando 4**

Pois, mas por outro lado, não havia tanta especialização da malandragem e globalização. Era como a colega disse, era dada como verdade, porque ninguém tinha os meios que temos hoje para investigar.

#### **Formando 4**

É sempre a mesma coisa em relação aos boatos. Diz que diz... como num bairro, como numa aldeia global. E ainda com a agravante de quem é malandro, tem muito mais mecanismos. É, quer dizer, como em outras áreas. Portanto, temos que ir tendo cuidado.

#### **Formando 6**

Hoje em dia, temos muita falsidade. Mas antes havia mais falsidade, só que não era divulgado. Agora, com a internet, as coisas ganham outra escala.

#### **Entrevistador**

Como é que vocês, quando se deparavam com uma notícia que achavam que podia ser falsa, mas não tinham a certeza, faziam para, no dia a dia, identificar essa notícia?

#### **Formando 4**

Uma pessoa procura, quer dizer, ouvir algumas fontes. Antes na vida, tentávamos ouvir e pensar. Usávamos os neurónios. Usa-se o diálogo, conversar com outra pessoa para saber a opinião dela sobre a notícia. Eu acho que isso funciona. Ouvir outras opiniões, tal como estamos agora a fazer aqui. É a mesma coisa.

#### **Formando 6**

Sim, usa-se o diálogo, tal como estamos a fazer aqui. Na internet, pesquisamos em vários sites. Antes, era ouvir, ouvir outras opiniões.

**Entrevistador**

Se tiverem redes sociais, alguns sim, outros não. Se recebem uma notícia, confirmam antes de partilhar com os vossos familiares ou amigos?

**Formando 7**

Sabemos agora que há imensa gente, infelizmente, que ouve e tal, e depois partilham, e andam a partilhar coisas que não são confirmadas. E é assim que se multiplica como bactérias.

**Formando 2**

É, e as bactérias multiplicam-se, quer dizer... é como o mal, o mal só existe porque há quem o alimente. Vai se multiplicando, vai, vai. E a certa altura aquilo estava só assim, as pessoas acreditam, vão lá. E a certa altura, alastram. É muito fácil.

**Formando 7**

Leio jornais ou revistas credíveis, não é? Mas o que é que é credível hoje em dia? Todos são tendenciosos. Aí é que está, pronto. Se virmos 10 notícias e 6 ou 7 são iguais e as outras não, provavelmente as 6 ou 7 serão mais verdadeiras.

**Formando 4**

Agora, não quero dizer que, claro... é natural que uma pessoa pense assim. Mas se uma notícia falsa se disseminar por aí a fora, exatamente, são muitas, e muita coisa é falsa.

**Formando 4**

Pode haver alguém que diga: "Não, isso não é verdade", mas pronto, é só uma pessoa. E, no fundo, aquela pessoa é que tinha razão. Às vezes temos que pensar nisso exatamente.

**Formando 5**

É difícil, às vezes, hoje em dia. Na atualidade, nós temos muita incerteza sobre as notícias que nos chegam, se são 100% fiáveis ou não. Se as notícias sobre o COVID eram fiáveis ou não, se as notícias sobre guerras, ou sobre quem roubou ou não roubou, se são fiáveis ou não. 100% nunca sabemos.

**Formando 2**

A não ser que estejamos diretamente envolvidos na situação que está a ser noticiada, como no caso do COVID, onde, se estivermos a trabalhar no hospital, como enfermeira, apercebemo-nos melhor da veracidade das coisas. Mas mesmo assim, muitas vezes não

vêm divulgar. É como o caso do Bibi, por exemplo, no escândalo da Casa Pia. Não sei se recordam, a minha vizinha da frente era cozinheira lá dentro. Eles sabiam o que se passava lá dentro, mas não vinham cá para fora divulgar. Porquê? Porque tinham medo de perder os empregos.

**Entrevistador**

Pois, compreendo. Às vezes acaba-se por não contrariar notícias falsas com receio de represálias.

**Formando 5**

Sim, a falta de transparência é um grande problema. Afinal, todos os dias dizem que somos transparentes, que as empresas são transparentes, que o governo é transparente, que a Câmara é transparente. Mas temos que começar por nós. Temos que pensar por nós.

**Formando 1**

Há muita coisa que não deve vir cá para fora. Eu, por exemplo, era colunista do jornal do meu clube e, claro, não ia prejudicar o meu clube. Tenho segredos que ainda hoje guardo comigo, que nunca contei a ninguém. Sigilo profissional.

**Entrevistador**

Em relação à sessão sobre as notícias falsas, como é que foi abordado esse tema? Que tipo de atividades fizeram? Como é que participaram? Se tivessem que explicar a alguém, como contariam o que foi feito no curso?

**Formando 2**

Perante uma notícia, sugerem-nos logo que também é muito importante verificar se o site tem o cadeado, o que nos dá uma certa segurança na informação. Convém pesquisar em vários sites, e sites que sejam aparentemente credíveis. Quer dizer, neste momento, já pensamos mais sobre o que estamos a ler.

**Formando 8**

Há coisas que são notícias enganosas, outras que são simplesmente incorretas. Às vezes, são intencionalmente enganosas. Temos que verificar o site, o jornalista, a data da notícia, e se a notícia é credível.

#### **Formando 4**

Às vezes lemos qualquer coisa como verdade, mas é intencional. Como no caso do avião Canadair, mesmo assim, ficamos com dúvidas. Tivemos um exercício no curso sobre um avião que teria caído. O jornalista estava convicto, mas quando fomos pesquisar os factos, percebemos que havia contradições.

#### **Formando 4**

Porque às vezes é com a melhor das intenções que eles passam a informação. Mas só quem estivesse lá, no local, saberia o que realmente aconteceu.

#### **Formando 1**

Notícia falsa é aquela que o ministro da Defesa disse há 15 dias, 3 semanas, quando afirmou que ia dar um subsídio aos ex-combatentes. Ele nunca vai dar, mas eu já não tenho expectativas.

#### **Formando 4**

Isso é mais uma intenção do que uma notícia.

#### **Formando 3**

No curso, puseram-nos várias questões e várias notícias, mais ou menos idênticas ao exercício de hoje. Pediram-nos para pesquisar no Google para ver se eram verdadeiras ou falsas. Havia notícias, como a colega disse, sobre o avião Canadair. Quando saiu uma notícia de que estava a cair, nem os jornalistas sabiam se era verdade ou falsa. Podia ser de um outro país, podia ser em Portugal. E os media estavam a falar disso sem certezas. Passou uma hora e saiu uma notícia diferente. No final, concluiu-se que o avião não tinha caído.

#### **Formando 3**

Também nos falaram de links que recebemos no telefone. Os formadores falam muito sobre a necessidade de prestar atenção à credibilidade do que é institucional. O polígrafo também foi mencionado, e eu não o conhecia antes do curso. Agora já sei que na televisão também usam o polígrafo para verificar a veracidade das notícias.

#### **Formando 5**

Eu conheço alguém que recebeu um telefonema do banco. Foi ao multibanco, fez uma transferência e o dinheiro desapareceu. Quando tentou ligar de volta, nunca mais conseguiu. Eu tenho uma dúvida sobre isso, porque uma vez também recebi um telefonema de alguém

que dizia ser do banco. A pessoa sabia o meu nome, o meu histórico bancário e tudo. Disse-me que eu tinha que fazer um movimento, mas a única coisa que me levantou suspeitas foi que eu já tinha feito esse movimento há duas horas. Quando comecei a questioná-la, ela simplesmente desligou o telefone.

#### **Formando 5**

E aí você fica a pensar: “Como é que eles têm os meus dados?”. Só o banco tem os meus dados. Como é que alguém me ligou? Há muita especialização nisto hoje em dia.

#### **Formando 8**

Misturam os nossos dados com outras informações para nos dar confiança. É uma especialização perigosa.

#### **Formando 6**

Há uns tempos, o Zuckerberg foi chamado à Comissão Europeia e foi interrogado duas vezes. Aplicaram-lhe uma multa de 12 milhões de euros. Ele pegou nos dados do Google e forneceu-os, e com isso fez muito dinheiro. Estão a usar os nossos dados. Esses dados têm muito valor. Eles traçam o perfil do utilizador, do consumidor, do votante potencial e conseguem influenciar grandes decisões políticas. A Rússia, por exemplo, trabalha muito bem nesse campo, apoiando partidos de extrema-direita, como a Frente Nacional e o Trump.

#### **Formando 5**

Aí está. Eles manipulam as nossas escolhas. Mas não é só isso, é também para fazer chegar uma mensagem muito mais eficaz às pessoas. A democracia que temos não consegue competir com essas estratégias.

#### **Entrevistador**

Querem acrescentar mais alguma coisa sobre o que aprenderam no curso?

#### **Formando 7**

Talvez fosse importante incorporar inteligência artificial no curso, porque eu agora estava aqui com esse problema. Eu não quero fazer pesquisa, eu quero que o computador me responda, e depois eu vou validar o que o computador me disser.

#### **Entrevistador**

É uma boa sugestão. Já fica aqui essa informação. Vamos então passar à frente. Lembra-se de alguma atividade específica que realizaram durante a formação?

**Formando 8**

Eu achei importante falarem no curso sobre o cadeado seguro e a identificação de notícias verdadeiras ou falsas, e também sobre as fraudes em sorteios que recebemos no telemóvel. Aqueles que dizem: “Você é o visitante 1 milhão, ganhou um carro” ou “O seu telemóvel tem vírus, instale esta aplicação”.

**Formando 8**

A verdade é que quando instalamos uma app, já estamos a correr riscos. Temos que ter antivírus no computador e no telemóvel. O telemóvel já está protegido, então convém navegar de forma anónima.

**Formando 4**

Não é só uma questão de segurança, mas também de não sermos usados pelas máquinas. Temos que estar atentos e proteger os nossos dados, porque se não ficarmos vigilantes, estamos a ser manipulados. Temos que usar o bom senso, como sempre.

**Entrevistador**

Agora que frequentaram o curso, utilizam sites ou ferramentas para se protegerem de notícias enganosas? Têm mais cuidado agora?

**Todos.**

Sim.

**Formando 5**

Vai-se pesquisar mais. Usa-se o cadeado, o HTTPS, e o anonimato. Agora tomamos mais cuidado.

**Entrevistador**

E se algum familiar ou amigo vos enviar uma notícia, uma SMS no telemóvel, o que é que fazem?

**Formando 6**

Faço isso muitas vezes com os meus filhos. Digo-lhes: “Olha lá isso”, e mostro-lhes a mensagem e pergunto como fazer.

**Entrevistador**

O que é que vocês fazem quando recebem essas mensagens duvidosas de familiares ou amigos?

### **Formando 3**

Normalmente, quando recebo uma mensagem ou link duvidoso, ignoro. E quando alguém me pergunta o que fazer, eu digo: “Não abras, é melhor ignorar. E não partilhes.”

### **Entrevistador**

E quando alguém partilha convosco uma notícia no Facebook, a dizer que o governo vai distribuir 1000 euros a todos? O que é que vocês pensam de notícias deste género, por exemplo, que vos são enviadas por WhatsApp, partilhadas por um amigo?

### **Formando 1**

Atenção, atenção, houve há um tempo uma história do homem do Licor Beirão que distribuiu um carro a cada trabalhador, e depois tiveram que devolver os carros, porque o homem já estava velho e já não sabia o que estava a fazer. Não se lembram disto?

### **Entrevistador**

Então, se um amigo vos envia uma notícia como essa, o que é que vocês fazem em relação a essa notícia?

### **Formando 6**

Primeiro vejo se tem alguma lógica. E depois, se não houver, fico na dúvida. Pesquiso um pouco mais e tento chegar a uma conclusão com base no bom senso e nas fontes.

### **Entrevistador**

Aqui a colega já referiu como se protege das notícias falsas. E vocês, como é que se protegem não só das notícias, mas também de outras situações enganosas, como as chamadas de números internacionais que querem aceder aos nossos dados? Já aconteceu?

### **Formando 7**

Já. Quando me ligam de um número desconhecido, principalmente de outros países, desligo logo. Se for realmente importante, a pessoa manda uma mensagem. Eu faço isso. Se não houver mensagem, bloqueio o número imediatamente.

### **Todos**

Sim, é isso.

**Formando 8**

Como estávamos a falar de segurança, uma das coisas que uso é a dupla autenticação para aceder a serviços, como o email. E também peço para fazer login através de SMS, porque assim evito fraudes telefónicas.

**Formando 7**

Sim, também faço isso. Tenho toques de alerta, por exemplo, no telefone, para saber quando alguém liga e verificar se é de confiança.

**Entrevistador**

Sentem-se mais confiantes agora, depois do curso, para lidar com essas situações? Mais seguros?

**Todos**

Sim.

**Formando 7**

Mais desconfiados, talvez. Agora há mais situações que geram desconfiança, mas também sabemos como nos proteger melhor, como bloquear números e denunciar situações.

**Entrevistador**

O que é que sentiram que faltou no curso para aprenderem a lidar com as notícias falsas? O que acham que poderia ter sido abordado mais profundamente ou o que gostariam que fosse incluído em cursos futuros?

**Formando 1**

Eu acho que este tipo de informações, às vezes, é mais para espalhar boatos. Quando espalham esse tipo de informação, às vezes é só para confundir as pessoas, causar caos no mundo. Essa é a minha opinião.

**Entrevistador**

Sim, mas no curso, o que seria importante aprender para identificar ou lidar com notícias falsas? Haveria outras estratégias que deveriam ser ensinadas?

**Formando 6**

No Ocidente, ainda não há, pelo menos que eu saiba, nenhum país que penalize efetivamente as pessoas que divulgam notícias falsas.

## **Formando 8**

Incorporar inteligência artificial nas pesquisas seria útil. Em vez de ter que pesquisar em vários sites, poderíamos perguntar a uma ferramenta de IA e o Google, por exemplo, já nos daria a resposta imediata se a notícia é falsa ou não.

## **Formando 5**

Talvez precisássemos de mais tempo e mais exemplos. Ficamos, às vezes, com dúvidas. Há notícias que, mesmo após pesquisa, ainda geram incerteza. Podíamos comparar 10 sites, e 5 diziam que a notícia era verdadeira e os outros 5 diziam que era falsa. Isso deixa-nos na dúvida, e, no fundo, temos que escolher em que acreditar.

## **Formando 5**

Mas, claro, avaliamos as fontes. Vocês já disseram isso. Das 10 notícias, temos que perceber quais são as fontes com mais reputação. Mas há outras maneiras também, como perceber se a notícia está a tentar manipular a nossa opinião. Às vezes, vemos que estão claramente a influenciar a nossa opinião.

## **Formando 1**

Portanto, eu penso que o importante é estarmos mais dentro da matéria para poder agir e aconselhar. Porque às vezes, muitas opiniões também geram mais confusão. Eu sou mais adepto do diálogo, do trabalho em equipa, mas às vezes é preciso uma liderança, alguém que decida.

## **Formando 2**

E há o caso do exercício que fizemos da Fundação Gulbenkian que, na altura, dizia que tinha dado 1 Milhão de euros. Depois, passado algum tempo, já diziam que tinham dado vários Milhões. Isso também confunde as pessoas. Na altura, quando pesquisei, vi que afinal o valor tinha mudado. Isso causa confusão.

## **Formando 8**

Há notícias ou informações que aparecem e que nos fazem questionar. Por exemplo, um amigo ou familiar partilha algo que parece bom demais para ser verdade no Facebook.

**Formando 5**

Depende da notícia se partilho ou não. Se convém ou não convém. Às vezes, se recebemos algo que achamos bom, pode ser que a gente divulgue também, mas tem a ver com a nossa opinião e com o que achamos.

**Formando 5**

Mas claro, o curso ajuda-nos a fazer os passos certos. Agora já sabemos melhor como avaliar a informação antes de partilhar.

**Entrevistador**

Este programa para a inclusão digital tem um dos módulos que é o curso de “Navegar na Internet em Segurança”. Vocês encontraram formação noutras locais, sem ser na Câmara, sobre notícias falsas ou proteção na internet? Ou algum outro curso que tenham feito?

**Todos**

Não encontramos.

**Formando 7**

Não. O que existe são entrevistas com especialistas em inteligência artificial e internet. Vários especialistas dão a sua opinião e dizem o que pode acontecer, alertam as pessoas. Mas não ensinam necessariamente como evitar.

**Entrevistador**

E este curso foi útil? Acham que deveria ser disseminado?

**Todos**

Muito.

**Formando 5**

Sim, claro. Mas deveria ter maior duração, talvez.

**Entrevistador**

Mais alguma informação que gostariam de acrescentar?

**Todos**

Não.

**Entrevistador**

Agradeço a todos pela vossa participação. Foi muito interessante ouvir as vossas perspetivas.

**Anexo I - Grelha de Análise de Conteúdos das Entrevistas aos formadores**

## Anexo I - Grelha de Análise de Conteúdos das Entrevistas aos formadores

<b>Categorias</b>	<b>Sub-categorias</b>	<b>Indicadores</b>
1. Combater a desinformação nas iniciativas de literacia digital	1.1 Natureza das iniciativas	1.1.1 Tipos de iniciativas
		1.1.2 Público-alvo
		1.1.3 Duração e estrutura
		1.1.4 Importância do tema na educação de adultos
	1.2 Colaboração e parcerias	1.2.1 Papel das parcerias
		1.2.2 Colaborações internacionais
2. Formação e estratégias pedagógicas	2.1 Estratégias e métodos pedagógicos	2.1.1 Métodos interativos
		2.1.2 Aprendizagem ativa
		2.1.3 Estratégias online vs. estratégias presenciais
	2.2 Conteúdos	2.2.1 Criação de conteúdos
		2.2.2 Integração de exemplos práticos
		2.2.3 Utilização da tecnologia
3. Impactos nos participantes	3.1 Mudanças comportamentais	3.1.1 Estímulo ao pensamento crítico
		3.1.2 Resultados práticos
	3.2 Desafios no combate à desinformação	3.2.1 Confiança dos participantes
		3.2.2 Barreiras à análise crítica
4. Natureza evolutiva das informações falsas	4.1 Tendências e direções futuras	4.1.1 Papel da inteligência artificial
		4.1.2 Novos desafios

**Anexo J - Grelha de Análise de Conteúdos da Entrevista de Grupo Focal aos formandos**

**Anexo J - Grelha de Análise de Conteúdos da Entrevista de Grupo Focal aos formandos**

<b>Categoria</b>	<b>sub-categoria</b>	<b>indicador</b>
1. Perceção e consciência das notícias falsas	1.1 Perceção inicial	1.1.1 As notícias falsas são comuns nos media
		1.1.2 Dificuldade em distinguir a verdade da falsidade antes da formação
	1.2 Consciência pós-formação	1.2.1 Aumento do ceticismo após a formação
		1.2.2 Compreensão da influência dos media na formação da perceção
2. Métodos de identificação de desinformação	2.1 Estratégias aprendidas	2.1.1 Verificação das notícias através de múltiplas fontes
		2.1.2 Utilizar ferramentas e sítios Web de verificação de factos
		2.1.3 Reconhecer indicadores de segurança (https, ícone de cadeado)
	2.2 Utilização de ferramentas e técnicas	2.2.1 Aplicação de ferramentas digitais (por exemplo, Polígrafo, cruzamento de referências de sítios fiáveis)
		2.2.2 Sensibilização para o phishing e as burlas em linha
3. Desafios na distinção da desinformação	3.1 Complexidade do conteúdo das notícias	3.1.1 Confusão causada por títulos enganosos ou exagerados
		3.1.2 Dificuldade em verificar notícias de última hora ou contraditórias
4. Impacto no comportamento após a formação	4.1 Alterações nas práticas quotidianas	4.1.1 Verificar duas vezes a informação antes de a partilhar
		4.1.2 Evitar envolver-se com conteúdos suspeitos
	4.2 Influência nos círculos sociais	4.2.1 Incentivar os outros a verificar as informações
		4.2.2 Redução da probabilidade de partilhar notícias não verificadas

## **Anexo K - Grelha de Análise Documental**

## Anexo K - Grelha de Análise Documental

Categoria	Subcategoria	Indicadores
Objetivo da Formação	Combate à desinformação	Capacitar para a identificação e verificação de fake news
		Promover o pensamento crítico para prevenir a partilha de desinformação
		Capacitar profissionais da comunicação para lidar com desinformação
		Incentivar a utilização de ferramentas digitais de fact-checking
	Cidadania digital	Promoção de uma utilização responsável e crítica dos meios digitais
		Enfoque no uso ético e informativo da internet
		Capacitação dos cidadãos para o envolvimento cívico e político através de uma literacia digital informada
Verificação de factos	Capacitação para o uso de ferramentas digitais de verificação	
Público-alvo	Profissionais de comunicação	Cursos direcionados para jornalistas
		Formações para produtores de conteúdo online
		Oferta voltada a gestores de redes sociais e assessores de imprensa
	Cidadãos em geral	Formações abertas ao público não especializado

		Cursos direcionados a grupos específicos, como formandos sem literacia digital prévia
		Envolvimento de cidadãos interessados em temas de cidadania digital e desinformação
	Educadores	Formações para docentes de ensino secundário e superior
Conteúdos Programáticos	Definição e origens das fake news	Explicação teórica sobre o conceito de fake news
		Análise histórica e contextual de como as fake news surgiram
		Explicação das motivações por trás da criação e disseminação de fake news
	Técnicas de verificação	Ensinar como identificar sinais de desinformação nas notícias
Utilização de ferramentas digitais específicas para a verificação de factos		
Análise da credibilidade das fontes e dos autores de notícias		
Métodos Pedagógicos	Quizzes interativos	quizzes para reforçar a aprendizagem e avaliar o progresso dos formandos
		Frequência dos quizzes como mecanismo de avaliação de conhecimento
		Quizzes focados na aplicação prática dos conteúdos (fact-checking, por exemplo)
	Análise de casos práticos	Estudos de caso baseados em exemplos reais de desinformação

		Casos de verificação de factos em contexto profissional (ex: jornalismo)
		Simulações de situações onde os formandos devem aplicar as técnicas aprendidas
	Aulas expositivas	Número de aulas expositivas e sessões de explicação
Ferramentas de Verificação	Fact-checking digital	Disponibilidade de ferramentas de verificação como browser extensions (extensões de navegador)
		Uso de plataformas especializadas em fact-checking
		Métodos de automatização da verificação de factos
Práticas de Denúncia	Capacitação para denúncia	Plataformas adequadas para denúncia
		Identificar fraudes e reportar mensagens fraudulentas e fake news
		Instruções sobre como monitorizar a denúncia e garantir o seu seguimento
Estratégias de Prevenção	Pensamento crítico	Desenvolvimento de competências para avaliar criticamente as informações
		Estratégias para reconhecer vieses e manipulações em conteúdos online
	Educação sobre credibilidade	Métodos para verificar a reputação de fontes de notícias
	Online	Plataformas digitais para formação

Modalidade de Formação		cursos de autoaprendizagem online, com flexibilidade de horários
	Presencial	Número de horas de formação presencial
	Misto (blended)	Combinação de sessões online e presenciais
Duração da Formação	Curta duração	Cursos focados na introdução de conceitos essenciais sobre desinformação e práticas de verificação.
	Média duração	Permitir maior profundidade na análise de fake news e práticas de fact-checking.
	Longa duração	Foco em temas como desinformação, cibersegurança e práticas avançadas de verificação.
Avaliação e Certificação	Quizzes e testes	quizzes ao longo da formação para medir o progresso e testar as competências adquiridas em verificação de factos.
	Certificação digital	Certificação digital após a conclusão do curso
	Autoavaliação	Métodos utilizados pelos formandos para avaliar o seu progresso
Parcerias e Colaborações	Parcerias institucionais	Número de instituições parceiras envolvidas em cada formação - centros de cibersegurança, universidades e organizações educativas.
	Parcerias internacionais	Número de parceiros internacionais em cada formação
	Apoio governamental	Participação de entidades governamentais no financiamento ou promoção das formações

Impacto da Formação	Competências adquiridas	Desenvolvimento de competências de verificação de factos
	Mudança de comportamento	Mudanças comportamentais observadas ou reportadas pelos formandos após a formação
	Alcance social	Número de participantes atingidos por cada formação
	Alcance social	Promover uma cidadania digital mais consciente e participativa
Contexto de Implementação	Nacional	Alinhamento das formações com as necessidades e desafios de Portugal
	Europeu	Integração das formações em programas europeus
	Setor específico	Adequação das formações aos desafios específicos de setores (ex: jornalismo, educação)

Anexo K - Grelha de Análise Documental

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Indicadores</b>
Objetivo da Formação	Combate à desinformação	Capacitar para a identificação e verificação de fake news
		Promover o pensamento crítico para prevenir a partilha de desinformação
		Capacitar profissionais da comunicação para lidar com desinformação
		Incentivar a utilização de ferramentas digitais de fact-checking
	Cidadania digital	Promoção de uma utilização responsável e crítica dos meios digitais
		Enfoque no uso ético e informativo da internet
		Capacitação dos cidadãos para o envolvimento cívico e político através de uma literacia digital informada
Verificação de factos	Capacitação para o uso de ferramentas digitais de verificação	
Público-alvo	Profissionais de comunicação	Cursos direccionados para jornalistas
		Formações para produtores de conteúdo online
		Oferta voltada a gestores de redes sociais e assessores de imprensa
	Cidadãos em geral	Formações abertas ao público não especializado
		Cursos direccionados a grupos específicos, como formandos sem literacia digital prévia
		Envolvimento de cidadãos interessados em temas de cidadania digital e desinformação
	Educadores	Formações para docentes de ensino secundário e superior
Conteúdos Programáticos	Definição e origens das fake news	Explicação teórica sobre o conceito de fake news
		Análise histórica e contextual de como as fake news surgiram
		Explicação das motivações por trás da criação e disseminação de fake news
	Técnicas de verificação	Ensinar como identificar sinais de desinformação nas notícias
		Utilização de ferramentas digitais específicas para a verificação de factos

		Análise da credibilidade das fontes e dos autores de notícias
Métodos Pedagógicos	Quizzes interativos	quizzes para reforçar a aprendizagem e avaliar o progresso dos formandos
		Frequência dos quizzes como mecanismo de avaliação de conhecimento
		Quizzes focados na aplicação prática dos conteúdos (fact-checking, por exemplo)
	Análise de casos práticos	Estudos de caso baseados em exemplos reais de desinformação
		Casos de verificação de factos em contexto profissional (ex: jornalismo)
		Simulações de situações onde os formandos devem aplicar as técnicas aprendidas
Aulas expositivas	Número de aulas expositivas e sessões de explicação	
Ferramentas de Verificação	Fact-checking digital	Disponibilidade de ferramentas de verificação como browser extensions (extensões de navegador)
		Uso de plataformas especializadas em fact-checking
		Métodos de automatização da verificação de factos
Práticas de Denúncia	Capacitação para denúncia	Plataformas adequadas para denúncia
		Identificar fraudes e reportar mensagens fraudulentas e fake news
		Instruções sobre como monitorizar a denúncia e garantir o seu seguimento
Estratégias de Prevenção	Pensamento crítico	Desenvolvimento de competências para avaliar criticamente as informações
		Estratégias para reconhecer vieses e manipulações em conteúdos online
	Educação sobre credibilidade	Métodos para verificar a reputação de fontes de notícias
Modalidade de Formação	Online	Plataformas digitais para formação
		cursos de autoaprendizagem online, com flexibilidade de horários
	Presencial	Número de horas de formação presencial
Misto (blended)	Combinação de sessões online e presenciais	
Duração da Formação	Curta duração	Cursos focados na introdução de conceitos essenciais sobre desinformação e práticas de verificação.

	Média duração	Permitir maior profundidade na análise de fake news e práticas de fact-checking.
	Longa duração	Foco em temas como desinformação, cibersegurança e práticas avançadas de verificação.
Avaliação e Certificação	Quizzes e testes	quizzes ao longo da formação para medir o progresso e testar as competências adquiridas em verificação de factos.
	Certificação digital	Certificação digital após a conclusão do curso
	Autoavaliação	Métodos utilizados pelos formandos para avaliar o seu progresso
Parcerias e Colaborações	Parcerias institucionais	Número de instituições parceiras envolvidas em cada formação - centros de cibersegurança, universidades e organizações educativas.
	Parcerias internacionais	Número de parceiros internacionais em cada formação
	Apoio governamental	Participação de entidades governamentais no financiamento ou promoção das formações
Impacto da Formação	Competências adquiridas	Desenvolvimento de competências de verificação de factos
	Mudança de comportamento	Mudanças comportamentais observadas ou reportadas pelos formandos após a formação
	Alcance social	Número de participantes atingidos por cada formação
	Alcance social	Promover uma cidadania digital mais consciente e participativa
Contexto de Implementação	Nacional	Alinhamento das formações com as necessidades e desafios de Portugal
	Europeu	Integração das formações em programas europeus
	Setor específico	Adequação das formações aos desafios específicos de setores (ex: jornalismo, educação)